

Patativa do Assaré

POETA UNIVERSAL



ASSIS ÂNGELO • CÂNDIDO B. C. NETO • GILMAR DE CARVALHO
INÁCIO ARRUDA (organizador) • JOAN EDESSON • OSWALD BARROSO • PLÁCIDO
CIDADE NUENS • ROSEMBERG CARIRY • SYLVIE DEBS • TADEU FEITOSA

O sonho do Patativa

É mais do que merecida e atual a homenagem que o senador Inácio Arruda presta ao poeta Patativa do Assaré. Os articulistas que integram a publicação sobre o grande cearense são de primeira grandeza. Oswald Barroso, Rosemberg Cariry e os demais ensaístas entendem de Patativa, de cultura e de Brasil. A publicação nos enche de alegria e nostalgia de um Brasil sofrido, mas belo e cheio de esperanças, que Patativa nos legou em vida e poesia.

O primeiro Patativa me veio pelos alto-falantes da Difusora de Alagoas, nos anos setenta, quando pedia para ouvir Triste Partida, o belo hino do retirante nordestino composto por Patativa, na voz de Luiz Gonzaga. Depois, em 1979, os estudantes de Letras da Universidade Federal do Ceará batizaram seu Centro Acadêmico com o nome do

PATATIVA
DO ASSARÉ

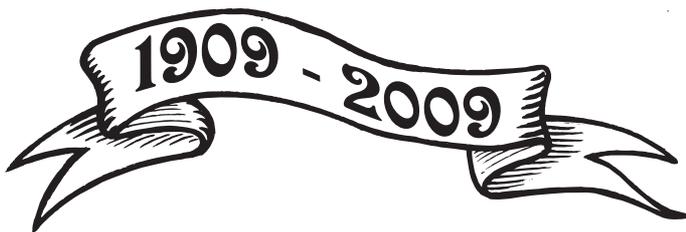
POETA UNIVERSAL

« Eu sou de uma terra que o povo padece
mas não esmorece e procura vencê.
Da terra querida, que a linda cabocla
de riso na boca zomba no sofrê.
Não nego meu sangue, não nego meu nome.
Olho para a fome, pergunto: que há ?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
sou cabra da peste, sou do Ceará »

Patativa do Assaré



Patativa do Assaré



PATATIVA - POETA UNIVERSAL



Organizador:

Senador Inácio Arruda

Textos:

Autores diversos

Capa e projeto gráfico:

Arievaldo Viana

Ilustrações:

Arievaldo Viana, Jô Oliveira

e reproduções de xilogravuras constantes
nas capas dos folhetos de Patativa do Assaré

Supervisão/Coordenação Editorial:

Gabinete do Senador Inácio Arruda

Revisor: Jorge Pieiro

Fortaleza, novembro de 2009

Catálogo na Fonte

Bibliotecária Perpétua Socorro T. Guimarães

CRB 3 801/98

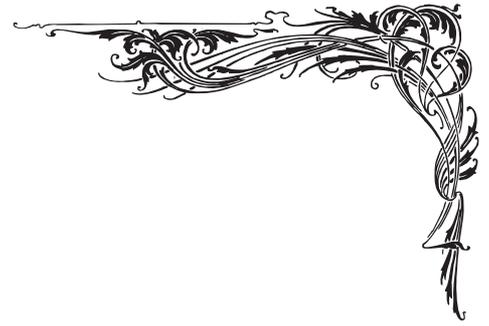
P 294 Patativa do Assaré: Poeta Universal
Senador Inácio Arruda [Organizador].
Fortaleza: Gráfica Pouchain Ramos,
2009.
180p. :il. (21 cm x 21cm)
O livro traz xilogravuras

1. Poesia brasileira 2. Antologia poética

I. Título

CDD: 869.1

ÍNDICE



Apresentação	07
ARTIGOS	11
Patativa, poeta do Brasil - Rosemberg Cariry	12
Patativa: o voo de um poeta - Oswald Barroso	27
Folhetos de Patativa do Assaré - Gilmar de Carvalho	36
Um olhar sobre a vida e a obra de Patativa do Assaré - Tadeu Feitosa	54
Celebrando Patativa, no seu centenário - Plácido Cidade Nuvens	63
A universalidade da poesia cearense de Patativa - Joan Edesson de Oliveira	68
Patativa do Assaré: Dr. Honoris Causa - Cândido B. C. Neto	81
Patativa do Assaré: Uma voz do Nordeste - Sylvie Debs	86
Poeta universal - Inácio Arruda	107
Entrevista com os filhos do poeta	113

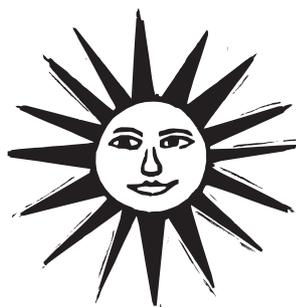
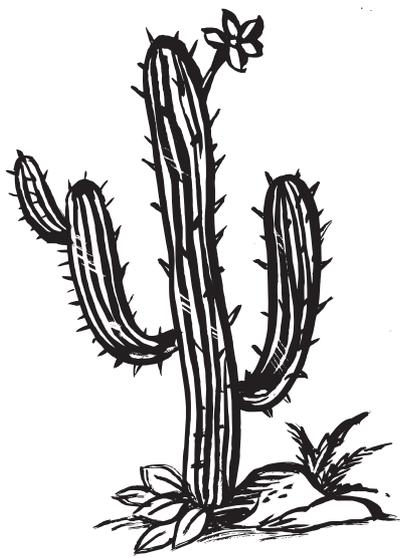


ANTOLOGIA	121
Festa da natureza	122
Cante lá, que eu canto cá	125
Vaca Estrela e boi Fubá	131
Eu quero	133
O vaqueiro	135
O Padre Henrique e o Dragão da Maldade	142
Cabra da peste	156
Minha serra	158
O boi zebu e as formigas	159
ANEXOS	163
Cronologia	164
Filmografia	173
Discografia	175
Bibliografia	178

APRESENTAÇÃO

Reverenciar a memória de Patativa do Assaré significa preservar o alcance universal da obra deste cearense que sempre teve, em sua terra natal, sua fonte de inspiração. Poucas vezes a frase “Se queres ser universal, fala da tua aldeia”, do escritor russo Tolstói, foi tão bem representada, e mais do que isto, tão esplendidamente vivida quanto em Patativa do Assaré.

Seu incomensurável talento individual, no entanto, tem uma origem própria: o Cariri cearense, terra natal de Patativa, que constitui, sem a menor sombra de dúvidas, um dos maiores celeiros de cultura popular do Nordeste brasileiro. O Cariri é a terra do artesanato em couro e ferro, dos cordéis, das xilogravuras, dos sanfoneiros de oito baixos feito Januário, dos reisados, das romarias em devoção a Padre Cícero, do simbolismo do beato José Lourenço na luta do Caldeirão e dos encantos da Floresta Nacional do Araripe. Todas essas características formam um caldo de cultura essencial para que o trabalho de Patativa, aliado a seu talento e





sensibilidade natos, florescesse com tanto vigor. É o cenário ideal para que o poeta pudesse captar e retratar a realidade de uma gente tão criativa, cantando as belezas rudes do sertão, mas também fazendo contundentes críticas políticas e sociais. Isso serviu como base para a formação de Patativa a tal ponto que, embora o poeta detivesse escolaridade formal mínima – apenas seis meses –, se tornasse leitor dos maiores clássicos da literatura em língua portuguesa e imprimisse seu nome ao lado de outras grandes personalidades da literatura mundial.

Por conhecer de perto a dura realidade de sua gente, de seu povo e compreender as causas de seu sofrimento, ele fez de sua poesia um instrumento de denúncia, expressão de sua indignação contra as injustiças sociais. Patativa jamais se furtou em participar de momentos significativos da luta do povo brasileiro, sendo figura atuante na luta pela redemocratização do País, pela Anistia, pela Reforma Agrária, pelos direitos dos trabalhadores e por um Brasil Livre e Soberano.

Falando das dores e alegria de sua gente, Patativa do Assaré conseguiu superar, na profundidade de seus versos, a dicotomia que reduz toda a riqueza cultural de um povo entre os conceitos de popular e erudito. Sua obra, internacionalmente reconhecida e estudada em várias universidades do mundo, ainda causa espanto pela beleza rítmica que brota do coração sertanejo de Patativa.

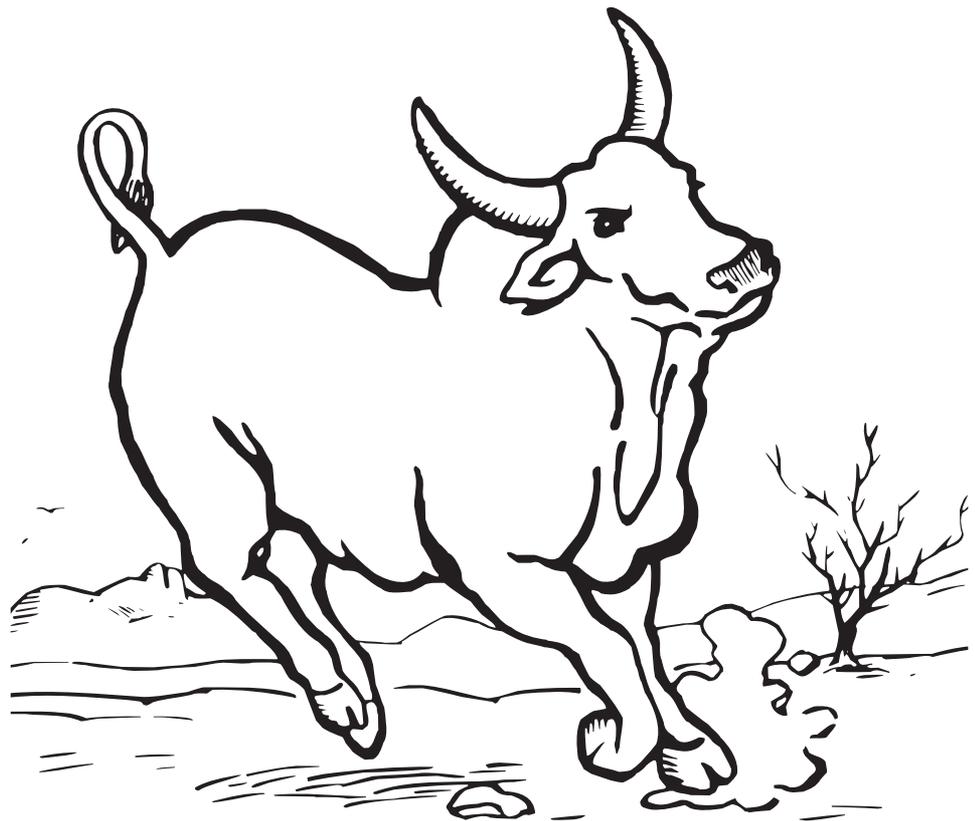
Mesmo sendo objeto de várias teses e pesquisas, a produção de Patativa permanece enigmática e misteriosa, pois para compreendê-la em toda sua profundidade e amplitude será preciso vê-la com os mesmos olhos de poeta com os quais Patativa enxergou o mundo ao seu redor. É por muitas vezes que escapa aos pesquisadores o significado dessa aparente contradição, que faz surgir de um homem de mãos calejadas a simplicidade de versos que surgem a partir de cenas corriqueiras e fatos do cotidiano, agigantando-se na medida em que a rima perfeita traduz a inesperada riqueza literária tantas vezes enaltecida.

Se estivesse vivo, Patativa completaria 100 anos em 2009, efeméride que o Brasil e o Senado Federal não poderiam deixar passar em branco. Contando com o apoio desta Casa, foram reunidos nesta publicação artigos de vários estudiosos que procuram desvendar toda a riqueza do trabalho de Patativa, além de uma coletânea com seus mais famosos e tocantes poemas. Este livro se propõe a prestar uma justa homenagem a Patativa, esse grande nome da cultura brasileira, contribuindo sobremaneira para que o Brasil celebre a mais autêntica forma de manifestação da arte popular brasileira, estendendo o conhecimento da sua obra por todas as regiões do País, particularmente para as novas gerações.

Que o centenário de Patativa se constitua em uma comemoração alegre e festiva para quem cantou em poemas a vida política brasileira, as dificuldades da população, seu sofrimento, mas cantou também a alegria do povo nordestino e do povo brasileiro.

Senador INÁCIO ARRUDA



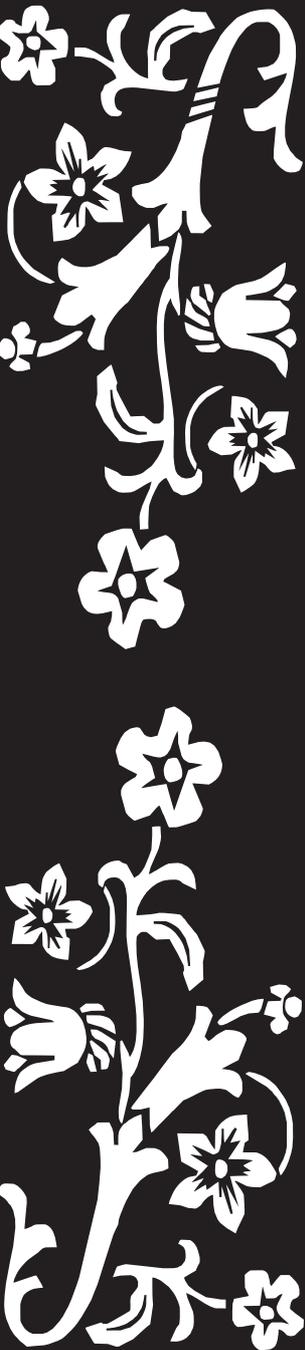


IO



ARTIGOS





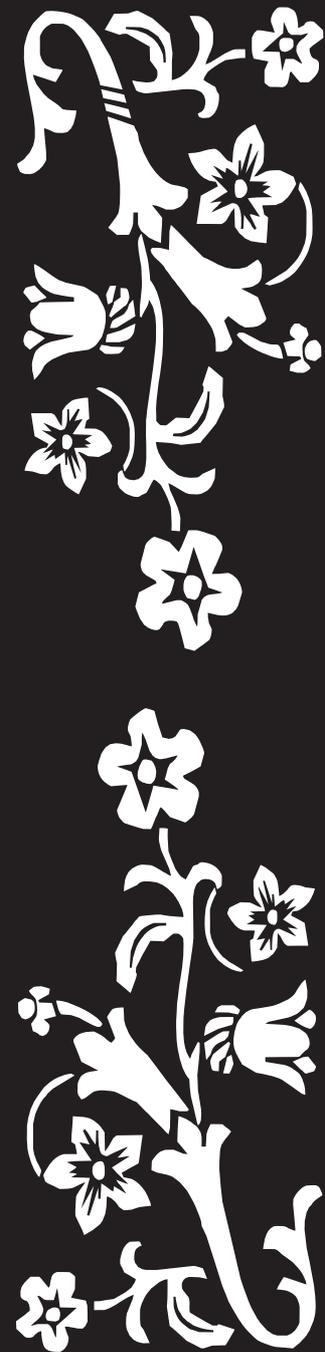
PATATIVA - POETA DO BRASIL

Rosemberg Cariry
Escritor e cineasta

As culturas populares nordestinas são diversificadas, ricas e complexas, plasmaram-se, ao longo dos séculos, com a contribuição de muitos povos e de muitas etnias. Nesta região, nascedouro da nação brasileira, historicamente, tiveram encontro marcado as principais vertentes das culturas ocidentais que se mesclaram com as culturas ameríndias e as culturas afro-brasileiras. Estas culturas populares, regionais e universais ao mesmo tempo são inesgotável fonte de renovação para os mais importantes movimentos culturais e artísticos brasileiros contemporâneos. Impossível citar todos os nomes nos diversos campos das artes que beberam nas fontes generosas das culturas populares. Escritores, poetas, músicos, artistas plásticos, dançarinos, cineastas e pensadores de todo o País têm obras fertilizadas com os signos das culturas populares nordestinas. Se estas culturas puderam oferecer elementos para a construção das artes contemporâneas e eruditas, com destaques no País e no exterior, é porque têm a capacidade de também gerar seus próprios artistas, escritores e poetas, inseridos na vida cotidiana e reconhecidos em suas próprias comunidades. Aqui falamos de artistas genuinamente populares, nascidos no seio do povo, vivendo em comunidade com este povo, aplaudidos e amados por esse mesmo povo. Como exemplo maior da excelência estética, da força comunicativa e social da poesia nascida no seio do povo - dentro de uma comunidade tradicional - com repercussão nos grandes centros urbanos, temos Patativa do Assaré, um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos - síntese de todas essas vertentes, profundo elo que une o passado ao presente, projetando-se para o futuro. Patativa do Assaré é guardião de saberes e sensibilidades de todo um povo.

A história de Antônio Gonçalves da Silva, o menino pobre do sertão que viria a se transformar no famoso Patativa do Assaré, embora pareça com as histórias de tantos outros Antônio ou Severinos, é singular: filho do agricultor Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, Antônio Gonçalves da Silva nasceu no dia 5 de março de 1909, na cidade Assaré, no Cariri cearense. Foi criado em meio a muitas privações e, ainda criança, começou a trabalhar na roça, com o pai e os irmãos. Em 1913, perdeu um olho por causa de uma inflamação, acontecimento que o destinaria para o resto da vida a levar no rosto a marca de Camões, tragédia e destinação. Seu pai, que também era poeta, morreu no dia 28 de março de 1917, piorando ainda mais a situação de pobreza da família, que vivia da agricultura de subsistência. A pequena propriedade rural foi dividida entre os filhos José, Antônio, Joaquim, Pedro, Maria e Mercês. Nas profundas noites do sertão, à luz das lamparinas, quando voltava da roça, o pequeno Antônio escutava os versos de cordel soletrados pelo seu irmão mais velho. História de fadas e encantamentos, de bois misteriosos e cavaleiros valentes, nas figuras de Roldão e Ferrabrás, causos de amor sem cura e notícias de um país que acordava para a modernidade. Impulsionado pela vontade de aprender, orientado pela mãe, começou a frequentar as aulas de um mestre-escola que sabia rudimentos de português e, na ponta do lápis, as quatro operações matemáticas. Foi alfabetizado por meio do livro de Felisberto de Carvalho, que da infância ficou-lhe como fonte inicial de todos os saberes, como um “tesouro da juventude”. O pequeno Antônio ficou menos de seis meses na escola, mas a sua inteligência privilegiada o levou a novas leituras, tornando-se um autodidata e lendo os raros livros que lhe caíam nas mãos.

Uma mudança importante aconteceu na vida do jovem Antônio, quando, por volta de 1925, depois de ouvir uma cantoria, pediu a sua mãe que vendesse uma cabra que possuía e, com o dinheiro, comprasse uma viola, com a qual começa a fazer cantorias na região da Serra de Santana e da Serra do Quincuncá (Kim com “k”). Nesta época, a Coluna Prestes varava o Brasil e anunciava tempos de justiça e de liberdade, e cego Aderaldo já despontava como um dos mais importantes cantadores do Brasil. Em 1928, seguindo o caminho de muitos nordestinos, o jovem Antônio aventurou-se pela Amazônia, o sonhado “Eldorado” dos retirantes, que abrigou tantas tragédias, em sua dura realidade.

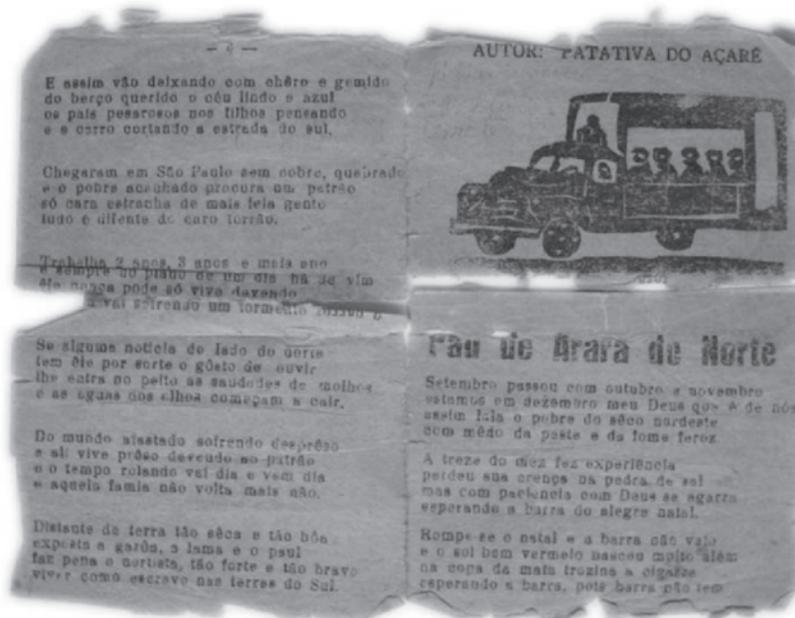




O jovem cantador Antônio reside algum tempo no Pará, onde faz cantorias com outros cantadores em colônias e assentamentos de migrantes nordestinos. Em Belém, é batizado pelo escritor José Carvalho de Brito com o sonoro nome de Patativa do Assaré. É comum os cantores nordestinos adotarem nomes de pássaros. A nomeação do local onde nasceu, “do Assaré”, foi-lhe dada para diferenciá-lo de outros cantadores com nome de Patativa. De volta, em Fortaleza, foi recebido na Casa de Juvenal Galeno. Teve o privilégio de conhecer o poeta das *Lendas e Canções Populares*, já bem idoso e próximo da morte. Deste encontro, Patativa guardou uma forte emoção. De regresso ao sertão de Assaré, retoma o seu trabalho na roça e faz cantorias pela região. Lê o *Tratado de Versificação*, de Guimarães Passos, e começa a ler os grandes clássicos da língua portuguesa: Camões, Bocage, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Olavo Bilac, Castro Alves, Casimiro de Abreu, padre Antônio Tomás, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, entre outros. Mesmo não fazendo profissão da arte da cantoria, as apresentações ao som da viola rendem-lhe algum dinheiro que ajuda na sua manutenção, notadamente nos anos de seca, como foi o da grande seca de 1932. Neste ano, vendo imensos sofrimentos e tragédias das famílias retirantes, compôs um dos mais belos e pungentes poemas já escritos na língua portuguesa: “A Morte de Nanã”. Na Serra de Santana, casa-se, no dia 6 de janeiro de 1936, com Belarmina Paes Cidrão, a dona Belinha, que morava em um sítio próximo ao de Patativa. Desta união, nasceriam quatorze filhos, dos quais sobreviveram sete, quatro homens e três mulheres: Afonso, Pedro, Geraldo, João Batista, Lúcia, Inês e Miriam. A fome, as doenças e o desamparo em que viviam as famílias camponesas nordestinas se traduziam nos altos índices de mortalidade infantil, da qual a família de Patativa é um exemplo doloroso.

A década de 1930 marcou a história do Brasil com convulsões sociais e grandes mudanças políticas. Foi o período em que a consciência social e política de Patativa ampliou-se no calor dos embates. Já com alguma influência dos movimentos políticos e das ideias sociais mais avançadas que sacudiam o País, começa a compor poemas que denunciam o latifúndio e o sistema de servidão imposto ao camponês, sem deixar de fazer também os seus poemas líricos e brejeiros. Na literatura, o romance regional mostrava as feridas sociais da nação brasileira, com autores como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida e José Lins do Rego, entre outros. A veia satírica de

Patativa do Assaré causou-lhe alguns problemas. Em 1943, acusado de desacato à autoridade, por conta de um poema satírico intitulado “Prefeitura sem Prefeito”, é preso, mas solto logo em seguida por intervenção de seus admiradores. Volta a sua vida na roça e a suas composições poéticas cheias de lirismo e de denúncias sociais. Fazendo uso da sua viola, faz cantorias e desafios com os grandes cantadores nordestinos, notadamente com João Alexandre. Por volta de 1953, durante a grande seca, Patativa cria o poema “Triste Partida”, que se tornaria popular, cantado ao som da viola, falando da epopeia dos nordestinos expulsos da terra sertaneja para as plagas do sul (Sudeste). A música “Triste Partida” seria gravada por Luiz Gonzaga, no ano de 1964, e tornar-se-ia um dos grandes sucessos do Rei do Baião e um hino dos nordestinos do êxodo.





Ainda na primeira metade da década de 50, Patativa começou a recitar seus poemas na Rádio Araripe do Crato, no programa de Tereza Siebra Lima, oportunidade em que foi ouvido pelo filólogo José Arraes de Alencar, que se encontrava visitando a família, na cidade do Crato. José Arraes de Alencar, maravilhado com a beleza dos versos do poeta de Assaré, incentivou-o a publicar seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, pela editora Borsói, do Rio de Janeiro, em 1956. Com essa obra pronta no matulão, viola nas costas, Patativa andou por todo o Ceará fazendo suas cantorias e vendendo o seu livro, para pagar a dívida que contraíra com o editor. Foi quando fez contatos com o movimento das “Ligas Camponesas” e compôs poemas sobre a reforma agrária. Usando um pseudônimo, Patativa do Assaré publica poemas em jornais de esquerda que refletem as inquietações políticas do movimento operário-camponês. Suas leituras incluem jornais, revistas e livros de cunho socialista e comunista.

O início da década de 1960, encontrou o Nordeste em plena ebulição política e social, notadamente no Pernambuco e na Paraíba, onde o movimento das “Ligas Camponesas” ganhara grande força entre a população rural. Em 1962, a convite do seu parente, o governador Miguel Arraes, apresenta-se com outros cantadores, em Recife, ocasião em que toma conhecimento dos acontecimentos políticos e faz contatos com lideranças camponesas do Pernambuco e da Paraíba. O golpe militar de 1964 trouxe atribulações para Patativa, que viu várias lideranças do movimento camponês serem presas e foi também ameaçado de prisão. É a época em que Patativa se relaciona com a intelectualidade democrática e esquerdista do Crato, principalmente com Elói Teles de Moraes, que faz um programa de poetas populares, na Rádio Araripe do Crato. Em 1966, Patativa viajou ao Rio de Janeiro, para tratar da reedição do livro *Inspiração Nordestina*, agora acrescido do “Cantos do Patativa”, que sairia no ano seguinte, pela mesma editora Borsói (1967). Ao voltar ao Cariri, percorreu toda a região vendendo seu livro e foi, pouco a pouco, abandonando a cantoria de viola. Abandonando a vida de cantador, dedica-se ao trabalho na roça e firma-se como “poeta popular”. Em 1968, é decretado o Ato Institucional nº. 5, e a repressão aos movimentos culturais, populares e democráticos se fez sentir com mais força, dando início aos chamados “anos de chumbo”. Patativa alargou, durante essa fase, seu círculo de amizade com intelectuais e políticos democráticos que militavam na oposição, no então MDB, na região do Cariri e teve, em 1970, publicado o livro *Patativa do Assaré, novos poemas comentados*, por

iniciativa de J. de Figueiredo Filho, então presidente do Instituto Cultural do Cariri. O livro repercute na região e mesmo na capital, onde o folclorista Filgueiras Sampaio, amigo de Patativa, organizou lançamentos e recitais.

Em 1973, no dia 13 de agosto, Patativa foi atropelado, em Fortaleza, ao atravessar uma avenida. Esse acontecimento lhe causou grandes sofrimentos e o deixou com graves sequelas, para o resto da vida. Por volta da segunda metade da década de 1970, Patativa do Assaré encontrou-se com jovens do movimento cultural do Crato que faziam o “Grupo de Arte Por Exemplo” e participou de *shows*, *performances* e festivais de teatro, música e poesia. Patativa foi o grande mestre desta geração que, no Cariri, fazia arte de vanguarda, amava os Beatles, os Rolling Stones, a cultura “underground” e juntava-se à cultura popular em suas contestações. Neste período, a produção poética de Patativa é das mais vivas e reflete crítica mordaz ao autoritarismo da ditadura militar, o que o torna bastante popular nos grupos políticos democráticos, estudantis, operários e camponeses, notadamente no movimento da Igreja Eclesial de Base. Em 1978, por iniciativa do sociólogo Plácido Cidade Nuvens, foi lançado pela Editora Vozes, com grande repercussão nos meios intelectuais brasileiros, o livro *Cante lá que eu canto cá*. Patativa do Assaré deve à publicação deste livro o seu reconhecimento pela intelectualidade dos grandes centros urbanos, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, e a sua descoberta pela grande imprensa. Reconhecimento maior ainda viria por parte da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC, que, em 1979, nomeou o seu congresso anual de *Cante lá que eu canto cá*, em homenagem ao poeta. Patativa participou de *shows* memoráveis e foi aclamado por lideranças intelectuais e populares de todo o País. Atuou no movimento pela anistia e pelo regresso dos presos políticos no exílio. A sua música “Lição do Pinto” tornou-se uma espécie de hino libertário da anistia e da redemocratização do País. Neste mesmo ano, iniciei as filmagens de documentário sobre o poeta. Um outro documentário, já em bitola profissional de 35mm, seria dirigido por Jefferson de Albuquerque Jr. e por mim, em 1983, sendo legendado em vários idiomas para exposições em festivais nacionais e internacionais. O filme ganha prêmios na Jornada Internacional de Cinema da Bahia.



No movimento “Massafeira”, em 1979, organizado pelo cantor Ednardo, fiz a curadoria de um *show* com a participação de dezenas de artistas populares do Cariri. Patativa do Assaré foi a estrela maior deste espetáculo e apresentou-se cantando com Raimundo Fagner e Ednardo. Ainda na “Massafeira”, a CBS gravou ao vivo o disco *Poemas e Canções*, produzido por Fagner, com quem, em 1980, Patativa se apresenta em vários *shows* por todo o País, tornando-se a música “Vaca Estrela e Boi Fubá” um grande sucesso popular. Em 1981, Fagner produziria um novo disco de Patativa, *A Terra é Naturá*. No mesmo ano, Patativa deixou a Serra de Santana e passou a morar em Assaré. Atendendo a inúmeros convites, Patativa apresenta-se em programas da Rede Globo, recebe homenagens oficiais e títulos de cidadão de várias cidades. O

sucesso e o reconhecimento popular nacional de Patativa do Assaré, iniciados a partir da segunda metade da década de 1970, consolidam-se no início da década de 1980 e chegam ao seu apogeu em 1984, quando o poeta se faz presente em vários acontecimentos políticos e culturais, participando da campanha pelas “Diretas Já”. Patativa consolidou também, nos anos de 1980, a sua amizade com jovens compositores cearenses e com jovens políticos que militavam em partidos de esquerda. Por todo o Nordeste, nos palanques e nos palcos, nas universidades e nas praças públicas, nas latadas dos sertões e nas feiras, recita os seus poemas, ao lado de grandes artistas e políticos que lutam pela redemocratização do País. Uma longa entrevista com Patativa do Assaré, realizada por mim, foi publicada no livro *Cultura Insubmissa* (1982). Neste mesmo livro, foi publicado o artigo "Nosso Poeta do Futuro", em que Oswald Barroso escreveu: "Discutem-se os impasses da arte e literatura: qualidade *versus* popularidade, autor *versus* obra, papel social da



arte etc. Patativa é a imagem do necessário caminho. Obra e autor, uma mesma unidade (não só porque a mente do poeta é repositório de todo o seu extenso trabalho). O poeta na praça, nas praias, nas mesas de bar, no teatro, na calçada. Em qualquer local e hora, a qualidade de sua poesia. As multidões lhe ouvem horas a fio nas faculdades, nas roças, nos alto-falantes do interior e na televisão, no folheto popular e nos discos da CBS. A conversa em poesia. Santos, Copacabana ou Quitaiús."

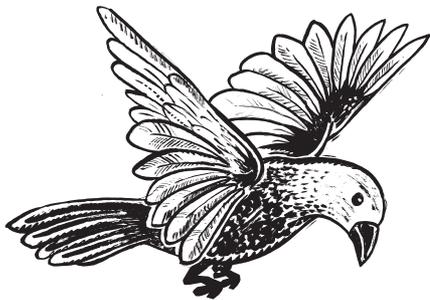
A conjuntura política nacional apontava para a democracia e para transformações nas relações tradicionais do poder. No Ceará, esta mudança deu-se com a queda dos chamados "coronéis", em 1986. O reconhecimento oficial do Estado do Ceará chegou na forma de "Medalha da Abolição", honraria que lhe foi conferida pelos "relevantes serviços prestados ao Estado" (1987). A Dra. Violeta Arraes assumiu a Secretaria de Cultura do Estado (julho de 1988) e deu um novo impulso às artes no Ceará. Patativa passou a ser um dos grandes ícones da cultura popular, sendo colocado em alto pedestal. A entrega do diploma "Doutor Honoris Causa", pela Universidade Regional do Cariri - URCA, em 1989, transformou-se em grande acontecimento cultural e político. Neste período, produzi a edição e prefaciei o livro *Ispinho e Fulô* (1988) e lancei ainda o disco *Patativa - Canto Nordestino* (1989). Os recitais de Patativa se transformam em grandes sucessos de público. A imprensa nacional dedica grandes espaços na divulgação do poeta e da sua obra. Os festejos do seu aniversário, naquele ano de 1989, foram encerrados com apresentação de Patativa do Assaré e Fagner, no memorial da América Latina, em São Paulo. No aniversário de 70 anos, festa organizada pelo "Diretório Estudantil Patativa do Assaré" - curso de letras da UFC - e pelo Jornal Nação Cariri, Patativa foi surpreendido pela visita de Luiz Gonzaga, que com ele cantou a "Triste Partida", em momento de grande beleza e emoção.

A década de 1980 marca o reconhecimento de Patativa do Assaré como grande poeta, como uma expressão literária mais complexa e mesmo erudita. Antes se falava apenas da pureza, da simplicidade, da nordestinidade e da espontaneidade da poesia de Patativa do Assaré. Havia até os que louvavam Patativa por ser poeta pobre e analfabeto, como se isso fosse mérito e aparentemente o aproximasse do povo. Finalmente, reconhecia-se que Patativa





do Assaré usava o "dialeto caboclo" para compor suas poesias quando desejava, que este recurso era uma opção estética e uma postura de vida, identificação real com as classes oprimidas, mas que era capaz de também compor em oitavas camonianas e escrever sonetos alexandrinos de métricas perfeitas, em português erudito. Dono de ritmos e de musicalidade únicos, mestre maior da arte da versificação e com vocabulário que ia do dialeto da língua nordestina aos clássicos da língua portuguesa, Patativa transformou-se na síntese do saber popular *versus* saber erudito. Da luta pela vida, da observação profunda da realidade, da herança popular e dos estudos, surgia o Patativa - poeta dos oprimidos, dos operários, dos sem-terra e uma das maiores expressões das letras brasileiras. Sobre a poesia de Patativa do Assaré, expressou-se muito bem o crítico J. Ramos Tinhorão, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, "Ao contrário dos cantadores de improviso ou poetas de cordel, que se dedicam ao romance (histórias contadas em versos), à rememoração ou invenção de desafios, ao comentário de acontecimentos históricos ou da atualidade ou a demonstrações de conhecimentos, nos folhetos de ciências, Patativa do Assaré identifica-se mais com os poetas literários, dando preferência à criação livre em redondilhas (onde pelo ritmo lembra às vezes Gonçalves Dias) e em decassílabos, sem menosprezar combinações métricas, com o encadeamento de duas redondilhas maiores numa mesma linha, originando um verso de 14 sílabas. Ou ainda com o uso de um verso em redondilha maior solto, completando o pensamento expresso na linha combinada. (...) A temática preferida do bardo popular (...) são as contradições da vida, a riqueza e a pobreza, a felicidade e o infortúnio, tudo repassado ideologicamente de um sentido de protesto contra a injustiça social (...). Aliás, é ouvindo por sua própria voz a poesia de Patativa do Assaré que se pode sentir a falsidade dos que, como Catulo da Paixão Cearense, no início do século, tentaram o caminho da poesia popular pela imitação fonética da fala regional e pela busca de temas supostamente ingênuos, para ficarem de acordo com a psicologia e a cultura dos caboclos. Patativa fala precebe por percebe não por modismo, mas porque os seus 'rr' de sertanejo cearense são excessivamente rotativos, (...). Ao contrário do que Catulo poderia imaginar, porém, Patativa do Assaré não é nada bobo, e intuitivamente (sic), por necessidade de rima, sabe quando usar, inclusive recursos da poesia clássica como as inversões, a exemplo do verso: "Se eu às vezes brincando tava de borboleta pegar."



A década de 1990 consolidou a fama nacional de Patativa, agora com reconhecimento oficial, e deu início ao seu processo de mitificação. O poeta passou a figurar no panteão popular, onde já estavam entronizados nomes como Padre Cícero, Antônio Conselheiro, Lampião e Cego Aderaldo.

Seminários sobre a sua obra foram organizados por universidades de todo o Nordeste. O poeta recebeu títulos de “Doutor Honoris Causa” de destacadas universidades nordestinas e teve seus poemas traduzidos em vários idiomas. Foi iniciada uma profícua produção acadêmica sobre o poeta, destacando-se, na última década do século XX e no início do século XXI, os nomes de Gilmar de Carvalho, Tadeu Feitosa, Francisco de Assis Brito, Maria Silvana Militão, Oswald Barroso, Cláudio Henrique Sales, B. C. Neto e a francesa Sylvie Debs, entre outros. Os seus aniversários viraram motivos de festas e comemorações coletivas no Assaré, com afluência de artistas, intelectuais, políticos e povo da região. Para escândalo dos “puristas” da cultura popular e dos “folcloristas” mais zelosos, Patativa do Assaré virou enredo de escolas de samba, tema de quadrilhas juninas e participou de novelas da Globo, ao lado de Geraldo Amâncio, a convite do ator e cantor Jackson Antunes. Patativa transformou-se assim em um “personagem” constantemente solicitado pela mídia. Em 1991, por meio da Secult, viabilizei a publicação do livro *Balseiro*, antologia de poetas populares do Assaré, organizada por Patativa e por Geraldo Gonçalves de Alencar. Em 1993, o prof. Gilmar de Carvalho editou *Cordéis do Patativa*, e Dílson Pinheiro produziu o CD *Patativa do Assaré 85 anos de luz e poesia*. Na I Feira Brasileira do Livro de Fortaleza, foi lançado o livro *Aqui tem coisa* (1994). Oswald Barroso realizou o documentário *O Voo da Patativa*, fotografado por Ronaldo Nunes, em que documentou o cotidiano do poeta e os últimos dias de vida de Dona Belinha.

No dia 15 de maio de 1994, morreu Dona Belinha, que já se encontrava doente, parálitica, em uma cadeira de rodas. A morte da esposa deixou o poeta Patativa muito abatido e, durante algum tempo, ele se recolheu a sua casa, em Assaré. Nem mesmo o luto profundo impediu o poeta de continuar produzindo seus poemas, ainda belos e de grande lucidez. A humilde casa do bardo, em Assaré, virou local de verdadeiras “romarias”. Todos os dias chegavam automóveis e



ônibus, cheios de pessoas vindas de todo o Brasil para visitá-lo, fotografar ao seu lado e ouvir os seus poemas e até mesmo seus conselhos. Patativa gostava de ficar horas recitando para estas plateias maravilhadas e gratificadas com sua generosidade. Em 1995, o prof. Plácido Cidade Nuvens, incansável divulgador da obra de Patativa do Assaré, publicou o livro *Patativa e o Universo Fascinante do Sertão*. O professor e poeta Cândido B. C. Neto propôs o título de “Doutor Honoris Causa”, que foi concedido pela Universidade Estadual do Ceará. O poeta recebe o “Prêmio Ministério da Cultura”, na categoria Cultural Popular, em evento patrocinado pelo Governo do Estado do Ceará e com a presença do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Novos seminários universitários sobre a obra de Patativa são organizados, são lançados novos CDs com seus poemas e novos álbuns de xilogravuras com a sua vida (verdade e imaginação). Suas canções são gravadas por importantes nomes da música popular brasileira, e seu nome é dado a rádios comunitárias, centros culturais, escolas, estradas e até mesmo para rotular o lançamento de cachaça, em Juazeiro do Norte. Patativa vira figura *pop*.

Em 1998, pela primeira vez poemas de Patativa do Assaré são incluídos em uma antologia literária no Ceará, em *Letras ao Sol*, organizada por Oswald Barroso e Alexandre Barbalho. Ainda no ano de 1998, no dia 10 de agosto, em sessão solene da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Patativa recebeu o título de “Cidadão Paulistano”. Em 1999, com grande participação popular, a presença do povo, de autoridades e artistas, foi inaugurado, pelo Governador Tasso Jereissati, o Memorial Patativa do Assaré, em Assaré, tendo como ponto alto um *show* de Patativa e Fagner cantando “Vaca Estrela e Boi Fubá”. No mesmo ano, em São Paulo, o radialista e pesquisador Assis Ângelo lançou o livro *O poeta do Povo: vida e obra de Patativa do Assaré*, pela editora da União Nacional dos Estudantes. .

Por ocasião da IV Bienal do Livro, no ano de 2000, foi organizada uma bela homenagem para Patativa do Assaré. Doente, sem poder viajar para Fortaleza, o poeta foi entrevistado por Dílson Pinheiro, em Assaré (no Memorial), ao mesmo tempo em que artistas e autoridades lhe prestavam homenagens, no palco do Centro de Convenções, em Fortaleza. A TV Ceará transmitiu este programa ao

vivo, com grande audiência. Gilmar de Carvalho lançou o livro *Patativa poeta pássaro do Assaré*, reunindo entrevistas que fizera com o poeta. A professora Sylvie Debs, da Universidade Robert Schuman, de Estrasburgo, que já tinha publicado vários artigos sobre Patativa do Assaré, na Europa, lançou no Brasil, pela editora Hedra, o livro *Patativa do Assaré Uma voz do Nordeste*. O acadêmico Tadeu Feitosa publica entrevistas e teses sobre o poeta.

A partir de 2001, agravou-se a frágil saúde de Patativa, que ainda insistia em fumar. O poeta já não viajava e sofria com os constantes internamentos em hospitais da região. Mesmo assim, apesar da doença e do sofrimento, continuou a fazer versos e a divulgá-los em jornais e em televisões que insistiam em entrevistá-lo. No dia 8 de julho de 2002, às 18h30min, morre Patativa do Assaré. O médico cratense, José Flávio Vieira, que cuidou de Patativa nos seus últimos dias de vida, disse-me que ele encarou a morte com muita tranquilidade, como merecido repouso. Todo o Nordeste chorou a morte do poeta, e a notícia do seu falecimento foi publicada nos maiores jornais e revistas do País, em reportagens especiais e homenagens.

No dia 9, com grande participação popular e a presença de autoridades e artistas vindos de todas as regiões do Nordeste, aconteceu o sepultamento do grande mestre da poesia brasileira. A voz de Fagner puxou o coro da canção “Vaca Estrela e Boi Fubá” entoada pelo povo comovido, no último adeus ao poeta. A morte é a completude. Patativa deixou a terra dos homens e entrou definitivamente no território do mito, o mito mais profundo, aquele que habita a





alma de um povo e se abraça com sua eternidade. Desde a sua morte, o nome de Patativa do Assaré não parou de crescer. Suas canções são regravadas, seus livros e CDs são reeditados. O “Festival Internacional de Trovadores e Repentistas” (2004/05) criou “Troféu Patativa do Assaré” para homenagear os grandes nomes da poesia e da cantoria do Brasil e do exterior. Em 2007, no “XVII Cine Ceará Festival Ibero-Americano de Cinema”, em Fortaleza, aconteceu a estreia nacional do filme de longa-metragem *Patativa do Assaré Ave Poesia*, por mim dirigido, numa verdadeira consagração popular, registrada pela imprensa como a “a comoção Patativa”.

Realizar o filme *Patativa do Assaré Ave Poesia* foi desvendar não apenas a biografia de um amigo, de um compadre; não foi apenas estudar a obra de um poeta, mas foi, sobretudo, mergulhar no vasto oceano da cultura coletiva e tatear os caminhos onde a história individual se encontra com o destino histórico de todo um povo. Para elaboração deste trabalho, foram pesquisadas muitas fontes escritas e da tradição oral; muitos registros audiovisuais e iconográficos. Todo este material, rico de informações e de suportes variados, destacou a relevância da obra patativiana, o significado político dos seus atos e a sua imensa contribuição à cultura brasileira.

O tempo cicatriza todas as feridas, mesmo as que atingem as profundezas da alma. Se as academias de letras, provincianas e cegas pelos preconceitos contra um poeta que consideravam “matuto” e “popular”, não puderam oferecer uma “cadeira” para que o velho poeta descansasse o seu corpo alquebrado por tantos anos de lutas e genialidade, o povo nordestino o imortalizou e ofereceu o inabalável abrigo do seu coração. Patativa do Assaré teve em vida o que muitos poetas, mesmo os mais reconhecidos e laureados, gostariam de ter tido: o reconhecimento, o carinho e o amor do seu povo. Sua poesia está em todas as bocas, de jovens e de velhos, no sertão e na cidade, como bandeira de luta e emoção maior, influenciando gerações. Como símbolo concreto, para perpetuar tão grande poeta que já mora no coração do seu povo, proponho às autoridades do Ceará e do Brasil a construção de um Mausoléu. No pontão da Serra de Santana (onde nasceu e viveu Patativa), descortina-se uma bela paisagem do vale onde está situada a cidade



de Assaré. A ideia é cortar um dos imensos monólitos ali existentes na forma de um cubo (como a Kaaba, a pedra sagrada dos muçulmanos), para em seguida se revestir este gigantesco cubo de granito preto e, em uma cavidade aberta na pedra, depositar os restos mortais de Patativa e de Dona Belinha. Apenas uma placa de bronze anunciaria o jazigo perpétuo. No entorno, com a paisagem natural de lajedos e a flora da caatinga, seria cultivado um jardim, ao modo de um jardim Zen japonês: vazio e essencialidade. Este jardim sertânico seria um local de contemplação e de meditação. Templo da poesia do povo brasileiro.

Se o Brasil não tem ainda o seu poeta nacional, que simbolize e expresse o sentimento de nação, como García Lorca na Espanha, Pablo Neruda no Chile, Agostinho Neto em Angola, Camões em Portugal ou Nazim Hikmet na Turquia, o Nordeste brasileiro, popular e rebelado, tem o seu: Patativa do Assaré. Patativa do Assaré já figura entre os grandes nomes da poesia do Brasil e da América Latina por ter conseguido, com tanta arte e beleza, unir a denúncia social com o lirismo, a consciência política com a percepção humana mais profunda, o amor à natureza com o misticismo libertário. Aço e rosa. Quem lê a poesia de Patativa pensa, se emociona e se transforma, porque nela estão todas as lutas e esperanças do homem, estão as palavras que se erguem com a dignidade dos justos, contra todas as formas de obscurantismos e opressões. A poesia de Patativa é, dialeticamente, "Ispinho e Fulô". Para concluir, reafirmo: é preciso um século inteiro para plasmar gênio como Patativa do Assaré. O século XX deu esse presente ao Brasil. O povo, envaidecido, agradece.



Em 1925, Patativa comprou
uma viola e dedicou-se
temporariamente à arte da
cantoria.



REPRODUÇÃO

Antonio Gonçalves da Silva (O Patativa)

PATATIVA: O VOO DE UM POETA

Oswald Barroso
Poeta e Teatrólogo

Entre os muitos Nordeste, há o Nordeste mítico dos seus poetas. Mundo de encantamentos e maravilhas, povoado de profetas errantes, anjos guerreiros e reis brincantes. Mundo legendário de violeiros andarilhos e cavaleiros repentistas, que palmilham estradas imaginárias, cantando proezas e decantando mistérios. Sobre um solo de carências e desigualdades, esses bardos levantam tesouros de versos, reinos de metáforas e catedrais de rimas.

Dentro deste Nordeste está o Cariri, território privilegiado por sua natureza pródiga e pela riqueza de sua cultura. Localizado no centro da região, nele, coabitam os mais diferentes ecossistemas. Chapadas, vales, serras e sertões, onde se cruzam os caminhos sertanejos, desde a ocupação do Nordeste pelo gado, no Brasil Colônia. Reduto do saber tradicional e espécie de umbigo da região, para o Cariri confluíram gentes vindas dos mais diferentes Estados brasileiros e praticamente de todos os recantos do Nordeste, constituindo um verdadeiro caldeirão de etnias, ritmos e sotaques. Da fusão destas culturas, resulta um espaço simbólico, de rara complexidade, realimentado periodicamente por novas migrações que dinamizam e, ao longo do tempo, sedimentam uma cultura própria e multifacetada. Na época pré-colonial, foi domínio dos índios tapuias, especialmente dos temíveis cariris, que, por 30 anos, resistiram aos invasores. Na Monarquia, foi marco de movimentos rebeldes, em 1817 e na Confederação do Equador, terra da heroína Bárbara de Alencar e de seu filho, Tristão de Araripe, herói de três revoluções. Na República, é chão sagrado dos romeiros do Pe. Cícero.



Nele se encontram estradas que percorrem tempo e espaço. Poetas, peregrinos, brincantes, mágicos, artesãos, artistas e artífices das mais diferentes linguagens e habilidades nutrem seu imaginário de fantasia e fatos extraordinários.

Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa, foi um bardo desse Nordeste maravilhoso e desigual. Cria dos sertões do Cariri. Filho de um sítio serrano, nos confins do Assaré. A Serra de Santana foi seu berço. Lugar de gado raquítico, agricultura sofrida e amplas paisagens. Aos quatro anos de idade, perdeu uma das vistas, o que na idade adulta lhe valeu a alcunha de Camões do Nordeste. Mas, na sua infância, os livros eram raros, não havia rádio nem energia elétrica. Olhos ele só tinha para a natureza em redor. O sítio do seu pai era pequeno e limitado. Mas sua inteligência o fazia pleno de detalhes e lições. O mundo lá de fora chegou primeiramente aos seus ouvidos. Veio na forma de sons cadenciados e melódicos. Histórias de Trancoso, leituras coletivas de folhetos, rezas, canções de trabalho, sambas de latada, emboladas de coco e cantorias de viola. Cantos e melodias que se juntavam aos sons inúmeros da natureza. Jogos e brinquedos ampliados pela imaginação. Na adolescência, ruminava versos enquanto trabalhava. Sua enxada mexia-se ao ritmo das sextilhas e dos mourões que sua voz ia compondo no silêncio repleto dos sons da mata. Como um pássaro, o menino Antônio enchia as manhãs de pura música. Um dia, pediu autorização à mãe para vender uma ovelha e comprar uma viola.

Mas Patativa não foi apenas esse poeta passarinho, produto ímpar da natureza. Porque, se o Assaré foi seu sertão de poesias, o Crato foi sua Atenas sertaneja. Espécie de capital cultural da região, o Crato já era, desde quando Patativa se teve por gente, um centro intelectual invejável. Nele, até hoje, uma intensa vida letrada e acadêmica associa-se a uma cultura folclórica viva e ativa. Nas suas praças e feiras, bares e terreiros, culturas tradicionais e modernas se entrecruzam, para construir um renascimento caboclo. Convivem, num mesmo espaço, médicos e curandeiros, escritores e repentistas analfabetos, dançarinos clássicos e sapateadores brincantes, músicos eruditos e tocadores de pífanos, guitarristas e rabequeiros, para formar um amálgama de saberes não excludentes.

Foi neste Crato, babel de tantas culturas, que Patativa conheceu a vida urbana e letrada. Sua mente curiosa ganhou mundo, numa cidade plena de

ebulição. Logo estava em Belém e Fortaleza. Mais tarde, no Rio de Janeiro. Lia tudo o que lhe passava pelas mãos. Participava ativamente de debates e manifestações públicas. Convivia com intelectuais e artistas de diferentes gerações e extratos sociais. Era amigo das mais diversas personalidades públicas. Colaborava assiduamente com revistas e jornais. Trocava correspondências com gente de todo o país. Acompanhava de perto a vida política. Um dia foi preso, por denunciar os desmandos de um Prefeito. Patativa foi voz ativa nas grandes lutas populares, que tiveram lugar no Brasil, desde a década de 60, até sua morte.

Poetar é preciso, viver não é preciso. Em Patativa, a poesia ocupava todo tempo e espaço. Se o mundo existia, era para ser traduzido em poemas. Fosse na intimidade com a família, fosse no eito, trabalhando, fosse nas conversas de rua com os amigos, fosse no palanque das grandes manifestações, Patativa só usava a prosa para coisas pouco essenciais. Em tudo se servia de versos. Desde filosofar até brincar com os netos. Se em cada galho via uma rima e um verso via em cada flor, de versos e rimas era feita toda sua paisagem interior. Poemas em todos os gêneros e sobre todos os temas. Discursos políticos e sociais, em tom condoreiro. Filosofia, em metro clássico ou linguagem matuta. Narrativas cômicas ou trágicas, em cordel. Ditos espirituosos, em quadras. E lírica, por que não!? O melhor talvez sejam seus jogos com os sons, suas brincadeiras com as palavras. Porque ganham a atenção das crianças e enternecem os adultos.

Patativa poderia passar meses a dizer poemas, sem que lhe faltassem versos. Prescindia da escrita, tanto para fazer, quanto para guardar suas criações. Sua obra, mais que nos livros, estava no seu corpo. Fazer e dizer poemas era parte da sua natureza, porque se via pássaro, bicho que canta. Improvisava cantando, mas também gostava de deixar a palavra decantando no pensamento. Trocava rimas, aperfeiçoava métricas, refazia versos, criava novas versões para seus poemas. Tudo de memória. Nisto ele se diferenciava dos cantadores e de outros mestres do improviso. Sua mente era feito um caderno, em que suas criações, uma vez assentadas, estavam registradas como uma escrita, mesmo que para serem modificadas pelo autor, reescritas em pura memória. Do mesmo modo, trabalhava os gestos, feito signos. Cada expressão facial, cada movimento de mãos, cada emissão vocal, fazia e refazia, para tornar mais clara a palavra e mais belo o poema.





Foi com esta poesia, ao mesmo tempo tradicional e moderna, oral e escrita, que Patativa se fez povo. Como Camões e Bocage, fez-se mito. Tornou-se propriedade coletiva. Quantas vezes um feirante, uma dona de casa ou um roceiro qualquer, colocou versos em sua boca? Pela voz de povo correu mundo. Só depois se tornou livro e ganhou também o universo acadêmico. Virou nome de escola, tema de tese, ganhou título de doutor, foi homenageado por governadores e presidentes. Continuou a ser roceiro e símbolo da luta dos trabalhadores sem-terra, no Brasil. Sua obra é síntese da ancestralidade poética e da alma popular do Brasil sertanejo. Triste Partida, talvez a mais popular de suas canções, é um hino, cantado pelo migrante nordestino, que nela se reconhece, feito um menino, distante da terra-mãe, seja quem for, esteja onde estiver.



Xilo: JOSÉ COSTA LEITE

Reconhecer o valor de Patativa é reconhecer a beleza da terra, a força da gente e o valor da luta que seus versos cantam, porque foi ele toda poesia.

(Poema recitado na apresentação de Patativa do Assaré,
durante a reunião da SBPC, em 1979.)

Oswald Barroso

Escutai, cientistas e senhores
Cá chegados de todo esse Brasil
Nesta noite, o cantar forte e viril
A ciência, o saber dos cantadores
Dos poetas do povo, dos cantores
Da minha gente sofrida e humilhada.
Esse encanto, esse canto em disparada
Não nasceu do saber de uma escola
Mas do som do ponteio da viola
Do gorjeio de toda a passarada.

Ouvi bem o cantar dos passarinhos
Eles falam do sol da minha terra
Do riacho correndo pela serra
Da pobreza perdida nos caminhos.
Escutai, eles falam dos seus ninhos
E a cantar entre eles não demora
Triste ave de voz doce e canora
Que ao cantar sempre o faz com mais beleza
E calai, porque toda a natureza
Silencia quando a patativa chora.



CANTE LÁ E CANTE CÁ

Oswald Barroso

Seu poeta Patativa
Cantô do rude agregado
Lhe escrevo essa missiva
Espero que tenha agrado.
Num arrepare nas rima
Pois só cunheço pru cima
O sertão e a puisia.
Dos aprindiz da verdade
Sô um bobo da cidade
Dos de pió qualistria.

Mermassim peço um minuto
Pra suletrá um poema
No seu estilo matuto
Refirindo sobre o tema
Que mercê cantô um dia
Na fumosa puisia
Cante lá que eu canto cá.

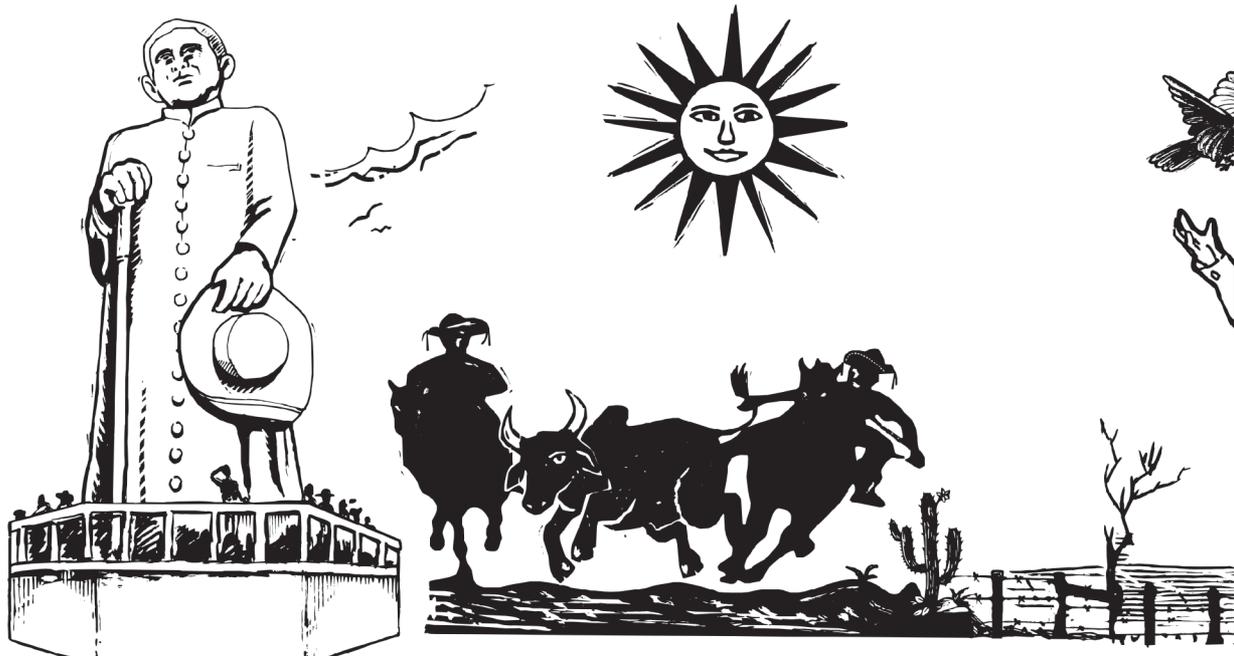
Meu cumpade tem razão
Na sua clarividência,
Num canta bem o sertão
Quem veve nas incelença
Dos prazê das capitá
Tomano banho de má
Nas águas duma piscina
Bordando os tá de soneto
Pra enfeitá os coreto
Das rica gente granfina.

Vancê mais do que ninguém,
Apois sofreu no espinhaço,
Sabe, no sertão também
Tem a safra dos ricaço
Dos tá latifundiario
Que daí são donataro
Sinhô de terra e de gente.
Dos burguês da capitá
Veve num prazê iguá
Num gozo não deferente.

Pra louvá suas gulora
Tem seus pueta afilhado
Que daí só conta histora
De frutuna e de encantado
Usando a farsa gramática
Das estrofe enigmática
No participo passado
Mais que perfeto e gerundo
Prá cantá o latifundo
E os barão afrutunado.

Iguarmente na cidade
Sofre na pele o cassaco
Passando necessidade
Preso dento de um sacco
Sem fundo, boca ô costura
Padicendo na usura
O pobre veve sujeito
Rola dum lado pru ôtro
E o patrão só paga o troco
Pulo trabaio bem feito.

O poeta disse eu digo
No Brasi tem dois brasi.
Tem ricaço e tem mindigo.
Se os prazê dos rico é mi
O sofrê dos pobre é mai.
Pra discrevê os seus ai
Só um cassaco valente
Que no côro sinta a dô
E recunheça o valo
Dos trabaio de sua gente.



Eu que vivo aqui na rua
Vendo seu verso possante
De beleza rude e crua,
Peço ao amigo que cante
Pru favo rimexa aqui
Cuma bem rimexe aí
Nos sete pé de sua glosa
Cante cá e canta lá
Cante aqui e açula
Cantadô da mão calosa.





FOLHETOS DE PATATIVA DO ASSARÉ

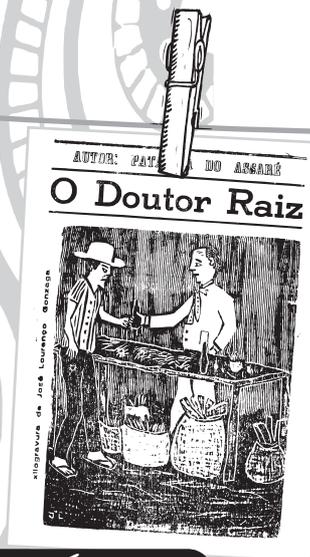
Prof. Dr. Gilmar de Carvalho

Curso de Comunicação Social - Universidade Federal do Ceará

Falar de cordel em Patativa do Assaré, este poeta dito popular, diante de nossa necessidade de rótulos, uma voz que ecoa a tradição, atualizando-a, é por demais reducionista.

Cordel é tudo o que Patativa faz, no sentido de ressignificar um conjunto de narrativas, um modo de dizer - e não uma forma, uma visão de mundo que vem de tempos imemoriais e se liga a um presente, dando conta dos anseios, sonhos e expectativas dos receptores / fruidores.

Parece-me inadequado confundir cordel com folheto. Produto de uma atividade editorial que se estabeleceu, de modo tardio, no Brasil, chegando ao Nordeste no último quartel do século XIX, o folheto de feira, romance, "foiete", arrecife, seria uma das formas de expressão do que se convencionou chamar, muito mais recentemente, de literatura de cordel.



Mas a questão não se esgotaria aí. O folheto seria uma das formas de veiculação e de suporte destes relatos, a partir da interiorização dos prelos, de um imaginário que veio na bagagem do colonizador e que aqui se adaptou, ganhando não apenas cor local, mas a contribuição fundamental da cantoria, que trouxe a esta manifestação a agilidade do improviso, a rima e a métrica que implicaram na musicalidade como estratégia de memorização.

Teria tido, também, a contribuição das etnias indígenas e a herança africana, resultando em um produto que sintetiza nosso sincretismo que não se baseou, evidentemente, na cordialidade, mas na violência e exclusão que repercutem até hoje.

Equivocado se falar em cultura autóctone, no genuíno ou no autêntico, em que insistem alguns estudiosos, quando se sabe que a multiculturalidade é uma evidência, e a dinâmica da cultura implica em um processo de trocas, interpenetrações e "contaminações", não apenas hoje, com a consolidação da chamada Indústria Cultural, mas desde sempre.

O folheto de feira foi o elemento desencadeador do processo poético de Antonio Gonçalves da Silva, nascido a 5 de março de 1909, na Serra de Santana, a 18 km do núcleo urbano de Assaré, distante, por sua vez, 520 km de Fortaleza.

Nas lembranças do menino, cego de um olho aos quatro anos, com apenas quatro meses de educação formal e tendo de enfrentar os trabalhos do campo após a morte do pai, quando tinha oito anos, a audição de um folheto foi fundamental para que ele percebesse que também poderia fazer poesia ou que era aquela forma de expressão que ele gostaria de desenvolver.

Para efeito de hipótese, diríamos que aquele encantamento do mundo foi a centelha que levou o



menino, aos 16 anos, a vender uma ovelha, com o beneplácito da mãe, para comprar uma viola.

O cordel se instaura aí na manutenção de uma tradição que ele soube romper no tempo certo.

Como ele mesmo disse, em várias entrevistas e em uma precária autobiografia, encomendada pelo organizador de seu livro de estreia, passou a fazer quadrinhas e a se apresentar nos sítios para distrair os serranos.

A viagem ao Pará, em 1928, levado por um parente, funcionou como um rito de iniciação. Lá, ele ganhou o epíteto de Patativa, pela maviosidade do seu canto, e foi objeto de capítulo do livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, de autoria do cearense José Carvalho de Brito, publicado em 1930.

Na viagem de volta, depois de uma breve passagem por Fortaleza, onde conheceu Juvenal Galeno, referência de uma poesia com influências da fala popular, Patativa, que depois passou a assinar do Assaré, retornou às suas terras e à agricultura.

Assim, ele compôs quase toda a sua obra, da qual a maior parte se perdeu, na transmissão oral, cantada e recontada que era pelos serranos, matutos e feirantes do Crato, a cidade onde vendia sua produção e encontrava os amigos com os quais tomava sua cachaça.

Insisto na hipótese de que o chamado cordel, tributário do romancista indo-europeu, dos trovadores e jograis medievais, este fundo de histórias que constitui um *corpus* do qual Leandro, Athayde, Camilo, Caboclo e Batista de Sena foram refinados intérpretes e porta-vozes, impregna toda a poética patativana.

Ele compôs sua obra no campo, sol a pino, afastando-se dos colegas enquanto imaginava o poema e ia armazenando, verso a verso, para depois passar a limpo, à noite, à luz da lamparina, em sua casa na Serra.

A estreia em livro, no ano de 1956, passou pela mediação do rádio. E ainda que o livro tenha legitimado sua produção e contribuído para sua fixação e permanência, vale insistir na importância da voz.

Sua poesia é, continua sendo e será oral, e seu grande momento é o da *performance*, quando o corpo todo expressava o que ele dizia. E o homem de um metro e meio se agigantava, a voz se alteava e os gestos eram eloquentes.

Patativa fez da *performance* seu grande trunfo. Sua poesia não é para ser lida (embora nada impeça que o seja), mas para ser ouvida e, mais que isso, vivenciada. Ele proporcionou este prazer a muitos, instante mágico, cerimônia,

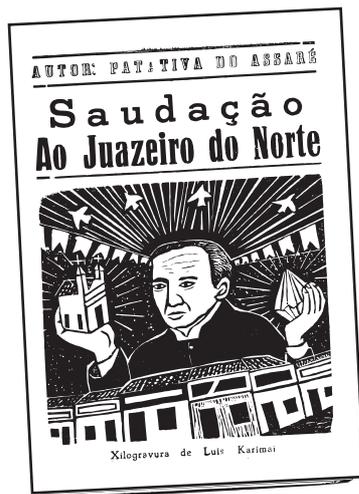
ritual, comunhão mais íntima do poeta com seu público.

Violeiro durante algum tempo, apresentava-se nos sítios e cidades da região do Cariri, sul do Ceará, e nos estados vizinhos. Mas insiste em que nunca quis fazer comércio de sua lira. E rejeitou os convites, a bacia, onde eram depositadas as contribuições para os repentistas. Passou a recitar poemas em meio às pelejas, o que causou estranhamento e o levou a sair de cena, ainda que tenha incorporado o violeiro, agora a capela.

Considerar que o cordel estaria apenas nos folhetos que publicou não daria o alcance da importância de sua produção. O cordel está em todos os seus livros, em todos os seus poemas.

Leitor atento dos poetas românticos brasileiros, de Camões, teve no *Tratado de Versificação*, de Olavo Bilac e Guimaraens Passos, paradoxalmente, um modelo que combatia o ideal romântico, um guia / mapa para o que chamaríamos de forma, que, na verdade, imbrica-se com o conteúdo perfazendo um todo. Esta síntese é fundamental para uma avaliação de sua importância no contexto da poesia tradicional contemporânea.

Aedo sertanejo, Patativa largou a viola, e foi a memória que preservou sua produção. Foi assim que ele ditou o primeiro livro, datilografado pelo filho do folclorista Leonardo Mota. A memória privilegiada faz com que ele saiba de cor todos os seus poemas.



No entanto, seu contato com as gráficas, essencial para a edição do folheto, foi fugaz.

Juazeiro do Norte passou a ser o grande polo de "fabricação" de folhetos, a partir do final dos anos 20, com a entrada em cena do editor alagoano José Bernardo da Silva.

A princípio, seus folhetos eram impressos no Crato, até que ele pôde adquirir maquinaria e colocar a Tipografia São Francisco como uma referência do folheto brasileiro, o que se acentuou, a partir de 1949, quando adquiriu o acervo de João Martins de Athayde.

Em torno da tipografia, gravitavam

AUTOR: PATATIVA DO ASSARÉ

Glosas Sobre o Comunismo



Xilogravura de Abraão Batista

poetas, outros se iniciavam na velha casa das palavras, depois de passar pela limpeza das aparas, pelo corte do papel, pela composição, montagem das chapas ou impressão.

Patativa, em seu sítio, cultivando feijão, milho e algodão, estava longe de toda esta animação. Continuava compondo seus poemas, e o livro de estreia não modificou sua rotina, fundindo natureza e cultura, trabalho intelectual e braçal, razão e emoção.

Passava ao largo de uma movimentação que trazia poetas de fora, como João Ferreira Lima, que cumpria temporada anual em Juazeiro para editar seu *Almanaque de Pernambuco*.

Longe da atividade de José Bernardo, marcada pelo estímulo às vendas, dosagem da redundância com a novidade, atualização do catálogo com a contribuição do gerente, *doublé* de gravador e poeta Damásio Paulo, de Expedito Sebastião da Silva e de Manuel Caboclo, Patativa poetava, embora à margem da atividade editorial. O que faz com que considere menores os poetas ditos de bancada, por ele considerados “escrevinhadores”.

Como grande parte de sua produção se perdeu e também não era datada, pode-se falar do folheto *Glosas contra o comunismo*, como seu título mais antigo, dos que foram preservados.

Datado de 1946, período em que o Partido Comunista esteve na legalidade, foi feito por encomenda do capelão de Altaneira, cidade vizinha a Assaré, padre David Moreira.

Mote:

O regime comunista

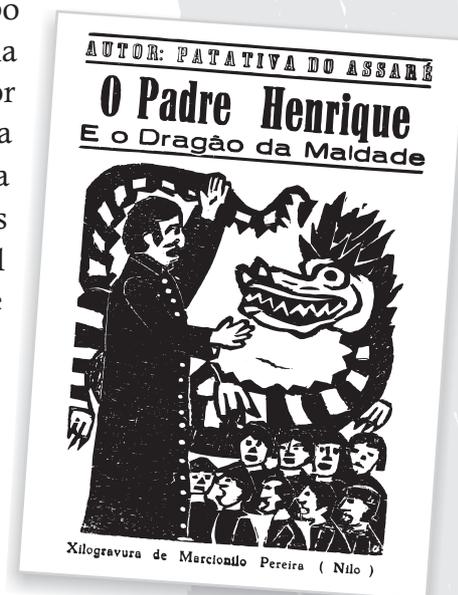
É contra a religião



Nas folhas de uma revista
li um conselho exemplar
Que ninguém deve aceitar
o regime comunista
quem se assinar nessa lista
Ficará sem proteção
pois a negra escravidão
grita ali em altas vozes
e além de outras grandes faltas
é contra a religião!

A encomenda típica refletia os pontos de vista da Igreja Católica e repetia clichês, como "quem apoia o comunismo / gosta do Diabo também", ou "Na doutrina de Lênin / só reina a imoralidade", em uma atitude muito diferente do Patativa que, no período autoritário, por encomenda de Dom Hélder Câmara, que mandou um emissário a Assaré, escreveu *O Padre Henrique contra o Dragão da Maldade*, sobre a morte, com requintes de perversidade, de um sacerdote progressista pelas forças da repressão, em Recife, em plena vigência do Ato Institucional número 5 que instaurou, a partir de dezembro de 1968, um clima de supressão das liberdades individuais, o que denotava coragem do bispo e do poeta.

O Padre Antonio Henrique
muito jovem e inteligente
a 27 de maio
foi morto barbaramente
no ano 69
da nossa era presente





Estava o corpo do padre
de faca e bala furado
também mostrava ter sido
pelo pescoço amarrado
provando que antes da morte
foi bastante judiado

No mato estava seu corpo
em situação precária:
na região do lugar
Cidade Universitária
foi morto barbaramente
pela fera sanguinária

Sob a perspectiva da história de vida, entre os dois instantes, uma consciência política que se aguçou, a referência a Prestes, em um poema que ele mesmo censurou, a ordem de prisão emitida pelos ditadores de plantão, em 1967, por conta de seu *Poeta Roceiro*, e a colaboração com jornais alternativos, desde o da UNE, na década de 1960, ao “Movimento”, já no Governo Geisel (1975/1978).

Patativa teve publicado, como folheto, a letra de *Triste Partida*, sua estreia em disco, acontecida em 1964, interpretada por Luiz Gonzaga, que ouviu no rádio um violeiro cantando aquela toada dolente.

Passou-se setembro
outubro e novembro
estamos em dezembro
meu Deus que é de nós?
assim diz o pobre
do seco Nordeste
com medo da peste
e da fome feroz





Também foi editado como folheto o poema *O Vaqueiro*, depois musicado com o título de “Sina”, por Fagner, em 1972, onde a autoria era atribuída a este intérprete e a seu parceiro, Ricardo Bezerra.

Eu venho dêrne menino
Dêrne munto pequenino
cumprindo o mermo destino
que me deu Nosso Sinhô
eu nasci pra sê vaquêro
sou mais feliz brasilêro
eu não invejo dinhêro
Nem diproma de dotô

Patativa, em entrevista concedida, em 1999, admite ter feito presente a José Bernardo de alguns folhetos, como *Abílio e o Cachorro Jupi* e *Aladim e a lâmpada maravilhosa*. Os dois títulos constavam do catálogo da Tipografia São Francisco, depois Lira Nordestina.

Abílio teria sido elaborado a partir de um texto que Patativa leu e do qual guardou alguns vestígios. Trata-se de uma narrativa com elementos do maravilhoso, segundo Propp:



Vizinho a uma cidade
residia um cidadão
de alma fervorosa e justa
e um sincero coração
tendo 3 filhos consigo
Abílio, Grigório e João

O preferido e o único de bom procedimento ganha um cão fiel:

O padre da freguesia
era de Abílio o padrinho
um dia lhe fez presente
dum mimoso cachorrinho
dali em diante o menino
nunca mais andou sozinho

Os irmãos, como no episódio bíblico
de José, preparam uma emboscada:

Convidou um dia João
o seu único camarada
pra nas matas com Abílio
fingirem uma caçada
e darem fim ao pequeno
por meio duma cilada

Abílio experimenta a vida
selvagem, longe da civilização, em um
contexto mítico que remete a outras histórias:

Fazia mais de três anos
que aquele pobre inditoso
habitava aquelas brenhas
num estado lastimoso



era de Nossa Senhora
um devoto fervoroso

A mediação da Virgem se dá pela inscrição na gruta:

Abílio deixa esta vida
onde sofreste bastante
sem conforto e sem guarida
já é tempo de gozares
a liberdade querida

Some-se a este enredo, a proteção do cão, a velha provedora, o casamento, a herança, o reencontro com os irmãos, a morte de Jupi e o final feliz.

Aladim e a lâmpada maravilhosa recria o episódio das *Mil e Uma Noites* com uma competência poética que evidencia também o gênio de Patativa (e não apenas o gênio da lâmpada).

Essa lâmpada tinha um gênio
que obedecia a ela
aparecia vexado
quando se apertava nela
pronto para obedecer
a quem fosse dono dela

Revisita sertaneja das narrativas de Scheerazade, o folheto de Patativa pode ser inscrito como um clássico, e evidencia a circularidade da cultura e a importância dos relatos que constavam de livros aos quais ele teve acesso.

A figura do diabo para Patativa não vem carregada da hipérbole e do caráter maniqueísta da maioria dos folhetos. Em *Brosogó*, *Militão e o Diabo*, relato de um homem que depois de ter acendido velas para todos os santos resolve ir além no seu ritual:





Disse consigo: o Diabo
merece vela também
se ele nunca me tentou
para ofender ninguém
com certeza me respeita
está me fazendo o bem

O diabo volta no final para, travestido de advogado, salvar a personagem, vítima de um argumento falacioso, de uma enrascada: um certo Militão queria extorquir Brosogó, por conta de uns ovos que havia emprestado, e queria cobrar a fatura a partir dos pintos que deveriam ter sido gerados. O Diabo veio com argumentos irrespondíveis, falando, metafórica e mentirosamente, de um feijão cozido que teria servido de semente para a agricultura.

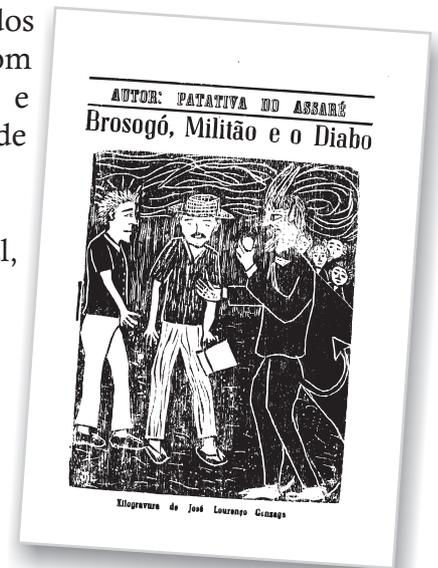
Desmascarado o vilão e livre no final, Brosogó agradece, e o Diabo se explica:

Eu sou o diabo a quem
chamam de monstro ruim
e só você neste mundo
teve a bondade sem fim
de um dia queimar três velas
oferecidas a mim.

Ironicamente, o desfecho é surpreendente quando diz:

pois toda história de diabo
tem um pipôco no fim...

Em *O Diabo Tolo*, folheto que se extraviou, o anjo decaído era logrado, o que constitui o que alguns autores consideram um ciclo na literatura popular em versos.



Sofia e Vicença ou o Castigo de Mamãe é um libelo antirracista. O protagonista diz:

Eu sou branco quage loro
mas no premêro namoro
com a santa proteção
da Divina Providença
eu casei com a Vicença
preta da cô de carvão.

O irmão José, obediente ao racismo da mãe, casa com Sofia, que lhe põe “chifres”, e o epílogo é esclarecedor:

Neste mundo de vaidade
critêro, honra e bondade
não tem nada com a cô
eu morro falando franco
tanto o preto como o branco
pertence a Nosso Senhor.

As Façanhas de João Mole, também desmonta estereótipos, como o machismo tão arraigado à cultura brasileira:

Na Paraíba do Norte
junto à Ribeira do Poço
morava um tal João Mole,
sadio, robusto e moço
mas de apanhar de mulher
Já estava de couro grosso

Resolve mudar de vida quando anuncia:





De hoje em diante
eu não apanho
fui paciente até hoje
d'agora em diante eu me assanho,
é desgraçado o carneiro
que não governa o rebanho

Depois de bater na mulher e na sogra, o que não condiz com os códigos de uma cortesia sertaneja, volta a reforçar a construção ideológica do macho triunfante, João Mole:

Mudou no seu nome e entrou
no grupo de Lampião

O alcance da poesia social de Patativa se amplia quando se refere à natureza.

É assim no *ABC do Nordeste Flagelado*, em que, recorrendo à modalidade em que cada estrofe começa por uma letra, denuncia a situação de penúria da região nordestina.

A- Ai como é duro viver
Nos estados do Nordeste
quando o nosso Pai Celeste
não manda a nuvem chover
é bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro
e março também passar
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro

Em *Emigração*, feito de encomenda para Stênio Diniz, integrando sua participação na XXII Bienal Internacional de São Paulo, Patativa revisita a *Triste Partida*, carregando ainda mais nas tintas:

O carro corre apressado
e lá no sul faz "desejo"
deixando desabrigado
o flagelado cortejo
que procurando socorro
uns vão viver pelo morro
um padecer sem desquite
outros pobres infelizes
se abrigam pelas marquises
outros debaixo da ponte

Doutor Raiz surpreende pela contundência com que mostra o raizeiro preparando as beberagens que vai vender na feira:

Depois que a panela ferve
com aquela misturada
ele enche aquilo tudo
dois costais de garrafada
bota uma carga num jegue
viaja de madrugada

E segue-se uma relação de doenças que a medicina caseira promete curar:

Cura a congestão
e o impaludismo
o reumatismo
e constipação
mal do coração
tontice e cegueira
febre e batedeira
e dor de barriga
curuba, bexiga
sarampo e papeira





Patativa é cruel com o raizeiro, o que parece contradizer sua relação com a natureza:

sempre o fim de quem toma
é morrer intoxicado

E conclui:

Fujo do Doutor Raiz
como o cão foge da cruz
o rato foge do gato
e as trevas fogem da luz.

Nem mesmo brincando
não dou atenção
a tal charlatão
que vive enganando
e ainda eu me achando
com o boca torta
e uma perna morta
se tal raizeiro
chegar no terreiro
eu bato-lhe a porta

A questão que ele coloca é de ordem ética: a denúncia da charlatanice, como discurso da ordem médica, e não a negação do poder curativo das plantas.

Já *O Meu Livro* é uma verdadeira ode à natureza, onde a personagem Chico Braúna aprendeu a ler de uma forma diferente:

ABC nem beabá
no meu livro não se encerra
O meu livro é natura

é o má, o céu e a terra
cum a sua imensidade.
Livro cheio de verdade
da beleza e de primô,
tudo incadernado, iscrito
pelo pudê infinito
do nosso Pai criadô

Mostrando sua relação íntima com a natureza, Patativa revela um Deus em tudo, que é próprio de sua noção de sagrado, menos ligado à instituição eclesiástica e relacionando-se com Deus, sem mediações:

O meu livro é todo cheio
de muita coisa inelente
em sua foia é que leio
o pudê do Onipotente.

Alguns folhetos de Patativa se perderam, além do *Diabo Tolo*, *O Crime de Cariús*, encontrado na biblioteca do Dr. Thomaz Pompeu Gomes de Matos, depois da morte de Patativa, em 2002, e incluído na coletânea *Patativa do Assaré - Pássaro Liberto*, de autoria de Gilmar de Carvalho, editada pelo Museu do Ceará. O crime aconteceu em 1942, nesta cidade do centro-sul cearense, envolveu um jovem farmacêutico, Dr. Carlos Gomes de Matos, morto por pistoleiros, a mando de um colega e concorrente no exercício da profissão.

O folheto, datado de 1946, tem sua autoria atribuída a Alberto Cipaúba, violeiro pernambucano de passagem pelo Ceará. O clima estava muito tenso e o recurso ao pseudônimo por parte de Patativa teria sido sugerida pelos próprios autores da encomenda. O folheto está listado no *Dicionário Bio-Bibliográfico dos Repentistas e Poetas de Bancada*, de Átila de Almeida e José Alves Sobrinho, mesma fonte que se refere a outro folheto extraviado intitulado “O Vício da Embriaguez”.

A Morte de Artur Pereira, relato de uma filha que matou o pai envenenado, no município cearense de Arneiroz, provocada pela oposição a um





casamento, estava no rol dos folhetos sumidos até ser localizado na coleção do poeta Arievaldo Viana que, gentilmente, o cedeu para constar da publicação *Cem Patativa*, organizada por Gilmar de Carvalho e com o selo da Omni Editora, de Fortaleza (2009).

O folheto moralizante conta um fato ocorrido no tempo do “carrancismo”, quando a autoridade dos pais não podia ser questionada. Artur Pereira era um mecânico renomado, muito solicitado pelos fazendeiros dos Inhamuns. Teve uma filha de uma relação amorosa e resolveu criá-la. A moça teria se rebelado contra a proibição do namoro e o envenenou lentamente, responsável que era pela cozinha da casa. Depois do crime, ela teria sido transferida para Tauá e de lá fugiu, tendo, de acordo com o relato e com a tradição oral, se prostituído.

Presente Agradável foi um folheto que azedou as relações do poeta com sua cidade natal. Ele bendiz o fato de ele ter-se perdido: "Eu acho é bom que não exista porque eu dou um ataque tão grande no Assaré...".

E relembra alguns fragmentos:

De onde vem tão flagelado?
Pois está me parecendo
que foste martirizado
se dessa forma vieste
De toda corte celeste
receberás uma palma
Pois aqui sou o porteiro
fico muito prazenteiro
quando recebo uma alma

Quando eu lhe disse
Que era do Assaré um habitante
Ele me suspirou dizendo:
Tem padecido bastante
Mas sei que serás aceito
Nesta santa residência
Por Jesus de Nazaré
Pois ser filho de Assaré
Já é uma penitência.

O último folheto publicado por Patativa narra seu encontro com a alma de Zé Limeira no céu.

Patativa desconversa quando questionado sobre este violeiro que não tem historicidade comprovada. Diz que o viu de costas, de longe, conheceu alguém que cantou com ele. Parece que, por trás de tudo, existe um laço afetivo dele com Orlando Tejo, a quem interessa manter viva essa polêmica. Mas o folheto, na verdade, serve para o exercício virtuoso de Patativa, que escreve nos moldes da surreal e desconcertante personagem.

A produção de folhetos de Patativa é desproporcional ao volume e à importância de sua obra.

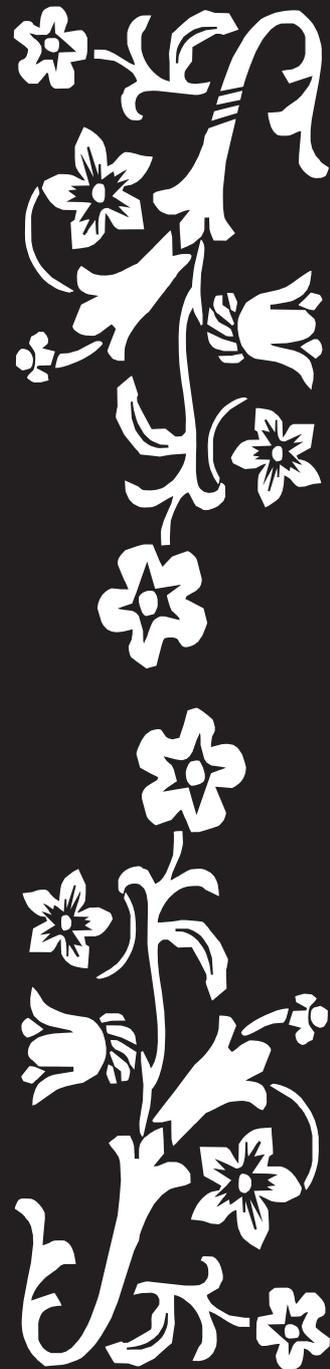
Mas, como foi dito no início, tudo é cordel, superando o barbante, marcado pelo eco da tradição que ele atualiza quando fala de reforma agrária, televisão, meninos de rua, supera a tradição e promove uma ruptura, ao mesmo tempo que, dialeticamente, a mantém.

O imaginário na produção de folhetos de Patativa se apresenta em um espectro que vai do maravilhoso ao gracejo, do paródico ao jornalístico, sendo político mesmo quando fala de amor, na consecução de uma poesia militante, sem perda da qualidade estética.

Nota - Depois da escrita desse ensaio foi localizada uma cópia do folheto “O Crime de Cariús”, na biblioteca do bibliófilo Tomás Pompeu Gomes de Matos, que, gentilmente, a emprestou para ser copiada e fazer parte do livro “Patativa do Assaré- Pássaro Libertado”, editado pelo Museu do Ceará, em 2002.



Xilo: Cícero Vieira





UM OLHAR SOBRE A VIDA E A OBRA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Prof. Dr. Tadeu Feitosa
Curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Ceará

Difícil tarefa a de falar sobre Patativa do Assaré e sua obra. Um só poema e a responsabilidade já pesa. Imagine falar do seu centenário. O melhor seria tomar esse centenário como um rito iniciático que inaugurará uma longa trajetória de conhecimento de todas as complexidades que a poética patativana conte.

Das primeiras cantorias de Patativa à obra inaugural de sua poética; das primeiras brincadeiras do menino-poeta no caminho para a roça até este centenário, difícil não confundir o dom pessoal de Patativa com a obra que orgulha a todos nós.

No ímpeto de dizer o artista e a obra, de dizer o homem e o mito, de dizer o velho e o poeta, muitos, principalmente os modos preferenciais da mídia ao se reportar sobre o poeta, esbarram em armadilhas que reduzem o SER de quem se pretende falar. Melhor dizer então que o centenário de Patativa do Assaré inaugura o alvorecer de uma poética.

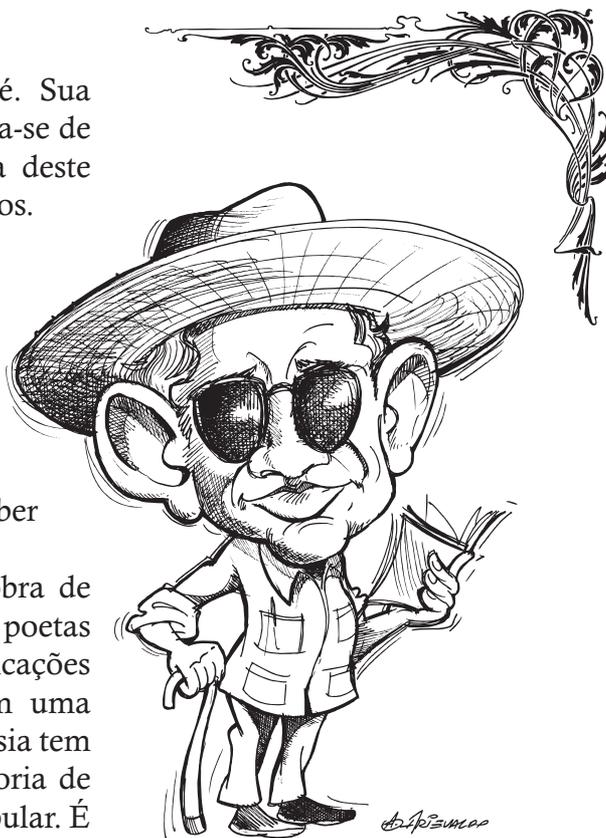
Assim, na contramão dos modos preferenciais da mídia, nunca concordei com as tentativas de classificação da obra de Patativa. Qualquer tentativa de dizer que a obra deste poeta é isso ou aquilo esbarra no risco de simplificar sua vida e sua obra com clichês já usados repetidas vezes, circunscritos aos valores, postulados e métodos da chamada cultura erudita. Não. A cultura erudita, ou para ser mais claro, a cultura dos “sabidos”, a cultura da “sabença”, como diria Patativa,

não pode falar da sabedoria de Patativa do Assaré. Sua sabedoria foi só dele. Foi e continua sendo única. Trata-se de uma sabedoria singular, porque própria da natureza deste poeta, mas é também plural, porque fala de muitos. Patativa falou de todos que gostariam de falar e não tinham voz. Por esse motivo é que eu costumo dizer que ele foi uma espécie de mídia. Um meio de comunicação que existiu para dizer e divulgar o que seus irmãos do sertão queriam ouvir. Patativa é mídia porque traduziu para a linguagem do seu povo o que ele percebeu do mundo. Foi mídia porque transformou os mistérios de alguns fenômenos num saber simples.

Dizer que há uma erudição popular na obra de Patativa, ou dizer que existe uma sabedoria dos grandes poetas na poesia dele não resolve o impasse das classificações apressadas e desnecessárias. A estética popular tem uma subjetividade complexa. Ou seja, o que enfeita sua poesia tem muito mais do que versos bem construídos. A sabedoria de seus poemas é grande, muito mais do que erudita e popular. É um saber outro que não se rende aos paradigmas e cânones hegemônicos. Que não se curva aos modelos da literatura ou da poesia “dos grandes”. Patativa é popular e erudito ao mesmo tempo.

O que é erudição popular sem os sujeitos que a praticam num tempo específico e sujeitos a relações sociais múltiplas? Assim é o universo que o poeta de Assaré cantou: um universo plural. Dizer que é plural significa dizer que ele fala de um e de todos ao mesmo tempo. O universo popular é composto de sujeitos que se recusam a se enquadrarem num só papel e Patativa percebeu essa dimensão com uma visão privilegiada. Sim, ele percebeu que mesmo o seu sertão não pode ser classificado como igual, pois cada um tem sua realidade. Cantar o Nordeste significa cantar as particularidades de cada um de seus sujeitos.

Na análise do universo poético de Patativa do Assaré, quase sempre os postulados são referentes àqueles do saber tradicional e erudito. As análises





sociológicas ou literárias sobre o poeta não raro, são limitadoras porque circunscritas apenas aos saberes da cultura erudita. Aos saberes dos "home grande" como o poeta costumava dizer. Ora, entender Patativa do Assaré sem conhecer o sertão e seus sujeitos, é uma tarefa penosa. É por isso que ele mesmo é quem diz: "Não adianta dizer que estão lendo meus versos na França, porque eles não vão entender mesmo."

Assim sendo, não cabe aqui situar a obra de Patativa do Assaré nos critérios de análise hegemônicos, ainda que esse exercício possa ser feito. Sim, porque qualquer que seja a "sabença", é possível colocar Patativa lá. Em qualquer análise feita há que se ter em mente que qualquer critério de análise escolhido imputará à sua obra reduções, exclusões e relativismos.

Pois bem, não dá para falar de Patativa do Assaré sem situá-lo no seu campo natural: o sertão, que lhe inspira e lhe insere uma identidade, ora criada por ele e disseminada em seus cantos, ora lhe imputada e recusada por sua experiência. Qualquer um de seus livros e poemas, mais especialmente o livro *Cante lá que eu canto cá* funciona como um código que impõe respeito às identidades próprias de sua gente, ainda que o termo identidade apresente enormes problemas na sua aferição pelas ciências sociais e cujas implicações não tratarei aqui.

A identidade de Patativa do Assaré é peculiar, quase singular. Mas dela teremos apenas indícios, sinais ao longo desse jogo reflexivo que ora iniciamos sobre seu fazer poético. Fazer poético que traz, já no momento da inspiração, segredos difíceis de serem revelados. O próprio Patativa é quem diz: "Não sei explicar. É uma coisa da Natureza, de Deus mesmo. Só sei que não anoto nada. Primeiro crio uma estrofe, memorizo e crio outra. E assim por diante até terminar. Sempre foi assim," ratifica.

Vinda a inspiração, as palavras são cuidadosamente buriladas, retocadas, pensadas e postas uma a uma para se "petrificarem na memória". Foi o próprio Patativa que o disse: "A minha memória anda um pouco fraca, mas tudo aquilo que eu escrevi, tudo o que eu criei, as coisas antigas estão petrificadas em minha memória". A obra monumental da poética de Patativa tem nas palavras os tijolos e na memória a argamassa, o cimento que petrifica e eterniza. São tijolos superpostos com argamassas da memória. Patativa construiu esse edifício chamado poesia e nós precisamos conservar esse prédio, precisamos mantê-lo vivo e também divulgá-lo, porque é nessa edificação poética que se encontra a história, a

memória, a tradição, os costumes, o folclore, as crenças e tudo o mais que mostra como somos.

Para o poeta, o sertão foi a sua fonte inspiradora. Não existiria o sertão cantado por Patativa se não existisse o cimento que ergue esse sertão e que nada mais foi do que a memória desse poeta magistral. O Sertão é uma mistura de tensão romântica entre talento e maldição (fome, desesperança, falta de auxílio). Sua lira canta essas tensões para denunciá-las, para desmistificá-las, para respondê-las com a fé e a vontade de lutar. É uma lira fundada primordialmente sob a matriz da emoção. Sim, é a emoção que faz o canto desse poeta tocar nossos sentidos. É a emoção desse poeta que nos faz ver o que sempre querem que esqueçamos. O terror e a piedade cantado pelo Patativa são matrizes, são alicerces usados para atrair a atenção de seus interlocutores, de sua gente. Ao cantar essa piedade, esse sofrimento e essa dor, ele nos chama atenção para não ficarmos quietos. O canto da sua dor clama por ação. “O pinto dentro do ovo/ aspirando um mundo novo/ não deixa de beliscar/ bate o bico, bate o pico/ bate o bico, tico tico/ prá poder se libertar.”

A elocução dos seus poemas suscita emoções: piedade, terror, ira. Piedade pelos seus irmãos sofridos, aos quais defende com entusiasmo e não se cansa de amar. Terror pela incompetência e pela omissão dos homens que mandam nesse país, a quem não se cansou de alertar. E ira, mas não uma ira doentia e sim uma ira santa, que se opõe às mentiras e clama pela verdade. Que essa verdade possa doer no coração dos grandes, mas que seja dita. Como o Cristo que não se importou de chicotear os comerciantes que teimavam em ocupar o campo santo com suas vendas, também Patativa lançou sua ira santa contra os opressores do poder. “Não!”, dizia ele “esse povo sofrido é o povo de Deus e esse sertão é seu campo sagrado. Não aceitarei e não devemos aceitar que nos flagelem”.

Falar de Patativa é falar da trajetória de um canto que nasceu com ele em 1909 e que nesse seu centenário se transforma num rito inaugural, que projetará o poeta e sua obra para adiante. A vida do poeta se deu sempre com ele caminhando sob uma chuva de rimas em busca das verdades. Em sua busca da verdade o poeta aumenta e diminui o valor das coisas, numa lógica só sua. Os efeitos de sua obra resultam de uma ação bem construída, em que os elementos da narrativa interagem numa reciprocidade tal, numa troca tal que vai envolvendo o leitor sem que o poeta seja acusado de direcionar os efeitos. Não, ele não é um ditador que nos obriga a





pensar como ele. Ao contrário, ele é um poeta que nos convida a refletir as coisas. Que nos convida a bater o bico, tico tico prá poder nos libertar. A busca da verdade na poesia de Patativa do Assaré implica uma ação conjunta entre ele e o seu povo. Ele manipula os códigos da sua poética para persuadir, para encantar, para encorajar, nem que para isso fuja da lógica racional. “Na poesia é de se preferir o impossível que persuade ao possível que não persuade”, disse Aristóteles.

Persuadir significa incentivar, conclamar, chamar, convidar. Um quase segurar na mão e levar. Ao persuadir e conclamar para a luta em busca da verdade, sua poesia acaba virando um estímulo para sua vida. Uma vida partilhada com o próximo sob o signo da emoção. Uma poesia que dá sentido às coisas ao mesmo tempo em que as protege dos falsos sentidos. Mas sua poesia não é apenas um modo privilegiado de expressão linguística, é também, como já disse, verdade. “A poesia é uma verdade filosófica que se manifesta no imediato da imagem antes do que na universalidade do conceito”, já dizia um filósofo antigo.

Assim, o que Patativa sempre fez foi convidar seus irmãos sertanejos a se conhecerem melhor para, juntos, se imporem contra seus agressores e nunca aceitar seus sofrimentos como sendo obra de Deus. Não, é dos homens que provêm os sofrimentos. Se o sol é para todos, também os recursos têm de ser. “Nosso sertão merece ser melhor”, afirmava Patativa.

A imagem do sertão em Patativa transcende as formas conceituais que o descrevem. Seu sertão é imagético, real, demonstrável. Ele o demonstra por múltiplas representações para só depois aferir-lhe sentidos. São sentidos que se misturam e que se mostram cúmplices, num eterno devir, gerando novos sentidos e semioses ilimitadas.

Ao cantar o sertão, seus problemas e seus prazeres, Patativa cantou o homem e o mundo. A poesia refere-se ao universal. Portanto, Patativa é universal. Ele reata o particular sertão e sertanejo ao universal homem e mundo. E canta um mundo e um sertão dinâmicos. Que mudam e que precisam mudar, porque as coisas mudam. Ao apresentar os problemas o que ele quer não é mostrar-se sofredor para ganhar a piedade dos outros, mas denunciar os descabros e chamar a todos para a luta pela vida digna. O que o poeta de todos nós sempre fez foi dizer a verdade. Disse a Natureza bela, mostrada pelo sertão verdejante. Cantou a Natureza impiedosa, mostrando a sequidão da terra. Mostrou o sertanejo puro e trabalhador, o sertanejo sofrido e fugitivo em busca de outras terras. Mas diz

também a incompetência dos homens do poder. Ele mesmo afirmava “Eu digo em versos a verdade. Quem dela não gostar... paciência”.

Para dizer a Natureza e por extensão dizer o mundo; para dizer o sertão e por extensão o sertanejo; para dizer o Nordeste e por extensão as adversidades sociais, Patativa se apropriou da Natureza. Aquela que lhe criou e à sua própria natureza, a natureza da sua alma de ser pensante, ser sábio, ser mítico. Nesse tocante, Patativa se situa além das fronteiras que separam arte e engenho natural. É uma simbiose misteriosa como a própria Natureza que ele tomou para representação do mundo.

Patativa foi Natureza porque sentiu naturalmente suas impressões para poder imitá-las para nós. Ele é o meio que nos liga a uma natureza que só ele percebia. E, ao representá-la, seus segredos permaneceram guardados no poeta, para serem revelados noutros momentos. Como na linguagem bíblica, os elementos representantes dessa verdade e dessa natureza estão pulverizados ao longo de sua lira. (...) E, quando essa mesma Natureza lhe prega uma peripécia, escondendo alguma coisa que precisava ser dita, paciente e respeitoso ele se punha a observá-la para entendê-la, para justificar seus enigmas, seus mistérios, para caracterizá-la conforme suas necessidades. “O que chamamos Natureza é um poema fechado em características misteriosas e admiráveis”, disse o filósofo Schelling.

Patativa teve um modo próprio de ver o mundo e de representá-lo. Em sua obra percebe-se que ele brinca com os modos de ver, usando percepções diferenciadas para situações idênticas, como que a desdenhar, como que a fazer pouco das matrizes referenciais dadas pelo senso comum ou pelas ordenações hegemônicas. Nem sempre lançou mão dos referenciais existentes, mas criou seus próprios meios. A Natureza que lhe inspirou e que recheia sua obra, tanto serve como modelo para ele, como ele empresta a ela os modelos que melhor diz seu espírito de poeta e de homem do campo e do mundo. Ler um mesmo quadro do cotidiano com olhares diferentes não implica contradição, mas esperteza perceptiva. Esperteza de um olhar sábio. Diria melhor: trata-se de perspicácia perceptiva. Seu olhar diferenciado para coisas iguais é presepeiro. Ao longo do seu exercício “visionário”, novas peripécias foram se formando, daí a dificuldade que os analistas têm em dar como certos os critérios analíticos usados para a análise de sua obra.



Patativa foi uma pessoa que não abandonou nosso primeiro modo de comunicação: a fala. Foi pelo oral que ele nos emprestou seus sentidos. Patativa foi na oralidade a personificação de uma grande mídia. Uma mídia utópica, presa apenas às sensações libertas, captadas por uma antena sensorial invisível, mas sempre aberta para receber. Mistura de receptáculo e mediação, o poeta midiático ou multimídia é um misto de sabedoria e de mediunidade, de inocência e sagacidade. Vários códigos compõem o seu sistema perceptivo. Ele foi mais do que mídia, foi uma complexa comunicação em ininterrupto processo.

É o próprio Patativa quem nos fala sobre essa singularidade comunicativa: "ao cuidar da minha lida na roça eu nunca estava só. Era fazendo a limpa e fazendo versos. Tudo coisa que eu ia criando, tudo coisa da minha imaginação, que ia chegando ou sobre a vida do sertanejo, ou sobre a própria lida, coisas que iam chegando na minha mente e eu ia transformando em versos. Mas veja bem: tudo coisa criada, mas tudo ligada à verdade, às coisas da vida". Como se percebe, o poeta de Assaré foi o primeiro modelo de antena parabólica do sertão. Só que com uma diferença: uma antena que captou o que essas que estão sobre nossas casas não conseguem captar. Sua antena sempre esteve ligada aos deuses da poesia. Uma antena que captou sensações deste e de outros mundos; uma antena que foi regida pelas sensações; pelo olhar crítico e atento; uma antena que soube captar as dores e os prazeres dos seus irmãos. Um poeta do mundo e para o mundo. Um poeta que esteve sintonizado com as coisas do nosso cotidiano.

O poeta cujo centenário comemoramos não tem idade. Ele terá sempre a idade atualizada pelos seus leitores. Por isso, todos nós estaremos atualizando essa obra monumental a cada leitura de um dos seus muitos poemas. Todos nós e, de resto todas as pessoas, serão os continuadores dessa lira.

O poeta que ora homenageamos não precisou da academia porque foi um acadêmico natural; nem precisou da universidade porque a ela emprestou outros saberes, menos arrogantes, mais coerentes com o mundo dos simples. Seus versos não precisam do aval da pedagogia, porque dispensa vícios professorais.

(...)

Patativa foi um artista exemplar. Um artista que esteve além dos paradigmas da arte. Arte que ele usou e à qual emprestou seus dons. O modo de ver da arte não coincide com os modos de ver de Patativa do Assaré. Enquanto poeta da natureza - e ele próprio - de natureza múltipla, diferencial, não limitou seus sentidos às funções naturais. Ele não via apenas com os olhos, mas com todos os sentidos. Sua pele enxergava e sentia o cheiro da terra, o aroma do campo, o arrepio provocado pelo canto dos pássaros. Ao cantar o cheiro da terra, mostrava um olfato que escutava para dizer. Sua voz nasalada nos tocava e acariciava. Pelos seus sentidos, o cheiro de mato dizia a terra querida e massageava a percepção, fazendo com que ela se abrisse a interpretações profundas. Na obra de Patativa não há uma lógica sensitiva nem sinestésica, mas uma lógica mais complexa e subjetiva que as percepções em suas funções normais.

Em sua obra, o homem que ele canta é bem definido sem ser identificado em sua completude. É um homem que se faz ao sabor do tempo e do lugar. Um homem que ele vai revelando de acordo com suas sensações, de acordo com o modo como este se relaciona com as coisas do dia a dia. Aliás, tempo e lugar são as matrizes das ações humanas na obra de Patativa. Sua obra e sua vida estão circunscritas a tempos e lugares. Seu viver de homem do campo pode ser visto nas relações humanas presentes na sua obra. Esta diz o seu tempo. Diz como esse Nordeste se constitui. Sua obra serve como um documento vivo sobre Assaré, o Nordeste e, por extensão, o Brasil.



Nesse sentido, falar de Patativa do Assaré é falar de uma cultura em movimento. Um homem não pode existir fora da cultura. Não somos homens e mulheres de cultura. Somos homens e mulheres cultura. Somos o que comemos, somos o que sonhamos, somos o que vestimos, somos o que oramos, somos o que vivemos. E tudo o que vivemos é a nossa história. Portanto, se não existir a história e a cultura que nos cria, nós não existimos. É nesse contexto que temos de situar a obra patativana. Ela nos diz quem somos para que nós possamos existir. Ela nos mostra para que nós nos mostremos para o mundo. Como o filho, que respeita os pais porque eles lhes deram a vida, também nós devemos respeitar a cultura que nos dá sentido.

Compostas pelas complexas maneiras por meio das quais se expressam; a cultura, a memória, a tradição e as identidades presentes na obra de Patativa do Assaré estão em permanente movimento. E o poeta foi um gênio a serviço dessa dinâmica. No momento em que se comemora o seu centenário de nascimento também se exalta a trajetória de seu canto. Um canto imorredouro e atual cujos sentidos ainda pouco decifráveis tornam seus poemas um porto seguro para quem deseja conhecer de que matéria da memória somos constituídos.

CELEBRANDO PATATIVA, NO SEU CENTENÁRIO

Plácido Cidade Nuvens
Reitor da Universidade Regional do Cariri

Um dia, perguntaram a Vinicius de Moraes para que servia a poesia. E o grande poeta boêmio respondeu com lúcida espontaneidade: “A poesia serve para transmitir aos outros uma série de experiências peculiares a todos nós. O poeta é um intérprete. É o que dá forma a uma série de sensações, intuições, conhecimentos. Todo o imponderável dos sentimentos humanos é o poeta que revela. Por quê? Não sei. Provavelmente, porque o poeta é dotado de antenas que lhe permitem sentir o mundo”.

De outra feita, ainda a Vinicius de Moraes perguntaram qual o papel da poesia no mundo contemporâneo, ao que ele respondeu de pronto: “A função da poesia é cantar o que existe de belo. Transmitir a beleza que o poeta detém dentro dele. Como o mundo bonito que ele guarda em si entra em conflito como mundo que o cerca, o poeta se revolta. Daí, acho, nascer frequentemente a poesia sócia. O poeta é um permanente revoltado. Mas não o considero um desajustado. Partindo daí, o poeta atinge o social, no momento em que este se torna um problema agudo e predomina sobre os demais”.

Geir Campos, poeta capixaba de *Rosa dos Rumos* (1950) e *Operário do Canto* (1959), disse certa vez, em entrevista concedida a Olga Werneck: “O que caracteriza o verdadeiro poeta é a sua indignação, a sua falta de acomodação às desumanidades do mundo. O poeta verdadeiro é, antes de tudo, um indignado. Para o poeta, a poesia serve para ele manifestar essa sua revolta; para leitor, a poesia serve para ajudá-lo a formular a sua própria revolta ou fazê-lo sentir que não está revoltado sozinho”.



E então, o poeta capixaba passa à teorização: “A poesia é a mais antiga das artes humanas e a que há mais tempo se encontra na história da humanidade. Bem no começo, a poesia era uma arte muito popular, coletiva como todas as coisas na vida em comum primitiva. Quando a sociedade passou a dividir-se em classes, sempre houve poetas que escolheram a classe dominante e outros ficaram com a classe dominada. Com essa divergência de classes, os interesses divergem e os propósitos da poesia entram nessa divisão: de uns tempos para cá, nota-se evidentemente a coexistência de uma poesia de elite e uma poesia do povo, ou melhor, uma ideologia de elite e uma ideologia popular”.

Gustavo Dahl, investigando a tarefa do artista na sociedade, coloca o problema nos seguintes termos: “Poder-se-ia estabelecer uma relação dialética entre vida, sociedade e história, como entre poesia, política e moral, como entre sentimento, consciência e autenticidade. E imaginar o artista tentando realizar a síntese das sínteses, aquela da autenticidade, da moral e da história. No fundo de si própria, cada pessoa sabe que a Idade de Ouro virá, quando sua autenticidade coincidir com a de todos, transformando-se em moral e esta, institucionalizada no Estado, coincidir com o sentido da história, que é liberdade do homem. O artista é um dos muitos que creem no advento desta utopia e para ela trabalham”.



Toda esta sinuosa, mas inevitável caminhada teórica, tem sua importância. É ela imprescindível para a compreensão de que a obra poética de Patativa do Assaré, poeta popular de inextinguível memória, cujo centenário estamos a comemorar, sua obra completa extrapola os próprios limites e confins da cultura popular, nobilitando-a. Esse referencial teórico é também fundamental para que se possa compreender em profundidade maior que a vida e a obra de Patativa não se esgotam na modesta configuração dos seus dados biográficos.

Vida e obra do inconfundível bardo sertanejo são luzes de fulgurante luminosidade para quem se dedica a percorrer os caminhos tortuosos do conhecimento do sertão, seus mistérios, seus mitos e desafios, sua figuras humanas, seus problemas sociais, com todo o seu universo fascinante. Aliás, Oswald Barroso,

poeta e teatrólogo, já havia assinalado esta imbricação: “obra e autor são a mesma unidade”.

O que faz Patativa no decantado poema *Cante lá que eu canto cá?* Apresenta-se como verdadeiro, autêntico e legítimo intérprete do sertão, tala, como disse Vinicius de Moraes quando falava que o poeta é um intérprete. Patativa dá forma poética a uma série de sensações, intuições e conhecimentos capazes de tornarem o sertão mais palpável e mais perceptível na sua realidade inteira, pois, plasmadas sob as dimensões de um verdadeiro documentário estético, sua poética descritiva e reveladora do sertão, da sua gente e da sua vida, captadas pelas antenas do coração lírico de um poeta telúrico. Neste documentário estético, que é a obra poética de Patativa do Assaré, há muita pulsação de vida, há uma grande densidade humana. Este documento estético é uma exaustiva observação apaixonada e uma arguta reflexão, longamente ruminada, que procura o significado pleno da vida do sertão e do sertanejo. Por isso, Patativa como poeta intérprete do sertão nordestino não pode esconder a sua indignação ante as desumanidades do mundo do sertão, tal como salienta Geir Campos.

Referindo-se ao livro *Cante lá que eu canto cá*, Cipriano Carlos Luckesi desenvolve algumas oportunas observações como esta: “Os poemas nele contidos nada mais são do que a observação da realidade e uma reflexão sobre ela, buscando o seu significado, o seu sentido e sua função”.

Nesta vocação de interprete legítimo, porque fundamentado em razões éticas, emerge o traço marcante e inconfundível da vida e da obra de Patativa do Assaré já sublinhado, com arguta perspicácia, por Salatiel de Alencar, na introdução do livro *Cante lá que eu canto cá*: “O poeta do sertão sofredor tem uma



Arte: ARIIVALDO a partir de xilo de JOÃO PEDRO NETO



inesgotável capacidade de comunhão e simpatia pelos que vivem humilde e pobremente, pelos fracos, pela gente simples do nosso povo” e salienta: “Seu canto não é de protesto, nem de revolta, mas de compaixão”.

O Professor Joseph Fuchs, em seu livro *Teologia Moral*, ensina que “a vida de cada homem, em última instância, se consoma num dilema: tem de fazer uma opção fundamental que dê sentido à sua vida, que lhe sublime todas as energias, que oriente todo seu talento e que proporcione toda felicidade ou perder-se nos labirintos alienantes da dispersão banalizante”.

A opção fundamental da vida de Patativa do Assaré foi, permanecendo enraizado na sua cultura, tornar-se intérprete dos seus irmãos sertanejos, num canto de compaixão, mas também de alento e de convocação.

Este mesmo parecer é expresso por Aristides Teodoro, da Tribuna Popular, de Mauá, Estado de São Paulo; “Patativa do Assaré é um poeta preso à sua terra e à sua gente, um desses homens que, antes de tudo, é um humanista cheio de piedade, não só pelo ser humano, mas também pelos animais que sofrem as conseqüências das prolongadas secas. O poeta é um homem altamente social, não um revoltado gratuito, mas alguém que sabe denunciar as mazelas de nossa terra”.

Patativa do Assaré penetra mais fundo na realidade do sofrimento e do abandono do sertanejo. Ele não vê apenas a realidade social de abandono, sofrimento e exploração do sertanejo. Vê, sente e chora a situação mental e ideológica do caboclo. Dias da Silva, em comentário sobre o livro *Cante lá que eu canto cá*, focaliza o realismo da abordagem: “Mais que uma obra de criação pura, de devaneios poéticos, de ficção, *Cante lá que eu canto cá* é um manifesto de vida em favor do oprimido e dos desamparados. Dos explorados pela ganância dos que já têm muito”.

Este notável manifesto de vida em favor do oprimido é também uma cortante denúncia, uma terrível constatação. O sertanejo, grande sofredor, vive alienado, rindo do próprio sofrimento. Depois de mergulhar no âmago desta realidade aviltante, sai fortalecido, com energias redobradas. Sua voz torna-se mais forte. Rosemberg Cariry, conceituado cineasta cearense informa: “Em todas as grandes lutas sociais e políticas do Ceará, Patativa disse Presente! Quem não se lembra da multidão de 40 mil pessoas, no Comício das Diretas Já, cantando com Patativa a ‘Lição do Pinto’?”.

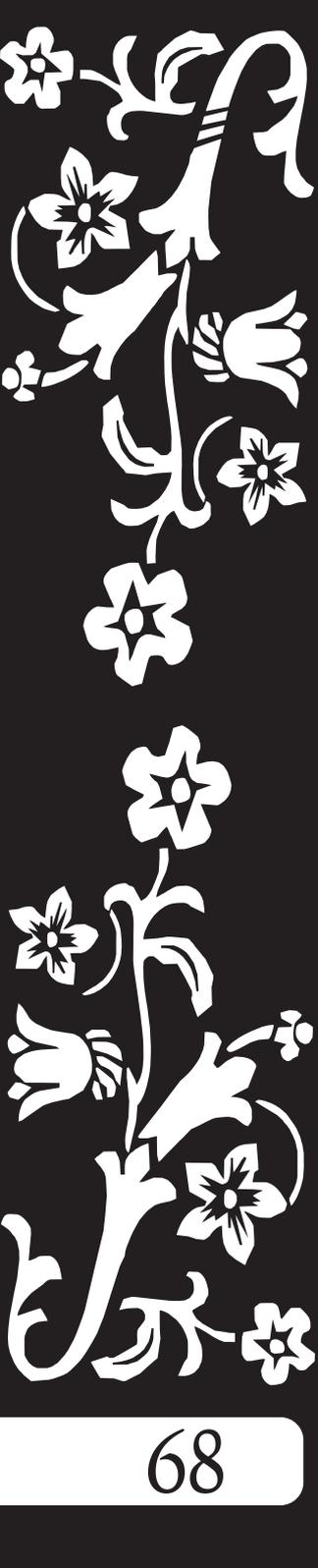
Na sua evolução e maturidade, Patativa do Assaré, segundo a crítica de Moacir Japiassu, supera Catulo da Paixão Cearense. Porque contempla o luar do sertão com o mesmo enlevamento lírico, mas como interprete e porta voz do sertão, apresenta ao caboclo roceiro uma proposta política, mais nacionalista e mais engajada e compromissada, menos deslumbrada, apesar da emotividade telúrica com que se reveste:

Quero ver do Sul ao Norte
o nosso caboclo forte
trocar a casa de palha
por confortável guarida
Quero a terra dividida
para quem nela trabalha;
Eu quero o agregado isento
do terrível sofrimento
do maldito cativo;
Quero ver o meu país
rico ditoso e feliz;
livre do jugo estrangeiro.

O artista que não se revolta com as desumanidades do mundo, delas se acumplicia.

A objetividade da obra poética de Patativa do Assaré decorre do seu tino de observador arguto e sensível, partícipe da vida sertaneja, do universo rural, da ideologia cabocla. Patativa não realiza uma produção pura e simples pela força deslumbrante da sua capacidade criativa de gênio. Não é apenas uma obra de ficção. Trata-se, como foi visto, de um documento estético, legado para a posteridade, que assim tem possibilidade de conhecer o coração do Nordeste nos meados do século XX.





A UNIVERSALIDADE DA POESIA CEARENSE DE PATATIVA DO ASSARÉ

Prof. Ms. Joan Edesson de Oliveira
Universidade Vale do Acaraú

A poesia de Patativa do Assaré é uma poesia cearense, uma poesia sertaneja. A afirmação, repetida à exaustão, é dele próprio. “Eu, Antonio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré”. Assim escreveu o poeta na sua famosa autobiografia, publicada no livro *Cante lá que eu canto cá*.

Se aí Patativa faz questão de registrar o lugar onde nasceu, em diversos poemas ele afirma a condição de cearense e sertanejo e, mais do que isso, de poeta cearense e poeta sertanejo.

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas nunca esmorece, procura vencê
Da terra adorada, que a bela caboca
De riso na boca zomba no sofrê.

Não nego meu sangue, não nego meu nome,
Olho para a fome e pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Tem munta beleza minha boa terra,
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.
Por ela eu me acabo, dou a própria vida,
É terra querida do meu coração.

Meu berço adorado tem bravo vaquêro
E tem jangadêro que domina o má.
Eu sou brasilêro fio do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

Ceará valente que foi munto franco
Ao guerrêro branco Soare Moreno,
Terra estremecida, terra predileta
Do grande poeta Juvená Galeno.

Sou dos verde mare da cô da esperança,
Que as água balança pra lá e pra cá.
Eu sou brasilêro fio do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará.

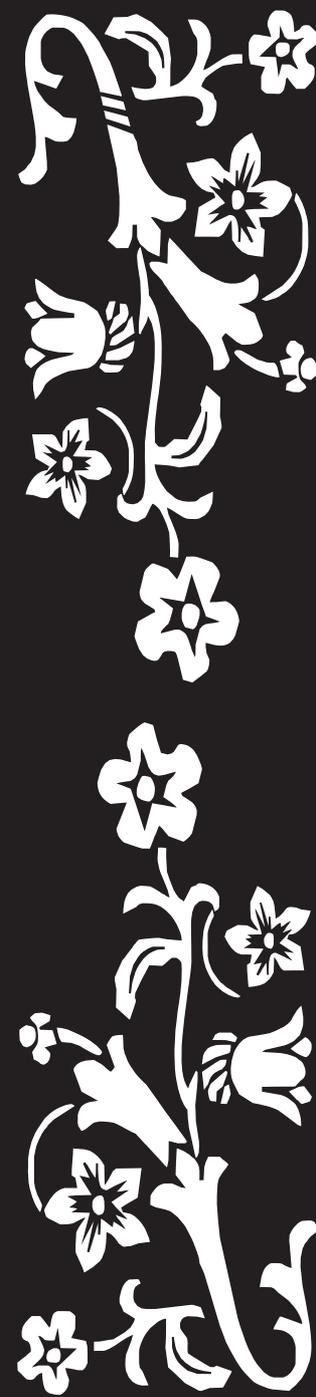
Ninguém me desmente, pois, é com certeza,
Quem qué vê beleza vem ao Cariri,
Minha terra amada pissui mais ainda,
A muié mais linda que tem o Brasi.

Terra da jandaia, berço de Iracema,
Dona do poema de Zé de Alencá.
Eu sou brasilêro fio do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará.



Arte: ARIEVALDO a partir de xilo de JOÃO PEDRO NETO

Este poema de Patativa, intitulado “Sou cabra da peste”, revela, a meu ver, este sentimento de cearensidade presente no poeta. De fato, essa afirmação de que era cearense, de que era um poeta cearense, é recorrente em Patativa, tanto na sua poesia quanto nas suas entrevistas, nas suas falas, nas suas conversas. Patativa se considerava um matuto sertanejo, da Serra de Santana, de onde nunca saiu. Os que conviveram de perto com o poeta sabem bem disso, desse sentimento telúrico, de apego à terra, de bem-querença ao seu lugar, esse sentimento profundo, enraizado dentro do poeta, e externado tantas vezes. Mais do que do Ceará, Patativa fazia questão de se afirmar do sertão.



Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha péia é bronzeadada
Da quintura do sertão.

Por força da natureza,
Sou poeta nordestino,
Porém só canto a pobreza
Do meu mundo pequenino.
Eu não sei cantá as gulora,
Também não canto as vitora
Dos herói com seus brasão,
Nem o má com suas água...
Só sei cantá minhas mágua
E as mágua de meus irmão.



Esses versos são de um poema chamado “Vida Sertaneja”. Num outro poema, intitulado “Eu e o sertão”, Patativa afirma:

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.

No rompê da tua orora,
Meu sertão do Ciará,
Quando escuto as voz sonora
Do sadoso sabiá,
Do canaro e do campina,
Sinto das graça divina
O seu imenso pudê,
E com munta razão vejo,
Que a gente sê sertanejo
É um dos maió prazê.

Creio que para mostrar esse apego de Patativa ao Ceará e ao sertão, esse sentimento telúrico do qual falei antes, esses poucos versos bastam. Se fôssemos pinçar, da sua obra, os versos em que ele declara esse amor, em que ele canta esse sentimento, precisaríamos de algumas semanas, talvez, a nos deliciarmos com a sua poesia, porque praticamente toda ela é um canto de amor ao Ceará e ao sertão. Mais do que canto de amor, o sertão é fonte permanente de inspiração. Num dos seus poemas mais conhecidos, e mais bonitos, dentre tantos de rara beleza que o poeta fez, no poema *Cante lá que eu canto cá*, Patativa não apenas declara que a sua inspiração vem do sertão, que ele retira daí a sua poesia, que o sertão, e o sertão cearense, é a matéria prima da sua lira, mas ele também afirma que não se mete com o que não conhece, com a cidade, e aconselha aos poetas citadinos que também não se metam na sua terra, no seu lugar.

Em relação à inspiração, Patativa diz que

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.



Mas porém eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima com preta,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem pôca leitura,
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossive.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisas daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra,
Assim que óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.



Mas tudo é rima rastêra
De fruta de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Se aí Patativa dialoga com o “cantô da rua”, como ele chama, colocando de onde vem sua inspiração, sua rima, afirmando e reafirmando o que é a sua poesia sertaneja, cearense, matuta, vincando bem o seu canto natural, telúrico, como já repeti mais de uma vez, ele abre e fecha esse poema demarcando os campos com os poetas da rua, colocando muito claramente a divisão entre a cidade e o sertão.

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.
Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.



Temos até aqui uma mostra significativa daquilo que eu chamei de cearensidade na poesia de Patativa do Assaré. Mas essa cearensidade poderia representar uma contradição com o que chamamos de universalidade? Tentemos responder por partes. Primeiro, onde estaria a universalidade da obra de Patativa?

Parece-me que este é um terreno pantanoso, onde a gente não pisa com absoluta segurança. Mas vou tentar fugir das areias movediças para chegar ao outro lado do pântano em segurança. Podemos até falar em cearensidade, em aspectos particulares da cultura cearense, mas não podemos jamais perder de vista que ela está inserida no que eu chamaria de brasilidade, de cultura brasileira. E a cultura brasileira é múltipla por excelência, é mestiça, tem a cara e o caráter do povo brasileiro. Estes cinco séculos, desde que aqui aportaram os europeus vindos de Portugal, nos moldaram num povo que é resultado de um verdadeiro caldeirão cultural, um caldeirão mágico, um caldeirão de alquimia, um cadinho do qual nós somos o resultado, do qual nossa cultura, a cultura brasileira, é a expressão mais forte.

Comecemos pelos portugueses. Os portugueses já traziam, quando aqui vieram, a marca da mestiçagem, a presença árabe, mourisca, da península ibérica. Aqueles portugueses dolentes, românticos (e cruéis, e sanguinários), traziam uma herança milenar adquirida dos mouros. E nós herdamos isso. Aqui, naqueles três grandes troncos que costumamos dizer que são a nossa origem: brancos europeus, ameríndios e negros africanos, nós construímos a nossa nação, um povo único, mestiço, um povo de vozes polifônicas.

A poesia de Patativa do Assaré é, para mim, muito representativa dessa mestiçagem. Aquele camponês, aquele lavrador que labuta a terra nos versos de Patativa, vem fazendo isso há milênios, desde que a mão primeira acostumou-se ao amanho da terra nos vales mesopotâmicos. Esse ofício de arar a terra vem até nós do Tigre e do Eufrates, para ser praticado no Jaguaribe, no Acaraú, no Coreaú, nas margens dos rios, nas várzeas e nos tabuleiros da sequidão sem fim do sertão cearense.

Essa voz que soa em Patativa é uma voz milenar. É o muezim chamando para a oração na mesquita, de espantosa semelhança com o vaqueiro nordestino aboiando o seu gado. Aboio de homens no outro lado do oceano, aboio de gado no lado de cá.

Da tradição oral da África negra, que ainda hoje perpetua suas histórias, suas memórias, suas lembranças, de geração para geração, oralmente,

vem a poesia de Patativa, uma poesia eminentemente oral, feita para ser cantada e contada, não para ser escrita. A poesia de Patativa se escreveu por um dado determinante histórico, mas ela é uma poesia da oralidade, uma poesia para ser cantada, para ser recitada em voz alta nas rodas de conversa, como ensinamento dos mais velhos aos mais moços.

Um traço disso é a memória do próprio Patativa, que não escrevia, por uma condição muito sua, que foi o problema da visão. Patativa produzia e repetia de cor a sua produção anos e anos depois, sem que essa produção se perdesse, “esquecendo” apenas o que queria que fosse esquecido. O próprio poeta tinha plena consciência dessa sua memória privilegiada. “Eu tenho uma memória, modéstia à parte, que é uma coisa quase como rara. Aqui na cabeça era como assim um gravador que eu gravava com o maior cuidado para não faltar nada”. E é verdade, a memória do Patativa era uma coisa espantosa, era essa memória universal, milenar, das tradições orais, como já falei aqui.

E Patativa sabia que havia algo na sua poesia que não se podia apreender com a escrita, com o texto, com a gravação.

Gravador que estás gravando
Aqui neste ambiente
Tu gravas a minha voz
O meu verso, o meu repente,
Mas gravador, tu não gravas
A dor que meu peito sente.

Essa dor é outro traço da condição universal de Patativa. A injustiça, a dor, a miséria, estas condições humanas que Patativa canta como sendo condições do sertão do Ceará, são próprias nossas, fazem parte da nossa realidade, mas são ao mesmo tempo universais, revestem-se de uma condição humana que transcende as fronteiras de cada país. Quando Patativa canta dessa forma, ele sai do sertão do Assaré e se irmana, se ombréia, se iguala, aos grandes nomes da poesia brasileira e da poesia universal. Nomes que ele conheceu bem. Aos treze anos Patativa leu o *Tratado de Versificação*, de Olavo Bilac e Guimarães Passos, e leu Camões. E leu muito mais, Castro Alves, muito mais, Patativa, apesar de não ter frequentado escola, leu muito. “Li Cassimiro de Abreu, Artur de Azevedo, Aluísio de Azevedo, Raimundo Correia, Olavo Bilac e Castro Alves, o maior poeta

brasileiro. Na poesia matuta: Catulo da Paixão Cearense”. Patativa tem sonetos de causar inveja aos parnasianos. O soneto “O peixe” é um desses.



Tendo por berço o lago cristalino,
Folga o peixe, a nadar todo inocente,
Medo ou receio do porvir não sente,
Pois vive incauto do fatal destino.

Se na ponta de um fio longo e fino
A isca avista, ferra-a inconsciente,
Ficando o pobre peixe, de repente,
Preso ao anzol do pescador ladino.

O camponês também do nosso Estado
Ante a campanha eleitoral, coitado!
Daquele peixe tem a mesma sorte.

Antes do pleito, festa, riso e gosto,
Depois do pleito, imposto e mais imposto.
Pobre matuto do sertão do norte!



É um soneto perfeito, impecável na forma e no domínio da língua. Vejam bem, domínio absoluto da língua portuguesa, num poeta que é chamado de matuto, de analfabeto, quase sempre de forma pejorativa. Patativa manejava e dominava a língua portuguesa como poucos na nossa literatura. Um outro soneto muito representativo disso é o soneto “O que mais dói”.

O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontre ausente
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.

Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.

O que mais dói e o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.

É ver os votos de um país inteiro,
Desde o praciano ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau.

Estes dois sonetos, além de perfeitos, além da perfeição da forma, da métrica exata, da correção da linguagem, do impressionante manejo da língua, trazem uma outra característica. Neles se revela o poeta social, político, a voz poderosa, altissonante, que se fez ouvir tantas vezes contra a injustiça, em defesa dos mais pobres, em defesa do povo sertanejo, do sofrido povo cearense e nordestino. Cantou a união do povo em mais de uma vez, em mais de um poema, participando ativamente, no final dos anos de 1970, da campanha pela anistia. Num comício em favor da anistia Patativa recitou o poema “Lição do pinto”, que foi reproduzido como um dos símbolos da campanha.

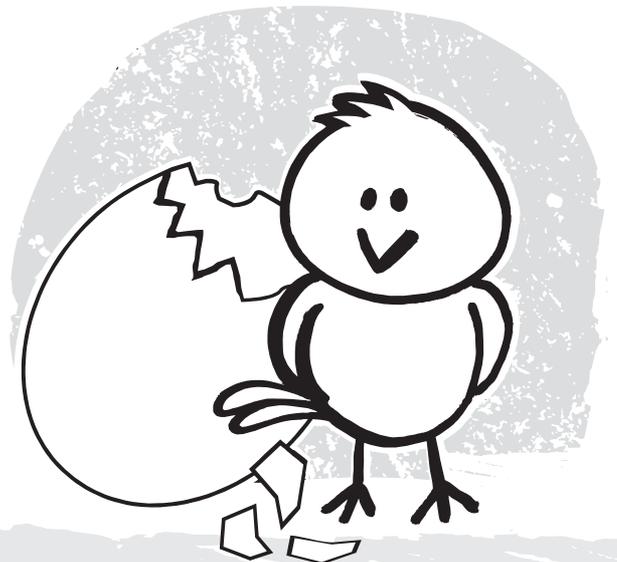
Vamos meu irmão,
A grande lição
Vamos aprender,
É belo o instinto
Do pequeno pinto
Antes de nascer.

O pinto dentro do ovo
Está ensinando ao povo
Que é preciso trabalhar,
Bate o bico, bate o bico
Bate o bico tico tico
Pra poder se libertar.

Vamos minha gente,
Vamos para a frente
Arrastando a cruz
Atrás da verdade,
Da fraternidade
Que pregou Jesus.

O pinto prisioneiro
Pra sair do cativoiro
Vive bastante a lutar,
Bate o bico, bate o bico
Bate o bico tico tico
Pra poder se libertar.

Se direito temos,
Todos nós queremos,
Liberdade e paz,
No direito humano
Não existe engano,
Todos são iguais.



O pinto dentro do ovo
Aspirando um mundo novo
Não deixa de beliscar
Bate o bico, bate o bico
Bate o bico tico tico
Pra poder se libertar.

São muitos os poemas “políticos”, digamos assim, de Patativa. Patativa foi um homem do seu tempo, voz do seu tempo, expressão da consciência popular, dos anseios do povo, cantador, menestrel, porta-voz. Patativa foi, através da sua poesia, um tribuno do povo, um Caio Graco sertanejo. Patativa, esse tribuno, fez poemas belíssimos com a temática da liberdade política, ativista do seu tempo, comprometido com sua época histórica. “Nordestino sim, nordestinado não”, “O boi zebu e as formigas”, “Inleição Direta 84”, “O agregado e o operário”, e tantos outros. Estava antenado com os problemas sociais da sua época. Um exemplo disso é o soneto “Reforma Agrária”.

Pobre agregado, força de gigante,
Escuta amigo o que te digo agora,
Depois da treva vem a linda aurora
E a tua estrela surgirá brilhante.

Pensando em ti eu vivo a todo instante,
Minha alma triste desolada chora
Quando te vejo pelo mundo afora
Vagando incerto qual judeu errante.

Para saíres da fatal fadiga,
Do horrível jugo que cruel te obriga
A padecer situação precária

Lutai altivo, corajoso e esperto
Pois só verás o teu país liberto
Se conseguíres a reforma agrária.

Voltando ao tema da universalidade em Patativa do Assaré, e das influências em sua poesia, o professor Gilmar de Carvalho chama a atenção para a dicção camoniana em alguns poemas, como “O inferno, o purgatório e o paraíso”.



Pela estrada da vida nós seguimos,
Cada qual procurando melhorar,
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
Desejamos, na mente, interpretar,
Pois nós todos na terra possuímos
O sagrado direito de pensar,
Neste mundo de Deus, olho e diviso
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Creio ter conseguindo estabelecer esse vínculo que anunciei no título do artigo, essa relação entre a característica eminentemente cearense e ao mesmo tempo universal da poesia de Patativa.

Patativa se definia como sendo “não mais do que o agricultor com capacidade de dizer em versos aquilo que sentia e em versos denunciar as coisas que revoltam”. Se tivesse sido apenas isso, já seria muito. Mas foi mais, muito mais. Poeta cearense, poeta universal. Não cabia em rótulos. Nenhum daria conta da sua grandeza. Patativa foi poeta, e dos bons, dos grandes da literatura brasileira, dos maiores da literatura universal em todos os tempos. Sua poesia, nesse sentido, já é clássica, perene, destinada ao futuro como poesia de todos os tempos e de todos os lugares.



PATATIVA DO ASSARÉ: DOUTOR HONORIS CAUSA

Prof. Ms. Cândido B. C. Neto
Universidade Estadual do Ceará

Ao longo de sua trajetória de vida, Antônio Gonçalves da Silva tem-se comportado como um testemunho vivo do povo nordestino, laboriosamente fazendo do seu verso uma grande construção, com marcas memoráveis de nossa História. E o tempo incumbiu-se de trazer a esta Universidade e ao povo cearense a inquestionável relevância do Poeta Patativa do Assaré, como sempre o fez e agora, com a outorga de título de “Doutor Honoris Causa” da Universidade Estadual do Ceará, estou a fazer novamente sob contagiante emoção.

Patativa é patrimônio vivo e inestimável do povo nordestino, pelo gigantismo dos seus cantos sobre os quais poderíamos plasmá-los com citações há muito colocadas para conhecimento dos leitores brasileiros, como a de Austregésilo de Athayde, em 5 de maio de 1956: “Curto é o espaço e muito teria a dizer, louvando os poemas sertanejos de Gonçalves da Silva. Ele é um lavrador e se gaba de nunca ter deixado de botar a sua roça, sejam quais tenham sido as vicissitudes do tempo. Entre lavrar a terra e contar e cantar a vida simples, vai tecendo a sua aventura no mundo”. Bem como a da rara e bela inspiração de Rosemberg Cariri, quando diz: “O Brasil, com o centralismo asfíxiante das indústrias culturais do eixo Rio-São Paulo, passa por modernismos impostos por países imperialistas e pode ainda não ter o seu poeta de expressão nacional, mas o Nordeste explorado e rebelde já tem o seu: Patativa do Assaré.”



Fastidioso seria descrever as significativas opiniões sobre Patativa. Fá-lo-emos numa publicação para breve, mas, antecipando-a, gostaria de ler parte do texto de minha lavra, proferido no Conselho Universitário, para explanar o poeta.

Na paisagem deste Nordeste marcado pela aridez de uma natureza hostil, o poeta nele subsiste e denuncia a persistência de nossas heranças sócio-culturais improdutivas e se torna a própria ruptura na qual criação e tradição se combinam para fazer história.

Patativa, com sua poesia fecundada no ventre fértil da terra, germinada no solo libertino do povo, com sua expressão simples, ultrapassar os limites e atingir a força totalizadora da compreensão humana. O poeta não se contenta com a existência individual e faz dos seus versos hinos coletivos, os personagens do seu quotidiano se universalizam, os feitos do sul são cantados no norte e o norte nos ventos do sul, e este é o ciclo longo como a lavoura dos seus poemas.

Atravessando as gerações, sem os hábitos estéticos da civilização urbana, Patativa permanece com uma produção rural, universalizada, na escola itinerante da vida, onde ele é esta paixão capaz de traçar longos destinos nos seus sonhos humildes, cantados entre veredas, pradarias, rios, tabuleiros do sertão, ou mesmo amontoados nas metrópoles do país.

O Patativa é um desafio do século ou do milênio, um repente da natureza com o homem, para mostrar seus instrumentos de afago e luta. Por isso não adianta disfarçar o cenário, pois o verso é obra subjetiva desse sentimento nordestino, enquanto as cercas de arame farpado continuam traçando o destino dos homens.

Somente uma abordagem abrangente do sertão nordestino, capaz de contribuir para o desvelamento da verdade, faria deste poeta de aguda



percepção da existência e por tudo quanto representa para a literatura nacional e nordestina e em particular para o Ceará, para a geração da nossa época, um dos símbolos deste século.

Portanto, vale insistir, a outorga do título de DOUTOR HONORIS CAUSA AO POETA PATATIVA DO ASSARÉ é de plena justiça e reconhecimento.

Costuma-se ouvir, nas pradarias deste sertão sem fim ou por entre os concretos urbanos, nas alamedas ou nos bares da noite, pessoas falando sobre os poemas e histórias de vida do Patativa. Percebe-se, com isso, como nunca uns versos encantaram tanto a coletividade quanto os deste poeta, como nunca cantaram tanto os sonhos e o esperar de um povo marcado pela dor do eterno “arribar”, como nunca tantos compreenderam a sua linguagem e assumiram posição diante dos outros, e como nunca a poesia ampliou e construiu uma mundivisão, dando sentido a tudo quanto nos cerca ou foi feito pela força dos versos de quem tão divinamente sabe trabalhar a arte da palavra.

Este perfil regionalizado, mas sempre expressado em uma identidade nacional, é testemunho da diversidade de aspectos sobre os quais pode falar do nosso homenageado.

Seu amigo Pe. Antônio Vieira nos mandou esta em “ispinho e fulô”: “A poesia do Patativa é como as veredas e picadas do Sertão. Tem rastro de gente, de gado, de bode, de preá, de tatu, só não tem pegadas de caiporas, duendes, almas penadas, coisas do outro mundo. Sua poesia é de um realismo cruciante. Não tem metáforas, tropos, estilizações beletristas, erudição livresca. Suas imagens são naturais, colhidas da terra como o milho, o feijão, a batata por ele plantada nos seus roçados. A Bíblia diz ter sido o homem feito do barro da terra, mas Patativa foi feito também com o sol nordestino, com o luar prateado das nossas noites silenciosas, com as águas das chuvas, as lágrimas e o suor do sertão”.

Mas ninguém melhor, a não ser o próprio poeta, pra falar dele, e melhor ainda quando sua história é brotada por meio de sua poesia telúrica:



O POETA DA ROÇA

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paióça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos oito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.



Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.

Nascido em 5 de março de 1909, na Serra de Santana município de Assaré Ceará, foi o autor de *Inspiração Nordestina*, *Cante Lá Que Eu Canto Cá*, *Ispinho e Fulô*, *Aqui Tem Coisa*, além de diversas participações e uma vasta história, na discografia nordestina.

Eis, portanto, o Título de Doutor Honoris Causa, de autoria deste orador, ora outorgado ao Patativa, muito gostaria fosse a homenagem multiplicada simbolicamente pata todos os mestres cantadores, rabequeiros, emboladores, artesãos e xilógrafos, os quais constroem, pelo talento, a verdadeira cultura popular (ou cultura do nosso povo), essa cultura insubmissa e resistente, com a cara do Brasil e o coração do Nordeste.

A Universidade Estadual do Ceará (UECE) sente-se honrada em poder, por conta do talento do grande poeta Patativa do Assaré, reconhecer a grandeza da sabedoria popular e, verdadeiramente, conseguir somar os “conhecimentos” eruditos e populares, por meio dos seus verdadeiros mestres e doutores, como deve ser o real papel das Universidades.

Enquanto nós, agradecidos a todos quantos trilharam os caminhos do Patativa, nos sentimos muito felizes, por poder resgatar um débito histórico com um dos maiores mestres da arte da palavra na Língua Portuguesa.

Discurso proferido durante solenidade de ourtoga do
Título de Doutor Honoris Causa da Universidade
Estadual do Ceará a Patativa do Assaré.
(5 de março de 1999).



PATATIVA DO ASSARÉ: Uma voz do Nordeste

Sylvie Debs

Doutora em Cinema e Literatura Comparada

“A literatura popular existe em outros países, mas nenhuma é tão relevante quanto a do Nordeste (...). Aqui, no Nordeste, ela resiste e se transforma cada vez mais.”

Raymond CANTEL

Patativa do Assaré, cujo verdadeiro nome é Antônio Gonçalves da Silva, nascido no dia 5 de março de 1909 na Serra de Santana, pequena propriedade rural da prefeitura de Assaré, ao sul do estado do Ceará, inclui-se na linhagem dos cantadores sertanejos de quem ele mantém a tradição. Oriundo de um meio muito modesto, descobre a literatura através dos folhetos de cordel e dos cantadores, repentistas e violeiros do Nordeste. Casado, pai de nove filhos, dedicou sua vida aos trabalhos dos campos de Assaré, onde reside ainda atualmente. No dia 23 de março de 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso rendeu uma homenagem pública ao poeta popular, atualmente cego, conferindo-lhe a medalha “José de Alencar” quando de sua passagem a Fortaleza (Ceará) para a celebração de seu octogésimo sexto aniversário. Nessa ocasião, foi lançado o disco Patativa do Assaré: 85 anos de poesia. Patativa do Assaré, figura emblemática da poesia oral, tradicional e popular, graças à sua memória impressionante, recitou trechos de sua obra que celebram as grandezas e as misérias do sertão e cantou, acompanhado por Raimundo Fagner, entre outros, o célebre “Vaca Estrela e Boi Fubá” (símbolo da aflição do sertanejo diante das amarguras do destino e da rudeza de sua exploração) que havia contribuído para a sua notoriedade nacional nos anos 70. A justaposição deliberada de alguns elementos de uma sucinta biografia põe em perspectiva a denominação de

** Este texto foi escrito em 1997, por Sylvie Debs, professora da Université Robert Schuman - Estrasburgo, França. Tradução de Anamaria Skinner.*

“Mestre da poesia popular” conferida pelo ensaísta e cineasta Rosemberg Cariiry, que largamente contribuiu para a divulgação de sua obra. Assim, através da evocação do itinerário pessoal do poeta e da análise de seus textos mais representativos, propomo-nos a apresentar as características essenciais da poesia popular, examinada aqui em uma dimensão mais larga, aquela da cultura popular nordestina.

Primeiro ponto de amarração de nosso estudo, o trabalho que Raymond Cantel, primeiro pesquisador francês a se interessar pelo cordel, conduziu durante longos anos para a descoberta, o conhecimento, o estudo e a conservação da literatura de cordel, percorrendo regularmente o Brasil a partir de 1959 para recolher textos de repentistas, o que lhe valeu o título de Embaixador itinerante outorgado pelos repentistas da Bahia. Segundo ponto, a aproximação de culturas populares proposta por Jean-Claude Passeron, que tenta ir além da atitude relativista (até mesmo populista), assim como da atitude legitimista (até mesmo miserabilista). Terceiro ponto, nosso encontro pessoal com o poeta, em Assaré, que nos concedeu diversas entrevistas e nos proporcionou a ocasião de assistir às suas improvisações.

UMA APROXIMAÇÃO DA POESIA POPULAR

A denominação “poesia popular” foi muitas vezes associada a certo número de representações negativas que a situam no lado da literatura menor por oposição à Literatura. As conotações mais correntes que lhe são conferidas são aquelas da simplicidade dos temas abordados e das ideias tratadas, facilidade de versificação e banalidade das rimas, ingenuidade dos sentimentos expressos, falta de originalidade e de criatividade, pobreza de vocabulário, riqueza estilística limitada, simbólica indigente. É nestes termos que Arthur Rimbaud (1854-1891) confessa seu interesse pela arte popular: “Eu amava as pinturas idiotas, estofos sobre portais, cenários, lonas de saltimbancos, tabuletas, estampas coloridas populares; a literatura fora de moda, latim de igreja, livros eróticos sem ortografia, romances de nossas avós, contos de fadas, livrinhos infantis, óperas velhas, estribilhos piegas, ritmos ingênuos”. Esta concepção se inscreve numa tradição





romântica que compara o povo e a expressão artística e popular a uma imagem errônea visto que idealizada, à imagem de um povo bom, bonachão, trabalhador e virtuoso. De sua parte, o escritor e filósofo alemão J.G. Herder (1774-1803), um dos teóricos do movimento romântico “Sturm und Drang”, havia defendido, tanto de um ponto de vista filosófico quanto literário, uma concepção da história segundo a qual os diferentes tipos de civilizações e de culturas seriam a expressão da alma popular, opondo ao ideal clássico, resultado do respeito a regras claramente enunciadas e respeitoso dos modelos da Antiguidade greco-romana o gênio popular, expressão natural e espontânea. A poesia popular, segundo ele, é “a obra anônima do Homem Natural, irmão histórico do Bom Selvagem: ela é a “Naturpoesia”. Nesta ideia, já estava presente a aproximação que havia proposto Montaigne (1553 - 1592), persuadido de que o povo era capaz de se exprimir espontaneamente: “A poesia natural e puramente natural possui ingenuidade e graça, por onde ela se compara à principal beleza da poesia perfeita segundo a arte: como se vê em vilarejos da gasconha e nas canções que se nos relatam sobre nações que não possuem conhecimento de ciência alguma, tampouco de escrita”. Em outros termos, a poesia popular existiria ao largo de toda aprendizagem ou respeito às regras acadêmicas e apresentaria êxitos dignos de serem reconhecidos.

No contexto nordestino, é preciso recordar que a poesia popular inscreve-se na tradição oral desta região do interior: um de seus principais agentes, o cantador, proveniente do meio rural, em geral analfabeto, improvisa ou narra, graças à sua memória prodigiosa, “a história dos homens famosos da região, os acontecimentos maiores, as aventuras de caçadas e de derrubas de touros, enfrentando os adversários nos desafios que duram horas e noites inteiras, numa exibição assombrosa de imaginação, brilho e singularidade na cultura tradicional”. A versificação utilizada, em geral a sextilha hexassilábica ou a décima heptassilábica de rimas contínuas, parece mais ser a expressão de uma técnica de memorização do que a expressão de uma forma poética erudita, a serviço da transmissão de um “saber simbólico: ciência, cultura popular, tradição”. Daí, a escansão dos poemas propriamente é muitas vezes surpreendente pela sua falta de preocupação expressiva: “Nenhuma preocupação de desenho melódico, de música bonita. Monotonia. Pobreza. Ingenuidade. Primitivismo. Uniformidade... Não

se guarda a música de colcheias, martelos e ligeiras. A única obrigação é respeitar o ritmo do verso”. A declamação se até ao essencial: a narrativa dos acontecimentos.

A convivência com os chamados textos da poesia clássica assim como a leitura da obra de Patativa do Assaré permitem pôr em perspectiva essa primeira aproximação e interrogar a conformidade dessas conotações evocadas precedentemente. Sem dúvida, conviria debruçar-se mais adiante sobre as temáticas abordadas para perceber que sob essa aparente ingenuidade, esconde-se uma profunda experiência da vida quotidiana que confere uma dimensão simbólica determinante à sua obra. Com efeito, como ressalta Claude Roy, “o que nos toca do nosso folclore não é ele ser a obra “de quem não sabe”, mas, ao contrário, nascer do sofrimento e da alegria, da malícia e do coração daqueles que sabem muito bem. Eles sabem o que é ter fome ou dor de amor, ir à guerra quando não se queria ou trabalhar com a última das forças. E estes encontram muito precisamente, ao longo do tempo, palavras insubstituíveis para manifestar sua dor ou sua felicidade, para embalar suas mágoas ou exprimir sua cólera. Restituindo-se a obra de Patativa de Assaré ao contexto sertanejo, considerando a influência das tradições dos trovadores, dos repentistas, dos violeiros e da literatura de cordel, é forçoso reconhecer na voz do poeta popular o eco dos sofrimentos, das alegrias e das desgraças da população nordestina do sertão: “Poesia telúrica, colhida da terra, dos roçados como se estivesse apanhando feijão, arroz, algodão, ou quebrando milho e arrancando batata e mandioca. Sua inspiração não é fruto de estudos. Ela germina dentro de si como a semente nas entranhas da terra”. Testemunha então de um modo de vida, mas também reivindicação de valores próprios, elaboração de uma identidade. Por isto, ele é apresentado como o “verdadeiro, autêntico e legítimo intérprete do sertão”. Com efeito, uma das dimensões mais marcantes da obra de Patativa do Assaré é a preocupação de descrever a vida quotidiana do sertão e, através deste testemunho, protestar o reconhecimento da dignidade, da integridade e da modéstia do





camponês sertanejo por oposição à arrogância do cidadão urbano ou do brasileiro do sul. Parece que a afirmação de sua própria identidade passa mais frequentemente pelo confronto com o outro, como chama atenção o título da compilação: *Cante lá que eu canto cá*. Esta última, composta a partir de uma seleção de textos feita pelo próprio autor com a intenção de definir suas preferências literárias, traz o seguinte subtítulo: “Filosofia de um trovador nordestino”. É, portanto, referindo-nos de uma só vez ao conjunto dos poemas publicados e à vida de Patativa do Assaré que tentaremos depreender as características próprias da sua obra.

I - Referências biográficas

Uma infância sertaneja

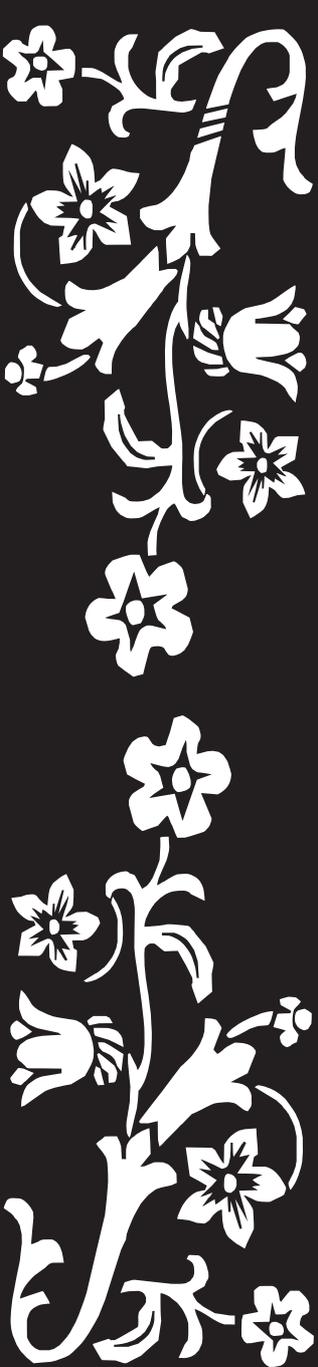
Segundo filho de um agricultor pobre da região do Cariri, havendo perdido muito jovem a visão em um dos olhos em consequência de uma doença, órfão de pai aos oito anos, Antônio Golçalves da Silva é, naturalmente, conduzido a ajudar sua mãe e sua família participando dos trabalhos nos campos, meio de subsistência tradicional para os habitantes dessa região. Escolarizado durante seis meses quando tinha doze anos, ele reconhece que seu mestre, embora extremamente atencioso e generoso, era precariamente letrado e não sabia ensinar a pontuação. É assim que ele aprende a ler sem ponto nem vírgula, como se o ritmo das palavras fosse dado unicamente pela voz. Esta estranha aprendizagem, em realidade, é apenas a expressão profunda da oralidade que caracteriza a cultura popular e a tradição dos poetas-repórteres. Como a maior distração do jovem Antônio, desde seu retorno dos campos, era ler ou escutar seu irmão mais velho ler os folhetos da literatura de cordel, ele descobriu muito cedo sua vocação poética e iniciou, ao contato desta literatura, a composição de versos: “De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois os sentidos de tais versos eram o seguinte: brincadeiras de noite de São João, testamento do Juda, ataque aos preguiçosos que deixavam o mato estragar os plantios da roça etc”. Aos dezesseis anos, adquire uma viola de dez cordas e decide fazer improvisações segundo a tradição sertaneja dos violeiros, tratando de todos

os assuntos concernentes à sua experiência profissional, sobre o modelo: motivo-glosa. Põe-se a cantar por prazer, na esperança de ser convidado para as festas: comemoração de santos, casamentos e participou assim da vida local: “A poesia sempre foi e ainda está sendo a maior distração da minha vida. O meu fraco é fazer verso e recitar para os admiradores, porém, nunca escrevo meus versos. Eu os componho na roça, ao manejar a ferramenta agrícola e os guardo na memória, por mais extenso que seja”, confessa ele. Assim, se ele continuou a entregar-se às improvisações pelo prazer, a poesia que ele destina à transcrição está intimamente ligada ao ritmo do trabalho quotidiano, acompanhando os gestos dos trabalhos de campo e composta mentalmente ao longo dos anos, servindo-se de capacidades impressionantes de memorização.

Um poeta itinerante

Aos vinte anos, na ocasião de uma visita ao vilarejo de um primo materno, este último, encantado pelas improvisações de Antônio, pediu autorização à sua mãe para que lhe permitisse seguir com ele para o estado do Pará, propondo-se, de sua parte, a auxiliar nas necessidades do jovem e consentindo que este retornasse a seu lar sempre que quisesse. Foi nesta ocasião que ele conheceu o escritor cearense José Carvalho de Brito, que lhe consagrou um capítulo em seu livro intitulado *O Matuto cearense e o Caboclo do Pará*. Além disso, este publica os primeiros textos de Antônio Gonçalves da Silva em *O Correio do Ceará* para o qual ele colaborava. Estes textos foram acompanhados de um comentário nos quais José Carvalho de Brito comparava a poesia espontânea de Antônio Gonçalves da Silva à pureza do canto da patativa, pássaro do Nordeste. Foi assim que nasceu o pseudônimo de Patativa. Pois, para distingui-lo de outros improvisadores, se lhe acrescia o topônimo de sua vila natal: Assaré. Patativa do Assaré empreendeu então uma viagem a Belém, em seguida a Macapá onde ficou dois meses. Julgando a vida relativamente insípida, e não apreciando o fato de deslocar-se sistematicamente por barco para ir de uma casa à outra, decidiu retornar a Belém onde continuou suas improvisações em companhia de outros poetas como Francisco Chapa, Antônio Merêncio e Rufino Galvão. Ao termo de cinco meses, não resistindo mais aos ataques de saudades, ele decidiu tornar a viver no Ceará.





A Consagração oficial

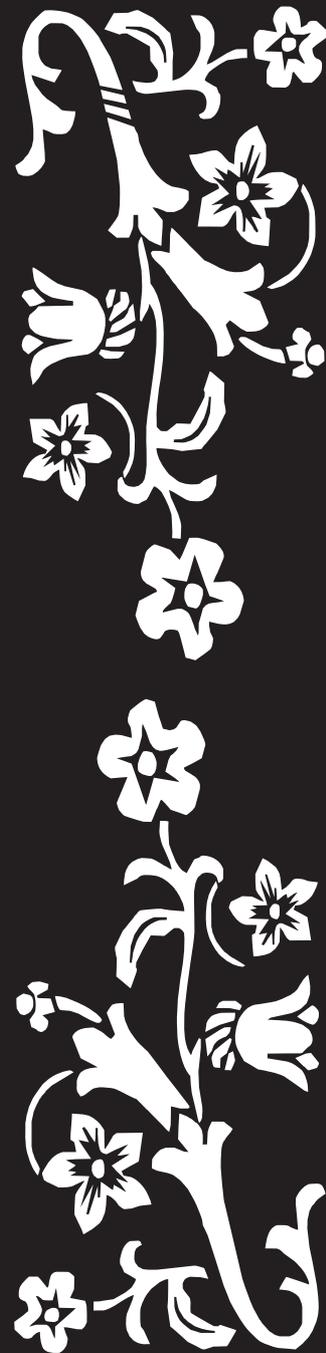
Em seu retorno, José Carvalho de Brito entregou-lhe uma carta de recomendação para obter uma audiência com a Dra. Henriqueta Galeno, filha do poeta Juvenal Galeno. Ele foi recebido com honras dignas de um “poeta de classe, um poeta de cultura, um poeta erudito” e improvisou, em seu salão, acompanhado de sua viola. De volta a Assaré, retomou os trabalhos do campo aos quais dedicou o resto de sua vida. Havendo sido notado pelo latinista José Arraes de Alencar, que lhe havia escutado improvisar pela Rádio Araripe, este convoca-o para perguntar porque não publicava seus textos tão “dignos de atenção e próprios de divulgação”. Patativa do Assaré argumentou que não era mais do que um pobre agricultor e que não dispunha, portanto, de meios de publicar sua obra. José Arraes de Alencar lhe propõe uma solução: ele se encarregaria das negociações com o editor Borçoi no Rio de Janeiro e Patativa do Assaré lhe reembolsaria os custos da impressão com o produto da venda dos livros. É assim que surge a sua primeira compilação *Inspiração nordestina*, em 1956. No prefácio, José Arraes de Alencar sublinha as qualidades particulares aos poetas nordestinos: “Nada arranca aos rapsodos nordestinos a admirável espontaneidade, que é um milagre da inteligência, um inexplicável poder do espírito, faculdade portentosa daqueles homens simples e incultos, de cuja boca prorrompem, em turbilhões, os mais inspirados versos, as trovas mais dolentes e sentimentais, ou épicas estrofes, que entusiasмам e arrebatam”. Superando seu primeiro receio de não estar em condições de reembolsar, Patativa do Assaré aceitou. O sucesso da antologia lhe permitiu uma segunda edição em 1966, enriquecida de novos textos: *Cantos de Patativa*. Nesta ocasião, ele passou quatro meses no Rio de Janeiro; entretanto a venda de seus livros se deu essencialmente no Ceará.

A divulgação da obra

Em 1970, o professor José de Figueiredo Filho publicou uma nova coletânea de poemas acompanhada de seus comentários: *O Patativa do Assaré*. Em 1978, a partir da iniciativa do professor Plácido Cidade Nuvens (que trabalha

na Fundação do Padre Ibiapina cuja missão é preservar e divulgar a cultura popular do Cariri), foi publicada pela Editora Vozes a compilação *Cante lá que eu canto cá*, considerada até hoje como a compilação da maturidade. Em 1988, surge uma nova antologia de textos de Patativa do Assaré, intitulada *Ispinho e Fulô* sob a direção de Rosemberg Cariry, que compreende uma seleção de textos publicados nos folhetos, jornais, revistas ou discos, produtos de numerosos recitais feitos pelo país. Mais recentemente, na ocasião de seu octogésimo sexto aniversário, a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará publicou uma coletânea de textos em homenagem ao poeta *Aqui tem coisa* que salienta sua originalidade, sua ancoragem na oralidade, graças à prática da improvisação e à técnica de desafios poéticos: “Métrica, ritmo e rima fluem com a naturalidade com que enuncia seu canto. O que ele diz é transcrito para o papel, mas continua fiel aos

códigos de transmissão oral. É como se ele estivesse em permanente peleja, não contra um rival de ofício, que ninguém chegaria à sua estatura, mas com a própria poesia. Ele é o seu opositor e o seu duplo. A oralidade não seria decorrente de sua cegueira, não que ele também retoma uma tradição que passa por Homero, Aderaldo e Borges”. Assim, Patativa do Assaré, enquanto mestre da poesia oral, nunca tentou publicar um texto com seus próprios meios, mas foi sempre publicado pelos admiradores de sua obra. Da mesma forma, ele continua a ser solicitado tanto pelos amadores quanto pelos especialistas da cultura popular, não somente brasileiros mas também estrangeiros, que se interessam ao mesmo tempo pelo processo de criação e de transmissão desta tradição nordestina.





II - Apresentação da obra

Patativa do Assaré, um poeta da oralidade

Na condição de herdeiro da tradição nordestina, os primeiros esboços da obra de Patativa do Assaré, improvisações e encomendas, conforme ressaltamos, são marcados pelo aspecto lúdico e comemorativo: poemas de circunstância, ligados aos acontecimentos sociais, religiosos, em relação direta com o presente, únicos e efêmeros: festas de Santos, casamentos, aniversários. Poesia improvisada a partir de um esboço tradicional, poesia repetitiva por suas formas e temas, personalizada em função de seu destinatário. Poesia declamada ou cantada, ela participa plenamente da vida da comunidade: “age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de ‘novena’, nas festas tradicionais do ciclo do gado, nos bailes do fim das safras de açúcar, nas salinas festas dos ‘padroeiros’, potirum, ajudas, bebidas nos barracões amazônicos, espera de ‘Missa do Galo’; ao ar livre, solta, álaçre, sacudida, ao alcance de todas as críticas de uma assistência que entende letra e música, todas as gradações e mudanças do folguedo”. Convém ressaltar que Patativa do Assaré entregando-se sempre a este gênero de improvisações, uma parte importante da obra não foi nem será, nunca portanto, transcrita. Este aspecto efêmero e circunstancial é, com efeito, uma das características da poesia oral tradicional.

Quando se descobre a transcrição dos poemas de Patativa do Assaré, o primeiro elemento determinante da oralidade da obra é o recurso sistemático do emprego de uma língua falada, que retoma o estilo e a pronúncia popular, a saber, a utilização do que José Arraes de Alencar definiu como a língua cabocla: “a linguagem sertaneja, de tonalidade própria, fértil em metáforas e metáteses, avessa aos esdrúxulos, com frequente abrandamento ou amolecimento e

vocalização de consoantes e grupos consonantais, com a eliminação das letras e fonemas finais”. Assim, os primeiros versos de *Coisas do meu sertão* são transcritos conforme seguem:

“Seu dotô que é da cidade Tem diproma e posição E estudou derne minino Sem perdê uma lição”	por	“Senhor Doutor que é da cidade Tem diploma e posição E estudou desde menino Sem perder uma lição”
--	-----	--

A marca oral e regional era tão intrínseca à primeira compilação que foi publicada com um Elucidário que propunha três esclarecimentos diferentes ao leitor: uma simples restituição fonética (biête por bilhete ou muié por mulher), uma correspondência referencial (cão por diabo), uma explicação denotativa (tipóia: rede pequena, rede velha). A necessidade deste “Elucidário” é justificada pela observação de José Arraes de Alencar: “a linguagem cabocla - o linguajar da rude gente sertaneja é tão crivado de erros, de mutilações e acréscimos, de permutas e transposições, que os vocábulos, com frequência, se desfiguram completamente, sendo imprescindível um elucidário para o leitor não habituado a essas formas bárbaras e, ao mesmo tempo, refeitas de típico e singular sabor”. Essas marcas da oralidade confirmam a origem rural do poeta e reforçam o caráter sertanejo do universo descrito. O registro de língua utilizado, a alteração das palavras, o vocabulário regional conferem a estes textos todo o sabor e originalidade da língua do interior das terras, do sertão.

Uma outra marca significativa desta oralidade é a forte presença, muitas vezes desde o título, da função conativa da linguagem: interpelação do ouvinte como *Cante lá que eu canto cá*, interrogações como “Você se lembra?”, “Seu Dotô me conhece?”, destinação como “Ao leitor”, “Aos poetas clássicos”, “À minha esposa Belinha”. Da mesma forma, os primeiros versos de seus poemas instauram, geralmente, o ritual discursivo, seja como forma de indagação: “Querem saber quem eu sou?” (ATC, p.63), seja sob forma de oração: “Quero que



me dê licença para uma história contá”. (CLCC, p.47); seja por uma saudação: “Boa noite, home e menino e muiê dêste lugá”. (IN, p.27), seja ainda por uma ordem: “Vem cá, Maria Gulora, Escuta, que eu vou agora uma coisa te contá”. (IN, p.47). Enfim, a invocação do interlocutor abre diversos poemas: As formas mais utilizadas são “Seu Moço” (IN, p.19, 51, 99) e “Seu Dotô” (IN, p. 60,66,69). Encontram-se variantes sob a forma de Meu filho querido (IN, p.132), “Meu amigo” (IN, p.209), “Minha gente” (IN, p. 206), “Sinhô Dotô” (IN, p.203).

A relação de vizinhança está sublinhada pelo emprego do tom familiar: meu, que indica igualmente o enraizamento do poeta a seu meio. Estes termos de endereçamento traduzem ao mesmo tempo o respeito de uma hierarquia social estrita, em uma sociedade onde a taxa de analfabetismo é elevada. O poeta, enquanto personagem familiar, é originário do mesmo meio, dirigindo-se em pé de igualdade aos seus interlocutores, seja ao mais rico, ao mais poderoso ou ao mais diplomado, pedindo licença para contar uma história simples à sua maneira.

Último elemento enfim, todavia essencial: o próprio poeta Patativa do Assaré. Não havendo jamais escrito texto algum e dotado de uma notável capacidade de memorização (é capaz de recitar qualquer uma de suas composições, qualquer que seja a sua antiguidade), ele continua a praticar a improvisação em todas as circunstâncias: “A agilidade do improviso, o inesgotável repertório de situações, as respostas instantâneas às sugestões recebidas acentuam o repentista à capela (...). Métrica, ritmo e rima fluem com a naturalidade com que enuncia seu canto. O que ele diz é transcrito para o papel, mas continua fiel aos códigos da transmissão oral”. É frequente que o poeta, após haver perguntado o nome e algumas informações sobre as pessoas que vêm vê-lo, improvise um pequeno poema no qual traça um retrato de seu visitante, apesar de sua cegueira. Muito atento durante as discussões, sua habilidade lhe permite apoderar-se da personalidade de seu interlocutor. A voz permanece para ele o instrumento privilegiado do conhecimento e da comunicação.

Patativa do Assaré, um poeta popular

Fiel à tradição dos poetas de cordel, ele mesmo autor de cordéis, Patativa do Assaré compõe uma poesia essencialmente narrativa que testemunha a história quotidiana do sertanejo e torna-se, de qualquer maneira, “o mediador encarregado de traduzir o mundo exterior aos sertanejos”. Esta obra, “nascida no seio do povo, aplaudida e amada por esse mesmo povo”, coloca-se ao lado das referências literárias do Nordeste como *A Bagaceira*, *Pedra Bonita*, *Vidas secas*, *O Quinze*, *Grande Sertão: veredas*, na medida em que o autor contribui para a elaboração de uma imagem da identidade nordestina e de representações simbólicas que nos permitem compreender melhor os valores fundamentais do sertanejo através das personagens encenadas. Se a origem social do poeta e a origem social de seu público são determinantes para qualificar esta poesia como popular, é preciso igualmente levar em consideração outros critérios que permitem caracterizar sua obra: os assuntos tratados, a função do poeta e a filosofia empregada. Ao longo da leitura de títulos de cordéis recentemente editados pela URCA, constata-se a presença de numerosos temas habitualmente abordados na literatura popular nordestina: o ciclo religioso e o messianismo, a tradição épica, a descrição da vida do Nordeste com seus flagelos, caatinga, inundações, secas, migrações: “Saudação ao Juazeiro do Norte”, “História de Aladim e a lâmpada maravilhosa”, “ABC do Nordeste flagelado”, “A Triste partida”, “Emigração”... Uma leitura mais abrangente da obra descobre também a presença de personagens tradicionais do sertão: o vaqueiro, o caboclo, o roceiro, o caçador, o mendigo, sem esquecer os animais familiares como o cavalo, o boi e o cachorro. É preciso ressaltar, enfim, a grande variedade de personagens que habitam os poemas e que são nomeados de forma tradicional e popular, seja por referência ao pai (Zé Geraldo), à mãe (Zé de Ana), ou à atividade profissional (Ciça do Barro Cru).

Entretanto, nem as narrativas das aventuras de um destes habitantes do sertão (“Brosogó, Militão e o Diabo”, “As façanhas de João Mole”, “Vicença e Sofia, ou o castigo de mamãe”), nem a descrição das dificuldades encontradas pelo sertanejo são jamais apresentadas fora de uma preocupação educativa: divertindo o ouvinte ou o leitor, o poeta tem por tarefa instruí-lo, transmitindo valores morais.



Do ponto de vista da função determinada para a poesia popular, encontramos paradoxalmente um dos componentes do ideal clássico: “agradar e instruir”. Quanto à estrutura mesma dos textos, eles estão muito próximos do modelo da fábula: conduz o leitor à abertura, narra, formulação da moral no desfecho. Com efeito, os primeiros versos focalizam a atenção sobre as intenções do autor ou sobre os valores morais que ele se propõe a transmitir aos receptores; como, por exemplo, a abertura de “As Façanhas de João Mole”, a seguir:

Neste pequenino drama
O caro leitor verá
Que dentro de cada homem
Um pouco de ação está
E um só homem sem coragem
No nosso mundo não há.

Esta vontade didática está claramente afirmada na medida em que os cordéis terminam geralmente por uma evocação direta do leitor e por uma lembrança da lição que convém extrair da história escutada. A última estrofe do cordel acima citado se encerra nestes termos:

Agora, caro leitor,
Não desaprove o que digo
Todo homem tem coragem
O rico, o pobre e o mendigo
No ponto da hora H
Insulte um, e verá
O mais feroz inimigo.

Os valores morais aos quais se refere Patativa do Assaré não são fundados sobre os princípios teóricos; são ou simples heranças de gerações anteriores, ou fruto direto de uma experiência vivida. Sua concepção do mundo e sua relação com o outro repousam sobre uma crença que se poderia qualificar de humanista ou de cristã e que corresponde, além disto, à uma realidade cultural

nordestina. Assim a abertura de “Brosogó, Militão e o Diabo” afirma como ponto de partida os valores seguintes:

O melhor da nossa vida
É paz, amor e união
E em cada semelhante
A gente vê um irmão.

Raymond Cantel já havia, por sua vez, sublinhado largamente as intenções moralistas da literatura popular nordestina: “Os sentimentos tradicionais, a família e o amor do próximo são celebrados, mas trata-se, antes de tudo, de ensinar ao sertanejo, sempre distraíndo-o, que se ele não souber resistir aos impulsos de seu temperamento, ele terá de suportar as consequências”. Patativa do Assaré explica a origem de certas composições por estas mesmas razões: melhor que punir um de seus netos desobedientes ou um menino da vizinhança que lhe havia enganado para melhor roubá-lo, ele optou por recorrer à poesia, com o duplo objetivo de expor publicamente aquele que cometeu uma falta (punição que ele julga mais eficaz do que um acerto de contas cara a cara) e ensinando-o, ao mesmo tempo, o perdão e a boa conduta “Incelência das Cuinhas”. Esta atitude de sabedoria popular constitui um ensinamento moral prático que toma suas referências no cotidiano.

É assim que Patativa do Assaré preenche sua função de educador tanto junto às crianças consideradas por ele como um elemento fundamental: “A criança, para mim, é a maior riqueza do mundo”, quanto junto aos seus compatriotas sertanejos: “Ele (o poeta) deve empregar a sua lira em benefício do povo, em favor do bem comum. Ele deve empregar a sua poesia numa política em favor do bem comum, uma política que requer os direitos humanos e defende o direito de cada um”. Em um contexto de miséria e analfabetismo largamente propagado, em outros termos, em meio à ausência de estruturas educativas de base, o poeta popular desempenha um papel importante no despertar da consciência cívica e política, Patativa do Assaré afirma sua solidariedade com a luta dos sertanejos pelo reconhecimento de seus direitos e com a reivindicação de uma reforma agrária que

Ihe permitiria ter um nível de vida mais digno: “A temática social que domina sua poesia está assentada em aspirações universais de justiça e igualdade, sem qualquer refinamento ideológico” .

Agricultor, ele denuncia a morosidade dos políticos que jamais tentaram eliminar a seca, flagelo maior do Nordeste, que é a origem das constantes migrações de sertanejos: “A seca pertence ao império da natureza, mas pode ser resolvida pelo homem. Em países de clima igual ou pior que o nosso, o problema de abastecimento de água foi superado. A diferença aqui é que os donos do poder não se interessam pela solução. Eles vivem do problema”, declara Patativa do Assaré. Na coletânea *Cante lá que eu canto cá*, ele confere uma posição preponderante à questão da terra e numerosos poemas evocam esta realidade dramática: “O poeta da roça”, “Eu e o sertão”, “E coisa do meu sertão”, “Vida sertaneja”, “Caboclo roceiro”, “Cabocla da minha terra”, “No terreiro da choupana”, “A terra é natura”, “O retrato do sertão”, “Serra de Santana”, “Minha Serra”, “Coisas do meu sertão”, “ABC do Nordeste flagelado”.

O poeta, com efeito, ergue não somente uma atestação amarga da realidade quotidiana:



Minha vida é uma guerra
E duro o meu sofrimento
Sem tê um parmo de terra:
Eu não sei como sustento
A minha grande famia...
("Terreiro da Choupana")

mas, reivindica a necessidade de uma reforma agrária:

A bem do nosso progresso
Quero o apoio do congresso
Sobre uma Reforma Agrária
Que venha por sua vez
Libertar o camponês
Da situação precária.

Defendendo, assim, a principal reivindicação dos habitantes do sertão, ele torna-se verdadeiramente a voz do Nordeste e o símbolo de um processo de reconhecimento dos direitos elementares: "Em todas as grandes lutas sociais e políticas do Ceará, Patativa disse: presente". Este comprometimento, faz com que um certo número de poemas como "Triste partida", "Lição do Pinto", "Vaca Estrela e Boi Fubá" tenham se tornado emblemas do povo nordestino, atestando a importância do sucesso que ele alcançou junto aos sertanejos. Com efeito, Patativa do Assaré passou de uma poesia sentimental e lírica para uma poesia de protesto: "uma poesia que pede reforma agrária, reclama contra o abandono do nordestino, contra o sistema de meação vigente no campo, contra a seca".

Patativa do Assaré, uma identidade sertaneja

É verdade que não somente a língua, os personagens e o cotidiano descrito pertencem ao mundo rural sertanejo que viu nascer e viver Patativa do Assaré, mas também as aspirações sociais, as reivindicações políticas e econômicas. O combate que ele conduz é aquele do "caboclo roceiro, do camponês sertanejo, da classe matuta". Com efeito, o elemento mais tocante da identidade sertaneja é esta evocação constante de uma vida extremamente difícil, de uma terra



particularmente hostil, de um universo encerrado sobre si mesmo. Patativa do Assaré testemunha de forma direta:

Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
P'ra sê poeta diversa
Precisa tê sofrimento...
("Cante lá que eu canto cá")

ou ainda:

Pois aqui vive o matuto
De ferramenta na mão.
A sua comida é sempre
Mio, farinha e feijão.
("Coisas do meu sertão")

Por outro lado, as numerosas expressões colhidas por Plácido Cidade Nuvens em seu estudo intitulado "O Universo fascinante do sertão", fazendo referência a um cotidiano brutal, massacrante, absurdo, asfíxiante, traduzem esta luta constante do sertanejo: "vida apertada, lida pesada, sina tirana, grande labutação, vida de cativo, correr estreito, tormento do triste agregado, vida mesquinha, rojão seguro, gaio duro, situação crua, quebradeira, horrível peleja, aperreio, grande canseira, meu cativo, constante lida, batalha danada, verdadeiro inverno, situação mesquinha". Todas estas denominações refletem o abandono, o isolamento, a extrema penúria. Manifestam a tenacidade, a obstinação, a resistência do sertanejo. A coragem, a paciência, a resistência à fadiga aparecem como atributos fundamentais dos sertanejos. A poesia cabocla, feita de suor, de fome e de fadiga, e nascida desta miséria, reivindica sua diferença face a poesia de salão:

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paiça, da serra ao sertão
("O poeta da roça")

Uma das figuras recorrentes desta afirmação de identidade é a oposição: o sertanejo se determina essencialmente pela diferença. O poema inaugural de sua obra escrita, “Ao leitô”, avisa ao leitor que ele vai descobrir uma poesia marcada pela deficiência; a ladainha das negações e das restrições sublinha estilisticamente esta confissão:

Não vá percurá neste livro singelo
Os cantos mais belo da lira vaidosa,
Nem brio de estrêla, nem moça encantada,
Nem ninho de fada, nem chêro de rosa.
 (“Ao leitô”)

Em *Cante lá que eu canto cá*, o poeta sertanejo salienta, sempre por negações anafóricas, a pobreza que o condena ao duro trabalho da terra:

Sou matuto sertanejo
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem ôro, prata nem cobre
 (“Vida sertaneja”)

Igualmente, o sistema de negações parece ser a pedra angular de uma percepção desvalorizada de si. Patativa do Assaré tece, paralelamente a isto, uma rede semântica de conotação negativa. No poema “O poeta da roça”, ele se apresenta como “cantô de mão grossa, poeta das brenha, não tenho sabença, meu verso rastêro, singelo e sem graça”(IN, p.16). Em “Seu Dotô me conhece?”, ele se define como “o mendigo sem sossêgo, desgraçado, aquêlo rocero sem camisa e sem dinhêro”(IN, p.69). Em “No meu sertão”, Patativa do Assaré salienta sua falta de educação “Indução eu não tenho”(IN, p.75). Em “Aos poetas clássicos”, ele recorda sua origem humilde: “Sou um caboclo rocêro, sem letra e sem instrução”(CLCC, p.19). Em “O retrato do sertão”, ele recorda que é “poeta de



mão calosa, (...) que não conhece cinema, teatro, nem futebol”(CLCC, p.238). em “Emigrante nordestino no sul do país”, ele define seus compatriotas como “vagando constantemente, sem roupa, sem lar, sem pão”. Toda descrição, toda desvalorização se faz sempre em referência ao cidadão urbano, ao letrado, ao rico, ao sul.

Patativa do Assaré propõe uma visão dicotômica do mundo tanto sobre o plano espacial (sertão X cidade; Nordeste X Sul) quanto sobre o plano temporal (passado X presente). Na coletânea *Cante lá que eu canto cá*, esta oposição espacial anunciada desde o título, se traduz por uma constante recordação das diferenças de identidade. A oposição mundo urbano/mundo rural está construída a partir de diferenças socioculturais e do sistema de valores: educação e saber contra analfabetismo e ignorância; dinheiro e bem-estar contra pobreza e sofrimento; hipocrisia e vaidade contra honestidade e modéstia. Patativa do Assaré rejeita o “poeta niversitario, poeta de cademia de rico vocabularo cheio de mitologia” (Aos poetas clássicos) a quem ele recomenda cantar a cidade que é sua, porque ele teve indução, aprendeu munta ciência, mas das coisa do sertão não tem boa esperiência” (*Cante lá que eu canto cá*). Ao ensino livresco, ele opõe o ensino prático: “Aqui Deus me ensinou tudo, sem de livro precisá” ou a experiência do sertão (*O poeta da roça, Eu e o Sertão, E coisa do meu sertão, Vida sertaneja, Seu Dotô me conhece?, O vaqueiro*).

Assim como faz com o ensinamento moral, as tomadas de posição de Patativa do Assaré são fundadas sobre a experiência: aquele que não conheceu o sertão na carne, dele não pode falar; a única legitimidade admissível é a de pertencer a seu povo:

Na minha pobre language
A minha lira servage
Canto que a minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisa de minha terra
E a vida da minha gente.
 (“Aos poetas clássicos”)

Ao dinheiro, ele opõe a felicidade; assim, em “Ser Feliz” ele ressalta que

a felicidade “nasceu na simplicidade sem ouro, sem lar nem pão”. Opõe os bens materiais à riqueza interior: “Dentro da minha pobreza, eu tinha grande riqueza”(A morte de Nanã) e fustiga aqueles que são escravos dos bens materiais em detrimento do respeito aos valores humanos. (A escrava do dinheiro). Com efeito, o sertanejo confere uma importância maior à qualidade das relações humanas: “O que mais estima e que, é a paz, a honra e o brio, o carinho de seus fio e a bondade da muié”(Vida sertaneja).

Este olhar sobre o mundo, numa perspectiva espacial, recupera também uma oposição passado/presente; tradição/modernidade. A situação do sertanejo obrigado a abandonar sua terra em função da seca, a ir em direção às cidades do litoral, ou então em direção às cidades do Sul, é uma posição delicada, na medida em que ele passa sem transição de um mundo rural à escala humana a um mundo urbano onde impera o anonimato. O encontro destes dois universos é, não raro, doloroso e acompanhado de um voltar-se para os valores tradicionais. As cidades, o progresso, a técnica são acusados de veicular os piores males da civilização: “Mas a civilização faz coisa que eu acho ruim” (O puxadô de roda). O sul, em particular, é tido como a sede da corrupção: “Nos centros desconhecidos/ Depressa vê corrompidos / Os seus filhos inocentes,/ Na populosa cidade /De tanta imoralidade /E costumes diferentes” (Emigrante nordestino no sul do país). Assim, o universo descrito por Patativa do Assaré é percebido como um espelho da realidade. O aspecto quase documental da sua poesia foi salientado por certo número de críticos, entre os quais Luzanira Rego que afirma que sua obra: “ reflete em seus poemas todo o mundo visionário e fantasmagórico do caboclo nordestino, pintando, em ácidas estrofes, a realidade de uma região, onde o homem e a terra se unem pela força do mesmo abandono”.

Conclusão

O que faz a força e o sabor da poesia de Patativa do Assaré é, sem dúvida, este vínculo indestrutível entre o poeta, o sertão e o público. O canto só pode nascer da repetição do cotidiano, com seu labor, suas alegrias e sofrimentos. O canto só pode ser plenamente compreendido por aqueles que comungam desse cotidiano e dessas mesmas experiências. Testemunhando a afeição com que é tratado pelos habitantes do sertão que vêm visitá-lo e que pedem que lhes recite o seu poema



preferido; o sucesso que ele encontra durante suas excursões e, notadamente junto às comunidades sertanejas do Sul; os cordéis escritos em sua homenagem, prova irrefutável de que ele se tornou, por sua vez, um personagem-chave do Panteão nordestino. Patativa do Assaré é um poeta popular que, mesmo se no início cantou o sertão de forma essencialmente nostálgica e lírica, tomou consciência das possibilidades de mudança e do impacto que podia ter a sua voz. Embora sendo recebido pelos responsáveis políticos e honrado por sua obra, ele não cessa de lhes recordar a realidade de onde ele extraiu a sua principal fonte de inspiração. Uma de suas maiores preocupações é um futuro melhor para as gerações que virão. Este objetivo não pode ser alcançado sem passar por uma melhor educação e Patativa do Assaré vê no livro o seu auxiliar indispensável: “É por meio da leitura/ Que poderá a criatura/ Na vida desenvolver,/ O livro é companheiro/ Mais fiel e verdadeiro/ Que nos ajuda a vencer” (Ao meu afilhado Cainã). É notável que aquele que representa hoje a tradição oral da forma mais monumental, sonhe em continuar sua ação através da tradição escrita: sinal dos tempos, evolução das tradições? Pesquisadores e universitários têm lamentado, há alguns anos, o fim da literatura de cordel, avaliando que este modo de transmissão de conhecimentos não resistirá mais diante dos novos meios de comunicação. Talvez fosse preciso formular diferentemente o problema diante do lugar ocupado por Patativa do Assaré: herdeiro de uma forte tradição logrou transformar seu papel e sua mensagem. O que é, sem nenhuma dúvida, o objeto de uma evolução, é a função do poeta popular e não sua arte propriamente dita.

Estrasburgo - França, 1997.

Tradução: Anamaria Skinner

POETA UNIVERSAL

Inácio Arruda
Senador

Há pessoas que mesmo sem ter os caminhos facilitados pela posição social ou econômica, superam as dificuldades e deixam um legado digno de admiração. Ser imortalizado pela sua obra fabulosa é o grande feito de Patativa do Assaré, que rompeu todas as fronteiras e inscreveu seu nome na história, ao lado de outros ilustres poetas em língua portuguesa.

Uma das glórias do Brasil no campo da criação artística, Antônio Gonçalves da Silva nasceu em 5 de março de 1909, num sítio na Serra de Santana, a três léguas distante da sede do Município de Assaré. Segundo filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, aos oito anos, órfão de pai, que era um agricultor muito pobre, teve de deixar a escola e, com o irmão mais velho, prover o sustento da família, que se achava em estado de completa pobreza.

Apaixonado pela poesia desde a infância, começou a versejar aos catorze anos sobre os assuntos que diziam respeito à vida local, divertindo familiares e vizinhos. Aos dezesseis, comprou uma viola, tornando-se violeiro e cantor, a improvisar em festas e celebrações religiosas. Aos 21 anos, migrou para Belém do Pará, onde se destacou e ganhou o apelido de Patativa - pássaro conhecido na região pela beleza de seu canto - que o acompanharia para o resto de seus dias e se prolongaria para muito além, por meio de sua obra. Dizia ele:

Seu doutor, me dê licença
Da minha história contar
Hoje eu tô em terra estranha
E é bem triste o meu penar
Eu já fui muito feliz
Vivendo no meu lugar
Eu tinha cavalo bom



Gostava de campear
Todo dia eu aboiava
Na porteira do currar
Eeeeeiaaa, êeeeeee, vaca Estrela
Ôooooo, boi Fubá.

No mesmo período, Patativa obteve seu primeiro reconhecimento por escrito, pelo também cearense José Carvalho de Brito, autor da obra *O matuto cearense e o caboclo do Pará*. Depois da experiência no Norte do País, retornou à sua terra, onde permaneceu pelo resto da vida a compor seus versos e canções.

Embora admirado por aqueles que tomavam contato com sua obra, a projeção maior de Patativa do Assaré só ocorreu em 1956, com a publicação do livro de poesias *Inspiração Nordestina*. Outras coletâneas foram editadas, respectivamente: em 1966, *Cantos do Patativa*; em 1970, *Patativa do Assaré*. Mas foi com *Cante Lá que eu Canto Cá*, de 1978, depois de ser provocado por poetas acadêmicos, que se deu o maior reconhecimento de sua genialidade. Sempre com a intervenção de seus admiradores, que organizaram os volumes, em 1988, veio a lume *Ispinho e Fulô*; em 1995, *Aqui tem coisa*.

Entre as obras musicais mais conhecidas, podemos citar *A triste partida*, gravada em 1964 por Luiz Gonzaga, com aquela sua voz magnífica. *A triste partida* constitui verdadeiro tratado sociológico, econômico e psicológico da saga do migrante, com uma conclusão profética e ousada para a época: “É triste o nortista/ tão forte e tão bravo/ viver como escravo/ no Norte e no Sul”.

Outra canção conhecida é “*Vaca Estrela e Boi Fubá*”, gravada por Raimundo Fagner em 1980, a qual, num tom melancólico, celebra as raízes nordestinas de um migrante. Entre os cordéis, encontramos tanto a adaptação de clássicos, como “*Aladim e a lâmpada maravilhosa*” e obras satíricas, a exemplo de “*As façanhas de João Mole*”; Patativa foi contundente também na crítica social, como é o caso do cordel “*ABC do Nordeste flagelado*”, um dos retratos mais incisivos do sofrimento do sertanejo.

Patativa era detentor de escolaridade formal mínima - apenas seis meses, e a visão debilitada, pois era cego de um olho. Essa limitação não o impediu, contudo, de se tornar leitor dos maiores clássicos da literatura em língua portuguesa. Leu, admirado, Camões; Gonçalves Dias; um outro mestre, Casimiro de Abreu;

Castro Alves, a quem ele adorava e por quem era fascinado; Juvenal Galeno, outro poeta cearense fantástico, entre outros, que consistiram em suas fontes de inspiração. Ao ler *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, confessou achar um tanto quanto complicado, mas seu encanto ocorreu por conta da estrutura dos versos camonianos. Também era leitor de jornais e revistas, o que provavelmente tenha lhe conferido uma leitura de mundo crítica.

Do ponto de vista da forma, seus versos eram compostos em quadras, sextilhas, mas também em décimas e outros metros clássicos; quanto à temática, era capaz de cantar as belezas rudes do sertão, mas também de fazer contundentes críticas políticas. O maior mérito de Patativa apontado pelos estudiosos de sua obra está no fato de ele ter sido, essencialmente, um poeta da oralidade, em que a métrica e a rima se revelam fundamentais. Esse traço, em verdade, o vincula a grandes nomes da literatura, como os poetas gregos, que cantavam os versos posteriormente compilados em obras como *A Ilíada* e *A Odisséia*.

Além da grande versatilidade, o poeta destacava-se por sua prodigiosa memória. Seu método de composição era peculiar: elaborava os versos enquanto trabalhava na roça e os guardava de cor, não importando a extensão que tivessem. Posteriormente é que eram transcritos para o papel.

Patativa jamais deixou de ser um trabalhador rural, voltando sempre para sua terra, não importando quão longe fosse o seu reconhecimento. Tal faceta merece especial atenção num momento em que as culturas regionais ganham tanta relevância como forma de resistência às ondas de homogeneização ditadas pela chamada globalização, um pouco despedaçada atualmente, mas que tinha o objetivo e até - veja só - chegou à ousadia de propor um pensamento único. Patativa era lá, do seu cantinho, do sertão, da terra. Em um de seus poemas, dizia:

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabocla
De riso na boca zomba do sofrer
Não nego meu sangue, não nego meu nome
Olha para a fome, pergunto o que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará.



Considerado poeta universal, cantando experiências inerentes ao ser humano e à natureza, a obra de Patativa não deixa, porém, de carregar a indelével marca da brasilidade. Foi conhecendo de perto a dura realidade de sua gente, de seu povo e compreendendo as causas de seu sofrimento que ele fez de sua poesia um instrumento de denúncia, expressão de sua indignação contra as injustiças sociais. É viva na memória meu primeiro contato com a obra de Patativa, por meio de um livro chamado *Edições Nordeste*, que reproduzia músicas de Luiz Gonzaga, ainda dentro da escola de curso primário. Posso dizer que Patativa, assim como Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, cantando as dificuldades do sertão nordestino e a saga do povo para sobreviver, se anteciparam em muitas questões sobre as quais se debruça a sociedade moderna, inclusive os problemas ambientais.

Inspirado nessa vertente combativa, Patativa escreveu, a pedido de Dom Hélder Câmara, outro fabuloso cearense centenário, o poema “O Padre Henrique e o Dragão da Maldade”. Na forma de versos populares, o texto relata o assassinato de um jovem padre ligado à Teologia da Libertação, Antônio Henrique, que com apenas 29 anos foi torturado e morto no período da ditadura militar, em 27 de maio de 1969. Duas estrofes desse belíssimo poema:

Por causa do seu trabalho
que só o que é bom almeja
o espírito da maldade
que tudo estraga e fareja
fez tristes acusações
contra D.Hélder e a igreja

(...)

Será que ser comunista
é dar ao fraco instrução,
defendendo os seus direitos
dentro da justa razão,
tirando a pobreza ingênua
das trevas da opressão?

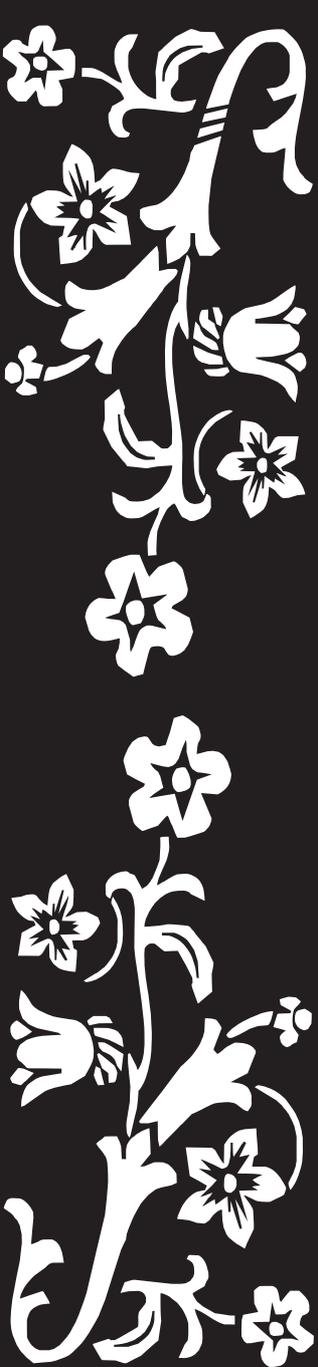
Embora muitos sejam os adjetivos que se possam aplicar a Patativa do Assaré, a denominação poeta simplesmente resume todas as suas qualidades: pode ser considerado um cordelista, pois escreveu e publicou algumas dezenas de folhetos dessa arte verbal; igualmente pode ser chamado de compositor, pois, além das gravações com a própria voz, mereceu interpretação de suas obras por Luiz Gonzaga e Raimundo Fagner; também se pode denominá-lo como poeta lírico, pois descreveu como ninguém o meio ambiente, as belezas do sertão e a vida no campo. Não se pode deixar de reconhecer, do mesmo modo, a natureza épica dos seus versos, pois contam a saga da seca nordestina e da vida dos migrantes.

Meus versos é como semente
Que nasce arriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte,
Das obras da criação.

Sua poesia possui o cheiro da terra molhada, o som do aboio do vaqueiro e é livre como as aves de arribação que voam pelo mundo afora, mas retornam sempre para o sertão, onde está a sua morada e sua inspiração para voar sempre mais. Das duras lidas do dia a dia, a poesia de Patativa nasce como um juazeiro, verde na monotonia cinzenta da paisagem, como nos descreve a igualmente notável Rachel de Queiroz na magistral obra *O Quinze*.

Nas três últimas décadas de sua vida, Patativa declamou para plateias em feiras e teatros do País e participou de inúmeros congressos universitários, ocasiões em que recebeu justas homenagens, como a Medalha José de Alencar, com a qual foi agraciado em 1995. O interessante é que o próprio poeta afirmou: “Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para esse fim.”

Por tudo isso, Patativa é considerado o poeta que melhor soube transmitir em versos e prosa os contrastes do sertão nordestino. Ele foi e ainda é objeto de estudo para muitos pesquisadores, em teses e dissertações, inclusive em Sorbonne, na França, onde sua obra é estudada na disciplina Literatura Popular Universal. Os diplomas de doutor "Honoris Causa", oferecido por quatro universidades, entre elas a Universidade Regional do Cariri, só comprovam a genialidade de Patativa, cujos versos falavam sobre a injustiça social no país que ele denominava de "dois Brasis",



o pobre e o rico, e da falta de políticas públicas eficientes para resolver o problema da seca.

Pelas mãos sofridas pela lida na roça surgiram versos simples baseados em cenas cotidianas, tomando corpo em obras de inestimável riqueza literária:

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisa
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá. (...)

Aqui findo esta verdade.
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.

Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá.

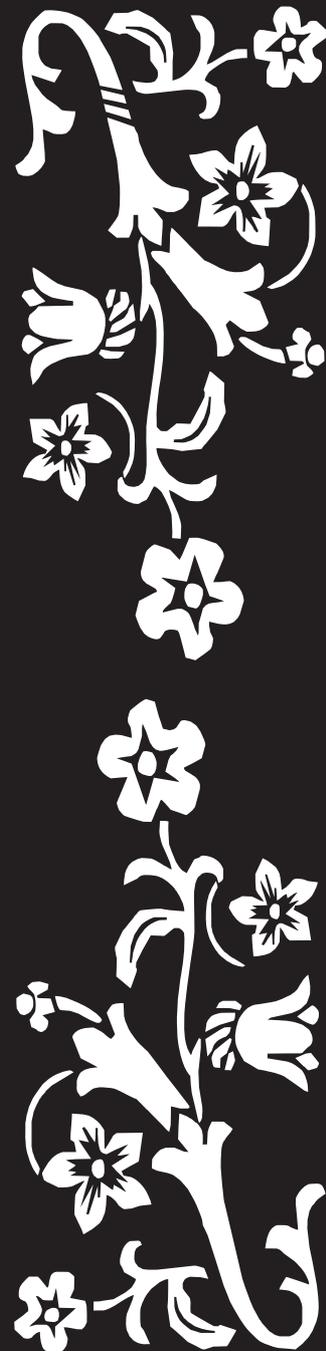
Era a resposta àqueles que se arvoravam em donos do saber e do conhecimento e subestimavam aquele sertanejo calejado, na sua luta para tirar do chão o sustento e também fazer rimas para encantar a sua família, o povo do Assaré, o povo do Ceará e o povo brasileiro. Que a poesia de Patativa permaneça imortalizada, generosa como a chuva que reverdece a terra árida; revolucionária ao transformar cenas desprezíveis do cotidiano, em joias lapidadas de incomparável beleza; enfim, poesia singela, mas que tem o condão de encantar a todos que dela tomam conhecimento.



ENTREVISTA

Inédita e exclusiva para esta publicação
com os filhos de Patativa do Assaré,
Geraldo e D. Inês.

Colaboradores:
Felipe Lira, Marcos Salmo,
Tico Melo e Cícero Garcia.





ENTREVISTA COM OS FILHOS DO POETA

Pai, fez a poesia?

Uma entrevista com D. Inês e Geraldo, filhos mais velhos de Patativa do Assaré, percorreu a grandiosa intimidade do poeta-lavrador, que, sob todas as dificuldades da vida de um agricultor pobre, foi um exemplar e generoso educador. Das estórias de trancoso às tarefas do provedor, Patativa nunca perdeu o prumo do afeto que assinalou cada poema, distribuindo sua pedagogia rústica como bênçãos aos seus filhos e netos, em especial.

A entrevista foi realizada no dia 29 de janeiro de 2009, na Serra de Santana, na casa de D. Inês.

- Qual a memória que você tem de seu pai?

D. Inês: A memória que tenho dele é porque ele foi um bom pai. A gente, logo no começo da vida, quando a gente prestou pra ajudar, porque a gente é assim, vai... Quando começou ele trabalhando na roça, era pobre, porque todo mundo sabe que ele era muito pobre, a gente começou a ajudar a ele na roça também. E ele fazia os poemas dele na roça também, a gente não incentivava, a gente nem sabia o que era que ele tava fazendo, mas ficava sempre falando sozinho, baixinho, aquilo era fazendo os poemas. Depois que a gente foi crescendo, foi tendo noção porque era que ele falava sozinho: era fazendo os poemas. Ele fazia um poema na roça, quando chegava em casa de noite ia recitar pra gente. Aí, de noite, às vezes ele ia cantar ao pé da viola, a gente pedia pra ele cantar ou contar história de trancoso, porque menino gosta dessas coisas. E, pra mim, pai foi uma pessoa que eu nunca tive de dizer: 'meu

pai foi grosseiro não'. Meu pai foi sempre do meu coração e inda hoje é. Ele só falta, só não tá na presença, mas no coração tá sempre.

Geraldo: A memória que eu tenho do meu pai até hoje é porque ele toda vida foi uma pessoa, mesmo na pobreza, como todo mundo sabe, que nunca soube negar um centavo a pessoa que procurasse ele. E aí, quando ele continuou, vieram conhecer o Patativa da maneira que ele era. Ele era muito rígido com os filhos, mas muito bom. Daquilo que aquele filho tivesse precisando, fosse ele quem fosse, ele era o primeiro a chegar. E ele, que nem Inês acabou de falar sobre os poemas dele, escreveu aquele *Inspiração Nordestina* foi na roça e trabalhando na roça e fazendo os versos. À noite, quando ele não ia ao pé da mesa ou pra viola, pedia pra Inês: “Inês traga aí uma lamparina”. Ele passava pro papel e assim foi que ele escreveu aquele livro *Inspiração Nordestina*. E aí continuou, né? Fazendo versos e mais versos. É tanto que ele chegou à altura que ele chegou, publicando esses livros. Pra gente isso aí é uma coisa que a gente sabe que é um orgulho muito grande não só prá família, mas prá todo assareense, que hoje o nome dele tá no mundo todo porque tem alguns estudos lá pelo exterior, né? Dele, tem muita gente estudando. Assim foi a vida do Patativa.

- Como era o dia a dia de Patativa e sua família?

D. Inês: Era uma convivência muito boa (NR: com Patativa do Assaré em família), porque não é igualmente hoje em dia. Hoje em dia, os filhos são mais desobedientes. Mas, de primeiro, o que ele falasse todos os filhos fazia conta na hora e ele era uma pessoa maravilhosa, ele era muito bom. Quando ele ia fazer as poesias dele que tinha dúvida de alguma palavra que não tava certa, quando era a noite ele dizia: "Inês traga aqui o dicionário, você vá procurando palavra fulana que eu quero saber bem direitinho o que significa". Aí, às vezes a gente ficava até 10 horas, eu procurando palavra, ele mandando eu ler pra ele saber o significado daquela palavra, pra ele fazer as poesias dele e não ter erro nas poesias dele, que ele não gostava. Aí era muitas noite que a gente fazia isso. Ele gostava muito de mandar eu olhar no dicionário que era pra ele fazer os poema dele.



Geraldo: Na intimidade (Patativa) era uma maravilha, porque nós tudo em casa naquela convivência muito especial, graças a Deus. Ele era uma pessoa íntima mesmo e ele com a família e com os netos (parece até que com os netos era mais pegado que mesmo com os próprios filhos). Toda vida ele gostou muito de criança, tanto fazia ser neto como qualquer criança, aonde ele tivesse tava abraçado com as crianças. Ele gostava muito da criancinha, daquele inocente; ele era uma pessoa apaixonada por criança.

Toda vida ele foi dessa maneira e a gente tinha aquele prazer e alegria dele ser da maneira que ele era. Olha! Que nem Inês falou que a gente teve aquele respeito por ele, eu, com meus 68 anos, ele mandava um recado pra mim: eu podia ter trabalhador na roça, eu tinha que ir lá atender a ele, porque se eu não fosse, quando ele me visse, dava umas chamadas.

E isso não era só eu não. Era eu, era Pedro, era Afonso, era Inês, qualquer um ia e hoje em dia ninguém vê mais um filho... Com idade de 10 anos já não quer fazer conta de você mais não. E naquela época, até na hora da morte, ele mandou ir nós tudim. Posso dizer isso porque na hora da morte, quando ele tava doente, nós tava arruadiado, né? E aquilo ali, o que foi? Foi uma criação boa que ele deu a família, aos filhos. Porque se ele não tem dado uma criação daquelas, talvez não aparecesse nenhum, quando ele tava doente não tinha ninguém pra cuidar dele. Mas como ele soube criar, né? Na época tava todo mundo por lá.

- O que você acha da obra de seu pai?

D. Inês: A obra dele é muito importante porque não tem um poema pra não ser contando uma verdade. Você pode olhar os livros dele que toda poesia a gente vai olhar e existe aquela verdade, não é? Aquilo ali existe e eu admiro demais. Toda poesia dele eu admirava. Tinha coisa que acontecia, às vezes, aí eu ia contar pra ele: "Pai faça uma poesia, isso dá uma poesia tão bonita". Ele dizia: "Vou fazer minha filha". Aí, quando ele fazia, a primeira pessoa que ele tinha pra recitar essa poesia era eu. Ele vinha aqui pra Serra. "Pai fez a poesia?. Ele respondia: "Fiz não". Aí ficava (risos), porque ele gostava primeiro de se fazer de todo durão. Aí, depois que eu fazia café, ele me chamava aqui pra sala. E dizia: "Inês, senta aqui minha fia". Eu sentava. "Eu fiz a poesia". Ele ia e recitava a poesia. Sempre era assim.

Geraldo: É porque toda poesia do meu pai tem o conteúdo dela, viu? Ela é feita dentro daquilo que era uma verdade, aquela origem que tem aquela poesia dele. Aí ele fazia aquilo com o maior prazer, com a maior alegria. Isso aí é uma grande satisfação em ver que foi um homem dedicado porque o que eu mais admiro no Patativa do Assaré, no meu pai, não é nem ele ser poeta, é ele ter aquilo escrito tudo e cada livro que você pegasse e dissesse: 'Patativa declame poesia tal.' Ele pegava do começo e saía ao fim como vocês mesmo são conhecedores disso. E não gaguejava nem nada, saía fora. Aí isso foi o que eu mais me admiro porque ainda não vi uma pessoa igual a ele, ter esses livros todo por escrito e saber de tudo decorado na cabeça. Isso aí pra mim é um absurdo, porque eu não vejo isso aí. Porque você vê que a própria pessoa, às vezes, até pra fazer um comentário tem que tá escrito e ele não, né?

- Como é conviver com o legado e fama de seu pai?

D. Inês: É um prazer pra gente (NR: falar sobre Patativa). Eu sinto muito prazer. Olhe, foi falar sobre o meu pai, eu tenho o maior prazer e fico feliz. Fico muito feliz quando a pessoa presta uma homenagem a ele, elogia ele, fala sobre ele. Isso pra mim, eu canso de falar pra Mundim (NR: esposo da entrevistada), é um prazer tão grande que eu sinto, porque eu sei que ele foi muito querido e ainda hoje é. Não vive entre nós, mas ainda é. Porque, por onde a gente anda, se o povo falar: “É da família do Patativa”, eles começam logo aquele elogio sobre ele.

Geraldo: Olha, o maior prazer que eu tenho é quando chega certas pessoas, ou jornalista ou quem quer que seja, em minha casa, procurando quem era o Patativa, como era o Patativa. Eu digo: “Rapaz, o Patativa eu não sei como era. Eu sei como era meu pai”. Aí, eu vou e conto a história. A gente diz como ele era com a família e tudo. Isso aí prá mim é uma satisfação muito grande, quando chega uma pessoa na minha casa procurando saber como era ele, com a família, como ele convivia com o pessoal, com quem chegava, quem vinha à casa dele pra ele receber. Isso aí pra mim é uma satisfação muito grande sobre esse sentido aí, viu?



Como a família conciliava o trabalho na agricultura com a vida cultural do pai e a sua fama internacional?

D. Inês: Bem, a gente, eu e o Geraldo, éramos os mais velhos (porque tinha Maroni, mas essa era doente, ninguém podia contar com ela pra trabalhar), aí quando ele saía (NR: para fazer cantorias ou apresentações diversas) ele deixava um empreita pra gente tirar, porque se não fosse por empreita a gente bangolava muito (risos). Ele deixava uma empreita prá gente tirar, limpar. Eu lembro ainda: era uma rocinha de mandioca, né, Geraldo? Geraldo, mais velho do que eu, dizia: “Vamos repartir a metade. A metade é sua”. Aí o cabra homem podia não judiar com a gente. Eu botava tudo, mas não acompanhava ele (risos). Por Deus que quando ele terminava, ele me ajudava.

Era assim a vida da gente e era o jeito ser assim. Era tudo pobre.
Depois pai melhorou de vida. Melhorou muito depois que ele publicou o

primeiro livro (NR: *Inspiração Nordestina*, em 1956) porque ele devia muito. Era assim: todos os anos ele ficava devendo a Padim Pedim (NR: irmão do poeta). Tomava dinheiro a juro a Padim Pedim pra comprar o que precisava pra casa. Aí quando terminava a safra ele vendia uma parte. Ele plantava muito mulatinho (tipo de feijão bem adaptado às condições climáticas da Serra de Santana), vendia e pagava uma parte a Padim Pedim e ficava devendo o resto.

Aí mãe dizia: “Eu queria tanto que Deus ajudasse, que Sinhôzim (NR: apelido carinhoso pelo qual a família e boa parte da população serrana tratava o poeta) um dia não ficasse devendo nada pra ninguém”.

E Deus ouviu as palavras dela, porque quando ele publicou o primeiro livro, que vendia no Crato, ele botava os livros em duas malas de couro. Aí botava numa cangalha num animal e ia um menino com ele até as Anduras, que não vinha carro até aqui, e ficava lá aguardando o transporte que viesse do Assaré. E levava os livros para o Crato prá vender por lá. Ele oferecia primeiro e depois ia. Até quando, graças a Deus, que deu certo, a coisa melhorou mais. Ele já pagou tudo que ele tava devendo e não ficou devendo mais nada a juro. Daí por diante a coisa melhorou pra ele e pra nós todos, porque a coisa melhorando pra ele, melhora pra todos.

Quando ele vinha aqui prá Serra ele, já bem sambado mesmo, sempre trazia ajuda pra família. Nunca ele veio aqui pra Serra pra não trazer uma saca de açúcar pra repartir pra família. Ele entregava pra Mundim: “Olha aqui Mundim, você é quem vai pesar. Pese pra cada um dez quilos”. Às vezes trazia caixa de óleo para os filhos. Ele foi bom, foi ótimo. Maravilhoso. Ainda hoje tá sendo, porque por causa dos livros dele nós temos ajuda.

Por causa dos livros dele, já Fátima, Toinha, Mundim (NR: netas e genro do poeta) todos já foram operados, a gente pagando, porque não tinha como operar sem pagar. E se não fosse esse dinheiro de pai, nada disso tinha acontecido porque nós não tinha como, né? E por isso eu digo: “Ainda hoje ele ajuda a gente”.

O que é pra você ser filho de Patativa do Assaré?

D. Inês: É como eu já falei. Eu nem sei falar o tanto que eu queria meu pai. Nem sei falar. É tanto que, quando ele vinha aqui pra Serra, ele sabe tanto carinho que eu tinha por ele, que vinha direto pra minha casa. Ai, eu não sei nem

falar o prazer que eu tenho de ser filha de um homem igual meu pai foi. A gente via aquele sistema dele e achava: “Ele é abusado. Ele é chato com a família”. Mas não era não. Aquilo a gente acostumava, aquilo era o jeito dele mesmo. Ele tinha um jeito assim. Porque se hoje em dia os pais fossem iguais ao meu pai os filhos todos faziam conta, não é? Eu já falo assim com o próprio que eu tenho aqui. E de primeiro não era assim. Antigamente não era assim.

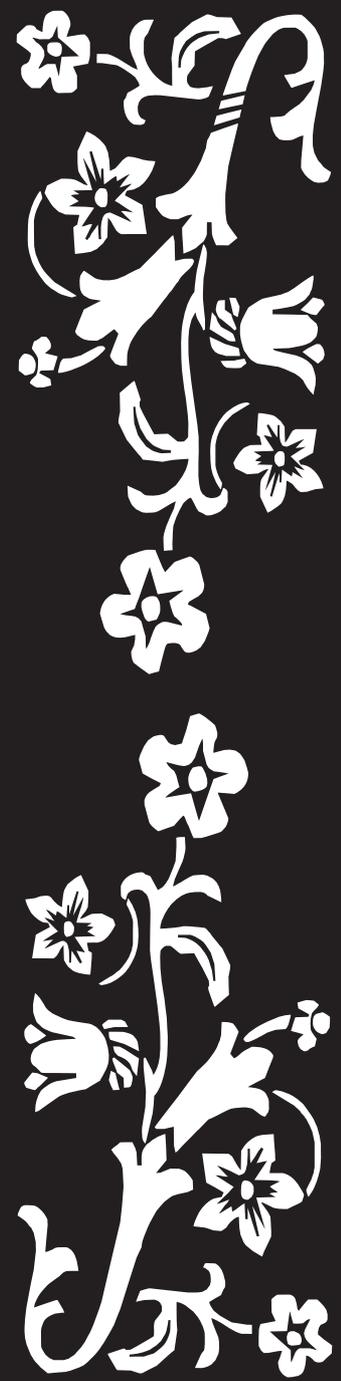
Geraldo: A pessoa, sendo filho de Patativa, é uma coisa muito boa, muito especial. Porque ele foi um pai exemplar da maneira que eu já falei. E outra: o povo olha a gente com bons olhos. A onde a gente chega a gente diz: “Quem você é?” “Sou de Assaré”. “Conheceu o Patativa?” “Não. Sou filho do Patativa”. Aí já começa uma conversa, um negócio. Isso aí é muito bom porque a gente fica muito conhecido em qualquer canto que você anda.

Pode ser no Recife. Na parte onde você chegar, se souber que você é filho de Patativa, todo mundo quer ter uma palestra com você, viu? Todo mundo quer dar uma atenção. Aí, isso aí pra mim é uma coisa muito grande: eu chegar em qualquer casa que chegar e o povo ter aquela dedicação a minha pessoa. Porque eu vou falar como era o Patativa como pai, quem era o Patativa. Esse que é estudado por aí, por essas universidades, esse aí o Geraldo não sabe, que eu não estudei. Mas de qualquer maneira, como pai nós sabemos contar bem.





ANTOLOGIA





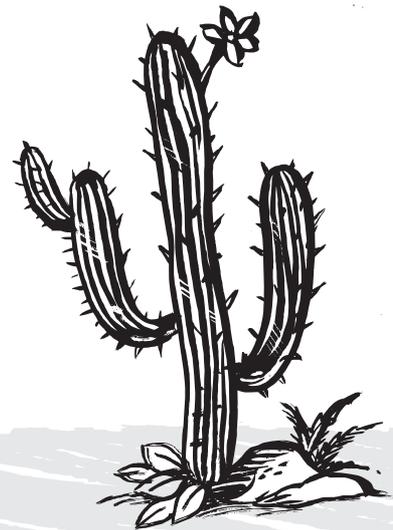
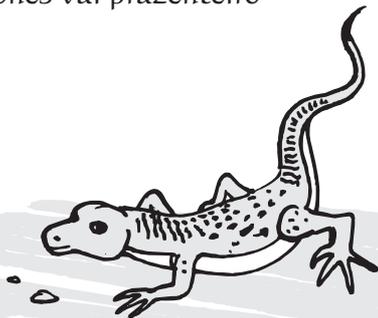
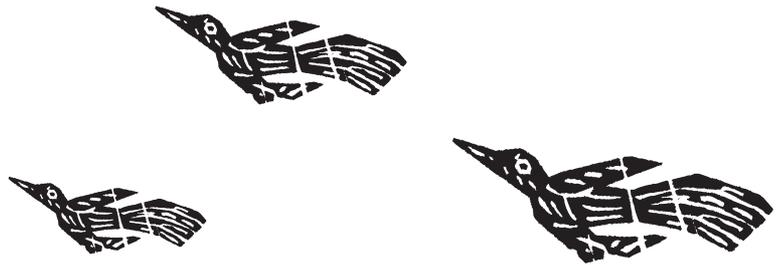
FESTADA NATUREZA

Chegando o tempo do inverno
Tudo é amoroso e terno
No fundo do pai eterno
Sua bondade sem fim

Sertão amargo esturricado
Ficando transformado
No mais imenso jardim
Num lindo quadro de beleza

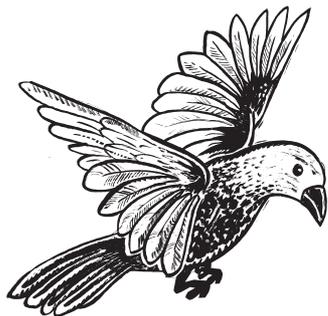
Do campo até na floresta
As aves lá se manifestam
Compondo a sagrada orquestra
Da natureza em festa

Tudo é paz tudo é carinho
No despertar de seus ninhos
Cantam alegres os passarinhos
O camponês vai prazenteiro





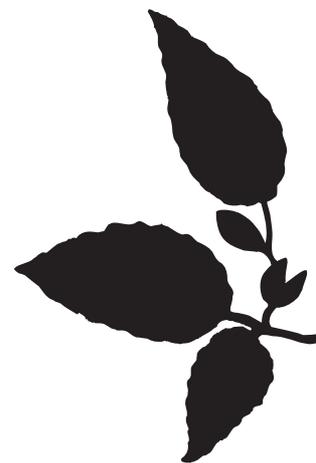
Plantar o seu feijão ligeiro
Pois é o que vinga primeiro
Nas terras do meu sertão
Depois que o poder celeste



Mandar a chuva pro nordeste
De verde a terra se veste
E corre água em borbotão

A mata com seu verdume
E as fulô com seu perfume
Se enfeita com vagalumes
Nas noites de escuridão

Nesta festa alegre e boa
Canta o sapo na lagoa
O trovão no ar reboa



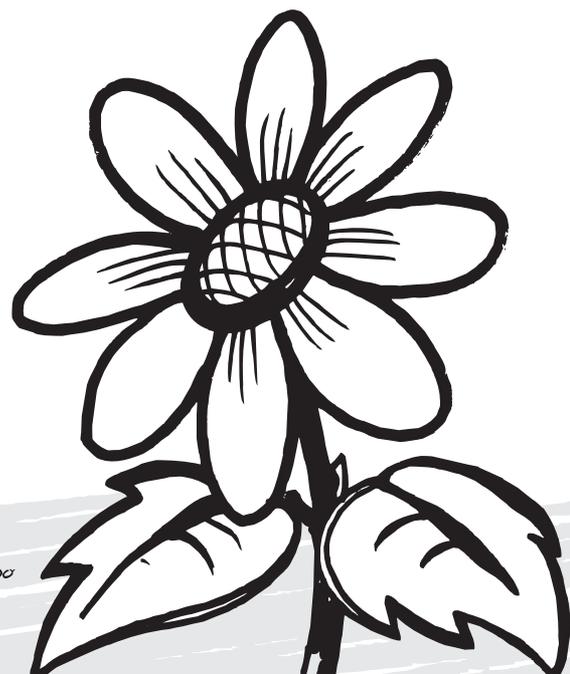
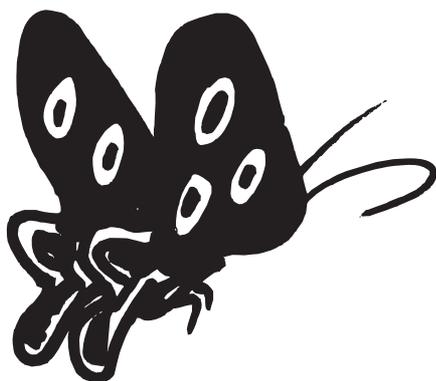


Com a força desta água nova
O peixe e o sapo na desova
O camaleão que se renova
No verde-cana que cor

Grande cordão de borboletas
Amarelinhas brancas e pretas
Fazendo tanta pirueta
Com medo do bem-te-vi

Entre a mata verdejante
Seu pajé extravagante
O gavião assartante
Que vai atrás da juriti

Nesta harmonia comum
Num alegre zum zum zum
Cantam todos os bichinhos...





CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.
Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Você teve inducação,
Aprende munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabauiu na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.



Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feção
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinheiro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.



ARIEVALDO VIANA

Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

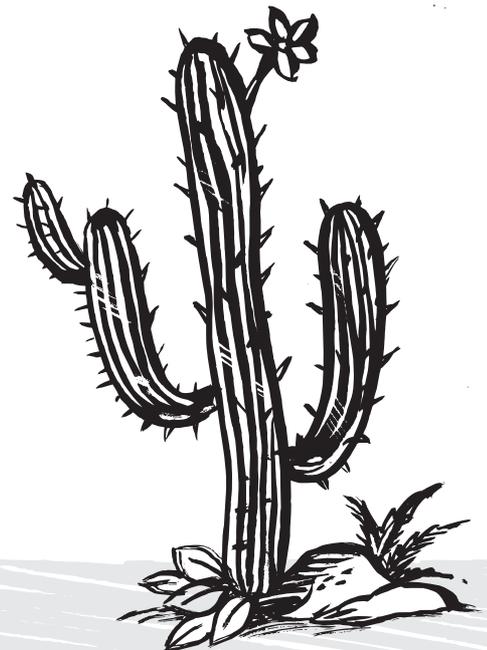
Amigo, não tenha queixa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mexa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiaí,
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesoro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima preta,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem poca leitura
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E otros negoço impossive,
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vez andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um divule de rima
Caindo inriba da terra.



Mas tudo é rima rastera
De fruta de jatobá,
De fôia de gamelera
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poera do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Repare que deferença
Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça,
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro mando,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facero,
Toda vez que qué fumá,
Tira do borso um isquero
Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.



Sua vida é divertida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá.



VACA ESTRELA E BOI FUBÁ

Seu doutor, me dê licença
pra minha história contá
Hoje eu tô na terra estranhá,
é bem triste o meu pená
Eu já fui muito feliz
vivendo no meu lugá
Eu tinha cavalo bom
e gostava de campeá
Todo dia eu aboiava
na porteira do curral.

Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela,
ôoooo Boi Fubá

Eu sou filho do Nordeste,
não nego meu naturá
Mas uma seca medonha
me tangeu de lá prá cá
Lá eu tinha o meu gadinho,
não é bom nem imaginá
Minha linda Vaca Estrela
e o meu belo Boi Fubá



Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela,
ôoooo Boi Fubá

Aquela seca medonha
fez tudo se atrapaiá
Não nasceu capim no campo
para o gado sustentá
O sertão se estorricou,
fez o açude secá
Morreu minha Vaca Estrela,
se acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto eu tinha,
Nunca mais pude aboiá...

Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela,
ôoooo Boi Fubá





EU QUERO

Quero um chefe brasileiro
Fiel, firme e justiceiro
Capaz de nos proteger
Que do campo até à rua
O povo todo possua
O direito de viver

Quero paz e liberdade
Sossego e fraternidade
Na nossa pátria natal
Desde a cidade ao deserto
Quero o operário liberto
Da exploração patronal

Quero ver do Sul ao Norte
O nosso caboclo forte
Trocar a casa de palha
Por confortável guarida
Quero a terra dividida
Para quem nela trabalha

Eu quero o agregado isento
Do terrível sofrimento
Do maldito cativoiro
Quero ver o meu país
Rico, ditoso e feliz
Livre do jugo estrangeiro

A bem do nosso progresso
Quero o apoio do Congresso
Sobre uma reforma agrária
Que venha por sua vez
Libertar o camponês
Da situação precária

Finalmente, meus senhores,
Quero ouvir entre os primores
Debaixo do céu de anil
As mais sonoras notas
Dos cantos dos patriotas
Cantando a paz do Brasil





O VAQUEIRO

Eu venho derne menino,
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhor.
Eu nasci pra sê vaquero,
Sou o mais feliz brasileiro,
Eu não invejo dinheiro,
Nem diproma de dotô.

Sei que o dotô tem riqueza,
É tratado com fineza,
Faz figura de grandeza,
Tem carta e tem anelão,
Tem casa branca jeitosa
E otas coisa preciosa;
Mas não goza o quanto goza
Um vaquero do sertão.



Da minha vida eu me orguio,
Levo a Jurema no embruio
Gosto de ver o baruio
De barbatão a corrê,
Pedra nos casco rolando,
Gaios de pau estralando,
E o vaquero atrás gritando,
Sem o perigo temê.

Criei-me neste serviço,
Gosto deste reboição,
Boi pra mim não tem feitiço,
Mandinga nem catimbó.
Meu cavalo Capuêro,
Corredô, forte e ligero,
Nunca respeita barsero
De unha de gato ou cipó.



Tenho na vida um tesoro
Que vale mais de que oro:
O meu liforme de coró,
Penera, chapéu, gibão.
Sou vaquero destemido,
Dos fazendero querido,
O meu grito é conhecido
Nos campo do meu sertão.

O pulo do meu cavalo
Nunca me causou abalo;
Eu nunca sofri um galo,
pois eu sei me desviá.
Travesso a grossa chapada,
Desço a medonha quebrada,
Na mais doida disparada,
Na pega do marruá.

Se o bicho brabo se acoa,
Não corro nem fico à toa:
Comigo ninguém caçoa,
Não corro sem vê de quê.
É mermo por desaforo
Que eu dou de chapéu de coró
Na testa de quarqué toro
Que não qué me obedecê.





Não dou carreira perdida,
Conheço bem esta lida,
Eu vivo gozando a vida
Cheio de satisfação.
Já tou tão acostumado
Que trabaio e não me enfado,
Faço com gosto os mandado
Das fia do meu patrão.

Vivo do currá pro mato,
Sou correto e munto izato,
Por farta de zelo e trato
Nunca um bezerro morreu.
Se arguém me vê trabaiando,
A bezerrama curando,
Dá pra ficá maginando
Que o dono do gado é eu.

Eu não invejo riqueza
Nem posição, nem grandeza,
Nem a vida de fineza
Do povo da capitá.
Pra minha vida sê bela
Só basta não fartá nela
Bom cavalo, boa sela
E gado pr'eu campeá.



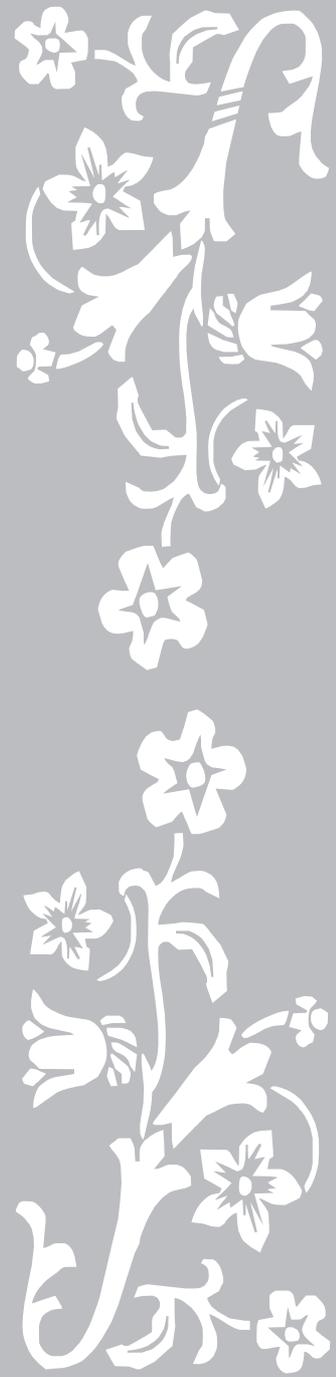
Somente uma coisa iziste,
Que ainda que teja triste
Meu coração não resiste
E pula de animação.
É uma viola magoada,
Bem chorosa e apaxonada,
Acompanhando a toada
Dum cantadô do sertão.

Tenho sagrado direito
De ficá bem satisfeito
Vendo a viola no peito
De quem toca e canta bem.
Dessas coisa sou herdero,
Que o meu pai era vaquero,
Foi um fino violero
E era cantadô tombém.

Eu não sei tocá viola,
Mas seu toque me consola,
Verso de minha cachola
Nem que eu peleje não sai,
Nunca cantei um repente
Mas vivo munto contente,
Pois herdei perfeitamente
Um dos dote de meu pai.

O dote de sê vaquero,
Resorvido marruero,
Querido dos fazendero
Do sertão do Ceará.
Não perciso maió gozo,
Sou sertanejo ditoso,
O meu aboio sodoso
Faz quem tem amô chorá.







O PADRE HENRIQUE E O DRAGÃO DA MALDADE

Relato feito por Patativa do Assaré sobre o assassinato de Padre Antônio Henrique Pereira Neto. Torturado e morto no período da ditadura militar, Pe. Henrique era coordenador da Pastoral da Arquidiocese de Olinda e Recife, professor e especialista em problemas da juventude e desenvolvia atividades ao lado de Dom Hélder Câmara.

Sou um poeta do mato
vivo afastado dos meios
minha rude lira canta
casos bonitos e feios
eu canto meus sentimentos
e os sentimentos alheios.

Sou caboclo nordestino,
tenho mão calosa e grossa,
a minha vida tem sido
da choupana para a roça,
sou amigo da família
da mais humilde palhoça.





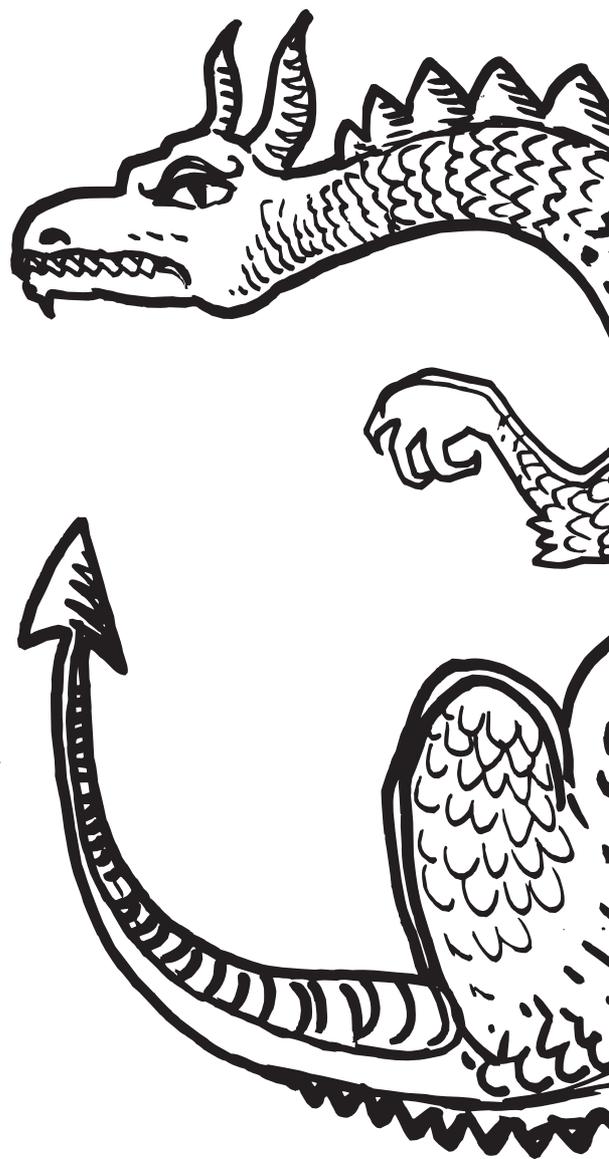
Canto da mata frondosa
a sua imensa beleza,
onde vemos os sinais
do pincel da Natureza,
e quando é preciso eu canto
a mágoa, a dor e a tristeza.

Canto a noite de São João
com toda sua alegria,
sua latada de folha
repleta de fantasia
e canto o pobre que chora
pelo pão de cada dia.

Canto o crepúsculo da tarde
e o clarão da linda aurora,
Canto aquilo que me alegra
E aquilo que me apavora
e canto os injustiçados
que vagam no mundo afora.

E, por falar de injustiça
traidora da boa sorte
eu conto ao leitor um fato
de uma bárbara morte
que se deu em Pernambuco
famoso Leão do Norte.

Primeiro peço a Jesus
uma santa inspiração
para escrever estes versos
sem me afastar da razão
contando uma triste cena
que faz cortar coração.





Falar contra as injustiças
foi sempre um dever sagrado
este exemplo precioso
Cristo deixou registrado.
Por se reto e justiceiro
foi no madeiro cravado.

Por defender os humildes
sofreu as mais cruéis dores
e ainda hoje nós vemos
muitos dos seus seguidores
morrerem barbaramente
pelas mãos dos malfeitores.

Vou contar neste folheto
com amor e piedade
cujo título encerra
a mais penosa verdade:
O Padre Antonio Henrique
E o Dragão da Maldade.

O Padre Antonio Henrique
muito jovem e inteligente
a 27 de Maio
foi morto barbaramente,
no ano 69
da nossa era presente.

Padre Henrique tinha apenas
29 anos de idade,
dedicou sua vida aos jovens
pregando a santa verdade
admirava a quem visse
a sua fraternidade.

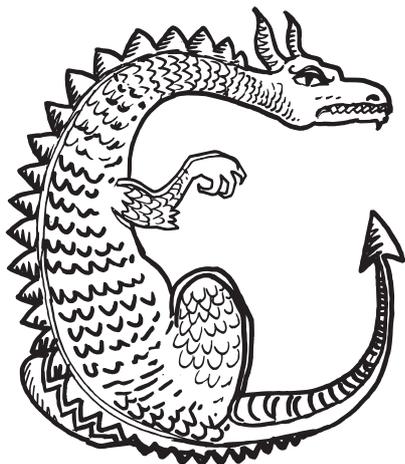


Tinha três anos de padre
depois que ele se ordenou
pregava a mesma missão
que Jesus Cristo pregou
e foi por este motivo
que o dragão lhe assassinou.

Surgiu contra Padre Henrique
uma fúria desmedida
ameaçando a Igreja
porque estava decidida
conscientizando os jovens
sobre os problemas da vida.

Naquele tempo o Recife,
grande e bonita cidade,
se achava contaminada
pelo dragão da maldade.
A rancorosa mentira
lutando contra a verdade.

Nesse clima de tristeza
os dias iam passando,
porém nosso Padre Henrique
sempre a verdade explicando
e ameaças contra a Igreja
chegava de vez em quando.



Por causa do seu trabalho
que só o que é bom almeja
o espírito da maldade
que tudo estraga e fareja,
fez tristes acusações
contra D. Hélder e a Igreja.

Com o fim de atemorizar
o apóstolo do bem
chegavam cartas anônimas
com insulto e com desdém,
porém quem confia em Deus
jamais temeu ninguém.

Anônimos telefonemas
com assuntos de terror
chegavam constantemente
cheios de ódio e rancor
contra Pe. Henrique, o amigo
da paz, da fé e do amor.

Os ditos telefonemas
faziam declaração
de matar 30 pessoas
sem ter dó nem compaixão
que tivessem com D. Hélder
amizade ou ligação.

Veja bem leitor amigo
quanto é triste esta verdade:
o que defende os humildes
mostrando a luz da verdade
vai depressa perseguido
pelo dragão da maldade.

Mas o ministro de Deus
possui o santo dever
de estar ao lado dos fracos,
suas causas defender,
não só salvar a alma
também precisa comer.

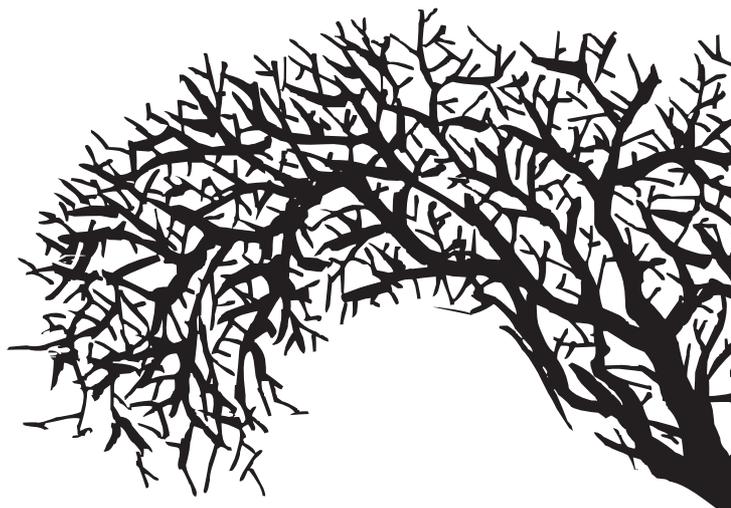


ILUSTRAÇÃO: JÓ OLIVEIRA

Os poderosos não devem
oprimir de mais a mais,
a justiça é para todos,
vamos lutar pela paz.
Ante os direitos humanos
todos nós somos iguais.

A Igreja de Jesus
nos oferece orações
mas também precisa dar
aos humildes instruções,
para que possam fazer
suas reivindicações.

Veja meu caro leitor,
a maldade o quanto é:
o Padre Henrique ensinava
cheio de esperança e fé,
aquelas mesmas verdades
de Jesus de Nazaré.

E foi por esse motivo
que surgiu a reação,
foi o instinto infernal
com a fúria do dragão,
que matou o nosso guia
de maior estimação.

A 27 de Maio,
o santo mês de Maria,
no ano 69
a natureza gemia
por ver o corpo de um padre
morto sobre a terra fria.





Naquele dia de luto
tudo se achava mudado,
parece que até o Recife
se mostrava envergonhado
por ver que um triste segredo
estava a ser revelado.

Rádio, TV e jornais,
nada ali noticiaram
porque as autoridades
estas verdades calaram
e o Padre Antonio Henrique
morto no mato encontraram.

Estava o corpo do padre
de faca e bala furado,
também mostrava ter sido
pelo pescoço amarrado
provando que antes da morte
foi bastante judiado.

No mato estava seu corpo
em situação precária:
na região do lugar
Cidade Universitária,
foi morto barbaramente
pela fera sanguinária.

Por aquele mesmo tempo
muitos atos agravantes
surgiram lá no Recife
contra os jovens estudantes
que devem ser no futuro
da pátria representantes.

Invadiram o Diretório
Estudantil, um recinto
Universidade Católica
de Pernambuco e, não minto,
foi atingido por bala
o estudante Cândido Pinto.

Foi sequestrado e foi preso
o estudante Cajá
o encerramento no cárcere,
passou um ano por lá.
Meu Deus! a democracia
deste país onde está?



Cajá, o dito estudante,
pessoa boa e benquista,
pra viver com os pequenos
deixou de ser carrerista
e por isto, o mesmo foi
tachado de comunista.

Será que ser comunista
é dar ao fraco instrução,
defendendo os seus direitos
dentro da justa razão,
tirando a pobreza ingênua
das trevas da opressão?

Será que ser comunista
é mostrar certos planos
para que o povo não viva
envolvida nos enganos
e possam se defender
do jugo dos desumanos?

Será que ser comunista
é saber sentir as dores
da classe dos operários,
também dos agricultores
procurando amenizar
horrores e mais horrores?

Tudo isto, leitor, é truque
de gente sem coração
que, com o fim de trazer
os pobres na sujeição,
da palavra comunismo
inventa um bicho papão.

Porém a Igreja dos pobres,
fiel se comprometeu,
cada um tem o direito
de defender o que é seu,
para quem segue Jesus
nunca falta um Cirineu.

Mostrando a mesma verdade
de Jesus na Palestina
o movimento se estende
contra a opressão que domina
sobre os nossos irmãos pobres
de toda América Latina.

Quando Jesus Cristo andou
pregando sua missão,
falou sobre a igualdade,
fraternidade e união,
não pode haver injustiças
na sua religião.



XILOGRAVURA POPULAR (Autor Ignorado)

Por este motivo a Igreja
nova posição tomou,
dentro da América Latina
a coisa agora mudou,
o bom cristão sempre faz
aquilo que Deus mandou.

É justo por excelência
o Autor da Criação,
devemos amar a Deus
por direito e gratidão.
Cada um tem o dever
de defender seu irmão.

Por isto, os nossos pastores,
trilham penosas estradas
observando de Cristo
suas palavras sagradas,
trabalhando em benefício
das classes desamparadas.

Declarando desta forma
a santa luz da verdade
para que haja ente todos
amor e fraternidade
e boa organização
dentro da sociedade.

Pois vemos o estudante
pelo poder perseguido,
operário, agricultor,
o nosso índio querido
e o negro? Pobre coitado!
É o mais desprotegido.



Vendo a medonha opressão
Que vem do instinto profano
me vem a mente o que disse
o grande bardo baiano
O Poeta dos Escravos
apelando ao Soberano.

Senhor Deus dos desgraçados
dizei-me vós, Senhor Deus,
se é mentira, se é verdade
tanto horror perante os céus.

(Castro Alves)

Meu caro leitor desculpe
esta falta que cometo.
Me desviando do assunto
Da história que lhe remeto,
O caso do Padre Henrique,
Motivo deste folheto.

Se me desviei do ritmo,
não queira se aborrecer,
é porque as outras cousas
eu queria lhe dizer,
pois tudo que ficou dito,
você precisa saber.

Mas, agora lhe prometo
com bastante exatidão,
terminar para o amigo
esta triste narração
contando tudo direito
sem sair da oração.



Eu disse ao caro leitor
que foi no mato encontrado
nosso Padre Antonio Henrique
de faca e bala furado,
agora conto direito
como ele foi sepultado.

Na Igreja Espinheiro
foi o povo aglomerado
e ao cemitério da Várzea
foi pelos fiéis levado
o corpo do padre Henrique
que morreu martirizado.

Enquanto o cortejo fúnebre
ia levantando o caixão
este estribilho se ouvia
pela voz da multidão:
“Prova de amor maior não há
que doar a vida pelo irmão”

Treze quilômetros a pé
levaram o corpo seu
lamentando lacrimosos
o caso que aconteceu,
a morte de um jovem padre
que pelos jovens morreu.

La naquele caixão
quem grande exemplo deixou
em defesa dos oprimidos
a sua vida entregou
e foi receber no Céu
o que na terra ganhou.



O corpo ia acompanhado
em forma de procissão,
com as vozes dos fiéis
ecoando na amplidão:
“Prova de amor maior não há
que doar a vida pelo irmão”.

A vida do Padre Henrique
vamos guardar na memória,
ele morreu pelo povo,
é bonita a sua história
e foi receber no céu
sua coroa e glória.

Pensando no triste caso
entristeço e me comovo,
o que muitos já disseram,
eu disse e digo de novo,
o Padre Henrique é um mártir
que morreu pelo seu povo.

Prezado amigo leitor
esta dor é minha e sua
de ver morrer Padre Henrique
de morte tirana e crua,
porém a Igreja dos pobres
sua luta continua.

Quem da Igreja do Espinheiro
Santa Casa de oração
ao cemitério da Várzea,
palmilhar aquele chão
a 27 de maio,
sentirá recordação.

Do corpo de um padre jovem
conduzido em um caixão,
e parece ouvir uns versos
com sonora entoação:
“Prova de amor maior não há
que doar a vida pelo irmão”.

Dom Hélder Câmara





CABRA DA PESTE

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas nunca esmorece, procura vencê,
Da terra adorada, que a bela caboca
Com riso na boca zomba no sofrê.

Não nego meu sangue, não nego meu nome,
Olho para fome e pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará.

Tem muita beleza minha boa terra,
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.
Por ela eu me acabo, dou a prope vida,
É terra querida do meu coração.

Meu berço adorado tem bravo vaquero
E tem jangadero que domina o má.
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste fio do Ceará.

Ceará valente que foi muito franco
Ao guerreiro branco Soares Moreno,
Terra estremecida, terra predileta
Do grande poeta Juvená Galeno.



Sou dos verde mare da cô da esperança,
Qui as água balança pra lá e pra cá.
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará.

Ninguém me desmente, pois, é com certeza
Quem qué vê beleza vem ao Cariri,
Minha terra amada pissui mais ainda,
A muié mais linda que tem o Brasi.

Terra da jandaia, berço de Iracema,
Dona do poema de Zé de Alencá
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará.

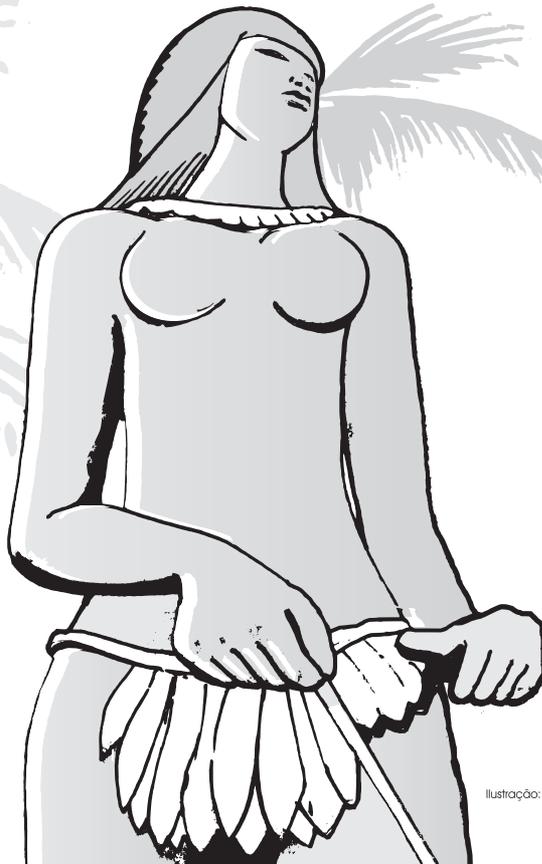


Ilustração: ARIEVALDO



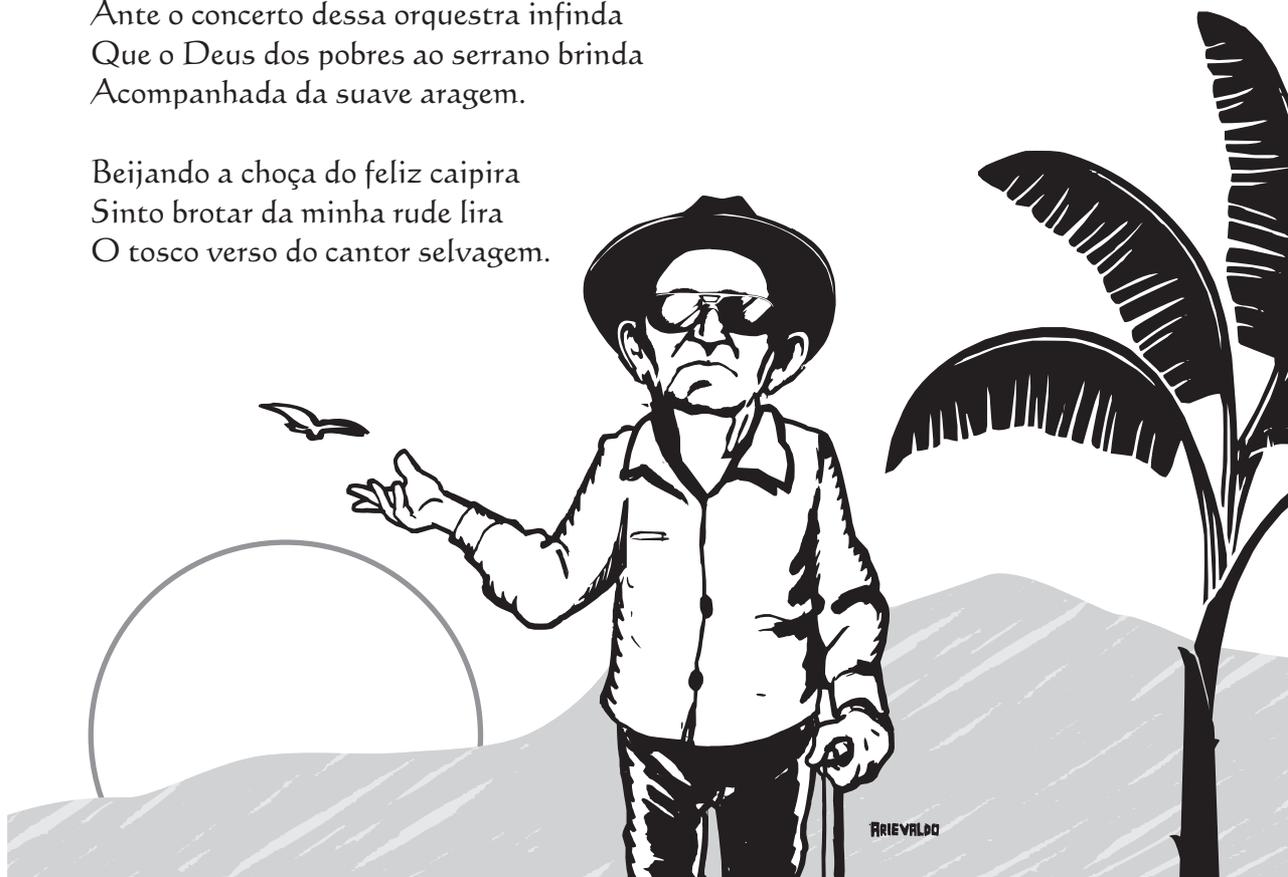
MINHA SERRA

Quando o sol ao nascente se levanta
Espalhando os seus raios sobre a terra
Entre a mata gentil da minha serra
Em cada galho um passarinho canta.

Que bela festa! Que alegria tanta!
E que poesia o verde campo encerra!
O novilho gaiteia, a cabra berra,
Tudo saudando a natureza santa.

Ante o concerto dessa orquestra infinda
Que o Deus dos pobres ao serrano brinda
Acompanhada da suave aragem.

Beijando a choça do feliz caipira
Sinto brotar da minha rude lira
O tosco verso do cantor selvagem.





O BOI ZEBU E AS FORMIGAS

Um boi zebu certa vez
Molhadinho de “suó”,
Querem saber o que ele fez
Temendo o calor do “só”?
Entendeu de demorar
E uns minutos cochilar
Na sombra de um juazeiro
Que havia dentro da mata
E firmou as quatro pata(s)
Em cima de um formigueiro.

Já se sabe que a formiga
Cumpre a sua obrigação,
Uma com a outra não briga
Vive em perfeita união
Paciente trabalhando
Suas folhas carregando
Um grande exemplo revela
Naquele seu vai e vem
E não mexe com ninguém
Sem ninguém mexer com ela.



Por isto com a chegada
Daquele grande "animá"
Todas ficaram zangada(s),
Começaram a se "assanhá"
E foram se reunindo
Nas pernas do boi subindo,
Constantemente a subir,
Mas tão devagar andava(m)
Que no começo não dava
Pra ele nada sentir.

Mas, porém como a formiga,
Em todo canto se soca,
Dos casco até na barriga
Começou a "frivioca"
E no corpo se espalhando
O zebu foi se zangando
E os cascos no chão batia
Mas porém não melhorava,
Quanto mais coice ele dava
Mais formiga aparecia.



Com esta formigaria
Tudo picando sem dó,
O lombo do boi ardia
Mais do que na luz do “só”
E ele zangado, às patada(s),
Mais a força incorporada
O valentão não aguenta,
O zebu não estava bem,
Quando ele matava cem,
Chegavam mais de quinhenta(s).

Com a feição de guerreira
Uma formiga animada
Gritou para as companheira(s):
- Vamos, minhas camaradas,
Acabar com o capricho
Deste ignorante bicho
Com nossa força comum
Defendendo o formigueiro
Nós somos muitos milheiro(s)
E este zebu é só um.

Tanta formiga “chegô”
Que a terra ali ficou cheia
Formiga de toda “cô”
Preta, amarela e “vremêia”
No boi zebu se espalhando
Cutucando e pinicando
Aqui e ali tinha um “moio”
E ele com grande fadiga
Pruqué já tinha formiga
Até por dentro dos “oio”.





Com o lombo todo ardendo
Daquele grande aperreio
O zebu saiu correndo
Fungando e berrando feio
E as formiguinha(s) inocente
Mostraram pra toda gente
Esta lição de “morá”
Cronta a farta de respeito
Cada um tem seu direito
Até nas lei “naturá”.

As formiga a defender
Sua casa, o formigueiro,
Botando o boi pra correr
Da sombra do juazeiro,
Mostraram nesta lição
Quanto pode a união;
Neste meu poema novo
O boi zebu quer dizer
Que é os mandão do poder,
E estas formiga(s) é o povo.





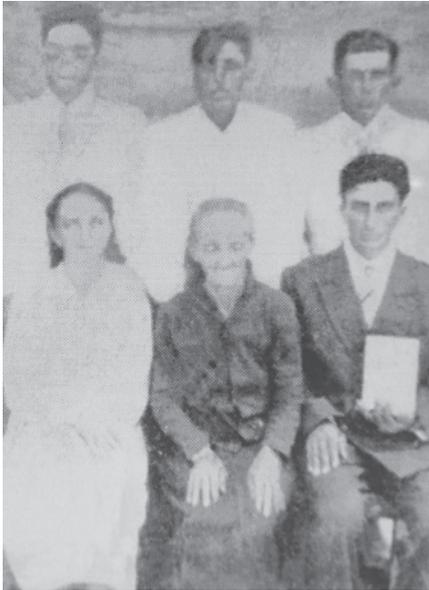
ANEXOS



CRONOLOGIA

Pesquisa e textos: Assis Ângelo
Jornalista, escritor e pesquisador musical

1909 - Na Serra de Santana, Assaré, CE, nasce Antônio, o segundo dos cinco filhos dos agricultores Pedro Gonçalves e Maria Pereira. Antes, nascera José.



Patativa com a mãe e irmãos

1910 - Uma conjuntivite ataca Antônio, que perde a visão direita. Nasce Pedro.

1912 - A família começa a chamar Antônio de Sinhozinho. Nasce o quarto irmão, Joaquim.

1915 - O casal Pedro-Maria ganha uma herdeira: Maria.

1917 - Ouve pela primeira vez alguém ler um folheto de cordel e decide ser cordelista. O pai morre, aos 41 anos.

1918 - Junto com o irmão José, trabalha no cabo da enxada para ajudar a mãe (ao centro, na primeira fila) a criar Pedro, Joaquim e Maria.

1921 - Frequenta uma escola, que abandona após quatro meses. Motivo, segundo Patativa: “o professor não sabia nada”. O primeiro livro que lê por inteiro é o Segundo Livro de Leitura, do prof. Felisberto Carvalho.

1922 - Começa a contar histórias versificadas. A temática são as brincadeiras das festas juninas. Elege Leandro Gomes de Barros como seu cordelista predileto e Rogaciano Leite e Zé Limeira, os poetas repentistas.

1925 - Compra uma viola e passa a se dedicar ao canto de improviso, sem a intenção de se profissionalizar.

- 1929** - Viaja ao Pará com um primo da mãe, José Alexandre Montoril;
- Conhece José Carvalho de Brito, tabelião do 1º Cartório de Belém, que publica um poema de sua autoria no jornal Correio do Ceará;
 - Ganha de Carvalho o apelido de Patativa (“É ave que canta solta/E inda mais canta cativa/Seu nome agora é Antônio/Crismado por Patativa”) por sua bonita voz e para diferenciá-lo de outros “Patativas”, como Patativa do Norte (Augusto Calheiros);
 - Volta a Assaré, após cinco meses de ausência.

- 1930** - Carvalho edita o livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*. Num capítulo Antônio Patativa surge duelando em versos com o cantador José Francisco. Um trecho em décimas:

Zé Francisco não se apresse
Tenha medo do perigo
Você pra cantar comigo
Vá primeiro e se confesse
Seu ronco não me estremece
Não me faz esmorecê
É necessário eu dizê:
Prepare seus documento
Não vá chamá por São Bento
Depois da cobra mordê.

- 1934** - Na 1ª edição de *Vaqueiros e Cantadores* (Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), à pág. 169, o estudioso da vida do povo Luís da Câmara Cascudo, de Natal, RN, insere referências a Antônio, colhidas do livro de José Carvalho.

- 1940** - Empunhando viola, Antônio Patativa se apresenta desenvolto ao lado de Lourival Batista, João Alexandre e Rogaciano Leite, entre outros cantadores.

- 1943** - Antônio é preso, depois de tentar falar com o prefeito da sua cidade. Enquanto ouve o trinar de uma patativa na gaiola, compõe:





“... Linda avezinha pequena/Temos o mesmo desgosto/
Sofremos a mesma pena/Embora, em sentido oposto/
Meu sofrer e teu penar/Clamam a Divina Lei/Tu presa
para cantar/E eu preso porque cantei”.

1954 - Agora conhecido por Patativa do Assaré, o poeta participa de programas da Rádio Araripe uma vez por mês, aos domingos.

- Conhece o latinista José Arraes de Alencar.

1955 - Publica o poema Pau de Arara do Norte, também conhecido como A Viagem, num folheto de cordel, hoje raríssimo.

1956 - Sai *Inspiração Nordestina* com prefácio de José Arraes e autobiografia do autor, a pedido do prefaciador. Pau de Arara do Norte aparece no livro.

1963 - Luiz Gonzaga ouve em Puxinanã, PB, terra do poeta Zé da Luz, o repentista José Gonçalves cantar na Rádio Borborema, de Campina Grande, PB, A Triste Partida, poema formado por 19 estrofes e 114 versos heptassílabos, cuja história, centrada numa família atacada pelas intempéries da seca, transcorre em cinco partes. Através de Pedro Bandeira, conhece o autor e grava o poema no ano seguinte. A gravação dura 8'54". O rei do baião faria pelo menos mais seis registros diferentes dessa obra.

1967 - Acrescida do subtítulo Cantos de Patativa, é lançada a 2ª edição do livro *Inspiração Nordestina*, com observações assinadas por José Arraes de Alencar (J.A.A.).

1970 - J. de Figueiredo Filho publica *Patativa do Assaré, Novos Poemas*

Comentados. À pág. 11, o poeta canta:

Seguindo o mesmo caminho/Levando o mesmo sabor/
Aí vai outro livrinho/Prezado amigo leitor/
Não é com arte composto/Mas nele sente-se o gosto/
Da poesia nativa/É ferro da mesma mina/
De Inspiração Nordestina/E Cantos de Patativa.



1972 - Morre Maria, mãe de Patativa, aos 89 anos.

1973 - O poeta é atropelado por um automóvel em Fortaleza, CE, ao tentar atravessar a Avenida Duque de Caxias.

1975 - O poeta volta à Assaré puxando uma perna, após delicadas cirurgias no Rio de Janeiro.

1977 - O professor Raymond Cantel leva à França a obra do poeta, para estudo na Cadeira de Cultura Popular Universal da Sorbonne.

1978 - A Editora Vozes publica o livro *Cante Lá, que eu Canto Cá*.

1979 - Fagner produz *Poemas e Canções*, LP de Patativa, pelo selo Epic; e Soro, LP no qual o poeta declama Vida Sertaneja, gravado em ritmo de rap pela cantora baiana Daúde no CD Simbora, de 99;

- No LP *Soro*, a primeira homenagem musical ao poeta:

Passarim de Assaré, de Fagner e Fausto Nilo. Nesse disco, Fagner canta e toca piano;

- Rosemberg Cariry lança o documentário Patativa do Assaré, um Poeta Camponês;

- Na capital paulista, o poeta conhece o jornalista paraibano Assis Ângelo, que viria a ser o seu biógrafo.

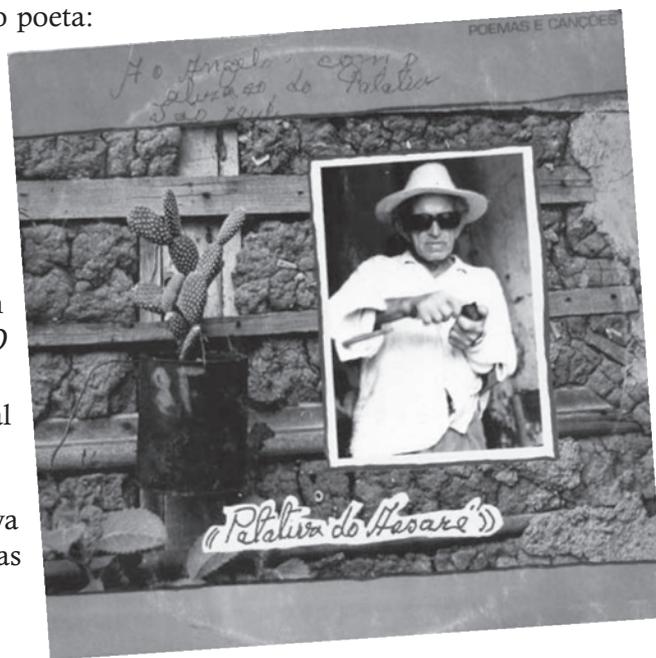
1980 - Luiz Gonzaga regrava A Triste Partida, dessa vez com Gonzaguinha. A gravação, de 6'42", é inserida no LP *O Homem da Terra*;

- O Quinteto Agreste ganha o 1º lugar do Festival Credimus da Canção com Seu Dotô, me Conhece?

- Fagner grava Vaca Estrela e Boi Fubá;

- Ednardo produz o LP duplo Massafeira, com Patativa interpretando, de sua autoria, Senhor Doutor, numa das faixas.

1981 - Fagner produz o segundo LP de Patativa, *A Terra é Naturá*;



- Rolando Boldrin grava Vaca Estrela e Boi Fubá, que sai no LP *Caipira*.

- O poeta passa a morar em Assaré, à rua Cel. Onofre, 27, a poucos metros da Igreja Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade;

- No dia 12 de dezembro, a 1ª edição do jornal Diário do Ceará vai às bancas com longa entrevista do poeta.

1982 - O poeta é homenageado no Teatro José de Alencar. Emocionado, ele faz discurso em versos, de improviso;

- Em LP, o grupo Quinteto Agreste grava Vaca Estrela, Boi Fubá.

1983 - O cantor Lourival Alexandre grava Triste Partida, no LP *Poemas e Canções Nordestinas*.

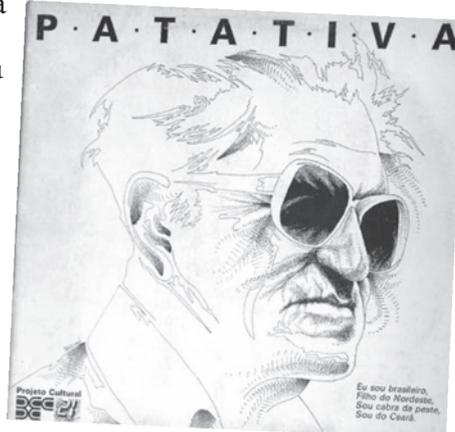
1984 - O poeta participa da campanha Diretas-Já e declama:

Bom camponês e operaro/ A vida tá de amargá/
O nosso estado precaro/ Não há quem possa
aguenta/
Neste espaço dos vinte ano/ Que a gente entrou
pelo cano/
A confusão tá completa/ Mode a coisa miorá/
Nós vamo bradá e gritá/ Pela inleição direta.

- O historiador J.R. Tinhorão destaca em título na coluna que assinava no Jornal do Brasil, edição de 2 de setembro: “Quem quiser conhecer poesia em estado puro ouça o Patativa do Assaré”;

- Luiz Gonzaga e Fagner registram Vaca Estrela e Boi Fubá, em LP;

Documentário feito por alunos de jornalismo da Universidade Federal do Ceará, conta a trajetória do poeta.



1985 - O poema Seca d'Água é musicado por Chico Buarque, Fagner e outros medalhões da MPB e gravado num compacto simples comercializado pela CEF e renda revertida aos flagelados das enchentes no Nordeste. Às emissoras de rádio foi distribuído um mix no formato de LP, intitulado: Nordeste Já;

- Projeto do Banco do Estado do Ceará resulta num disco: Patativa, com ilustração de Petchó extraída da reportagem Do Sertão até Paris, de Assis Ângelo, no suplemento Folhetim, Folha de S.Paulo, edição de 28/2/1982.

1987 - Alcymar Monteiro e João Paulo Jr. põem melodia no poema Sofreu (Currupião), que sai no LP *Rosa dos Ventos* e no LP Gostoso *Tempero*, de Zé Lima.

1989 - Inaugurada a Rodovia Patativa do Assaré, ligando Assaré a Antonina do Norte.

- O poeta recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Regional do Cariri e um mimo: Hino à Patativa, de Stênio Diniz, faixa A do compacto duplo *80 Anos de Luz*;
- Lançado o LP *Canto Nordestino*, com produção de Rosemberg Cariry e Luiz Carlos Bezerril.

1990 - No 8º Musicanto Sul-Americano de Nativismo, Eudes Fraga e Nilson Chaves apresentam Seu Dotô me Conhece? A obra sai no LP 308.6263, em 1991.

1992 - A Fundação de Cultura e Ciência de Fortaleza condecora Patativa com o título Honra ao Mérito.

1993 - O diretor Luiz Fernando Carvalho faz o poeta participar de um capítulo da novela *Renascer*, da TV Globo. No SBT, é entrevistado por Jô Soares.

1994 - No dia 15 de maio, morre Belarmina Paes Cidrão;

- O cineasta Ronaldo Nunes, apoiado em roteiro de Osvaldo Barroso, roda o documentário *O Voo da Patativa*;
- Apadrinhado por Patativa, o garoto José Fábio grava *Lamento de um Nordestino*, *Estrada de Minha Vida* e *Menino de Rua*, este último poema feito para ele.

1995 - Do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o poeta recebe a Medalha José de Alencar, a mais importante do Ceará. No discurso de agradecimento, critica o Real e denuncia o abandono em que vive o povo nordestino;

- O vice-reitor da Universidade do Cariri, Plácido Cidade Nuvens, lança o livro



Patativa e o Universo Fascinante do Sertão;

- Sérgio Reis grava em LP *Vaca Estrela e Boi Fubá*;

- O mesmo o faz Claudio Nucci, em CD.

- Gildário, sobrinho-neto de Patativa, grava *Assaré Querido*, com a participação de Nilton Fiore, Adauto Oliveira, Manassés, Geraldo Amâncio, Oliveira de Panelas e Otacílio Batista é lançado o LP *Patativa do Assaré, 85 Anos de Poesia*.

1996 - A dupla Pena Branca & Xavantinho grava *Vaca Estrela e Boi Fubá*;

- Cícero do Assaré dá título a um CD com poema de Patativa, *Meu Passarinho meu Amor*, que ele musica. No mesmo disco, *Lamento de um Nordestino*;

- A gravadora Sony Music, via selo Columbia, lança o álbum duplo *Mitos & Músicas*, reunindo obras de Jackson do Pandeiro e Patativa.

1997 - O ator Jackson Antunes declama, na novela *Rei do Gado*:

Quero um chefe brasileiro/Fiel, firme e justiceiro/
Capaz de nos proteger/Que do campo até a rua/
O povo todo possua/O direito de viver/
Quero paz e liberdade/Sossego e fraternidade/
Na nossa pátria natal/Desde a cidade ao deserto/
Quero o operário liberto/Da exploração patronal...

- O programa *Fantástico*, da TV Globo, edita trechos do espetáculo teatral *Patativa do Assaré*, que tem por base *A Triste Partida*;

- Inaugurada a Rádio Comunitária *Patativa do Assaré*, em Assaré;

- Lançado no formato de CD o LP *85 Anos de Poesia Patativa do Assaré*;

- Alcymar Monteiro grava *Ingém de Ferro e Nordestino sim, Nordestinado não*, no LP *3º Circuito de Vaquejadas*;

- Abidoral Jamacaru põe melodia no poema *O Peixe*, que dá título a seu CD;

- Simone Guimarães põe pingos nos “is” ao regravar *Sina*, acrescentando à música crédito ao poeta de Assaré;

1998 - No dia 9 de fevereiro, Fagner envia carta ao jornalista Assis Ângelo na qual revela ter sido o primeiro artista a gravar *Vaca Estrela e Boi Fubá*;



- No dia 10 de agosto, a Assembléia Legislativa de São Paulo promove Sessão Solene como parte das comemorações do 90º aniversário do poeta;
- No dia 28 de agosto José Fábio interpreta em ré-maior, na TV Câmara de São Paulo, A Triste Partida. A interpretação dura pouco menos de sete minutos;
- No dia 6 de outubro o poeta é homenageado no Domingão do Faustão. Indagado sobre seu gosto alimentar, disse: “Matuto não escolhe comida”;
- O xilogravurista José Lourenço Gonzaga lança álbum com motivos à Patativa;
- José Fábio grava CD com 15 poemas do poeta, musicados por Téo Azevedo. O disco tem a participação de Dominginhos e outros artistas;
- Edvaldo Lopes musica e grava O Romance de Juazeiro à Petrolina.
- Alcântara das Luzes compõe com Nonato Natureza a canção Legado Sertanejo, dedicada ao poeta, no CD *Pipoca & Cruz*;
- Patativa dita a Assis Ângelo, às vésperas da inauguração do seu Memorial, em Assaré:

Conheço que estou no fim/Sei que a terra me come/
Mas fica vivo o meu nome/Para os que gostam de mim.

1999 - Inaugurado o Memorial Patativa do Assaré;

- Gildário lança o CD *Os Contos de Patativa*. Pouco antes lançara *Asas da Poesia*, com poemas que musicou do tio-avô;
- Lançado o livro *O Poeta do Povo, Vida e Obra de Patativa do Assaré*, de Assis Ângelo.

O poeta declama:

Não sei o que é sul ou norte
Pois não escuto nem vejo
Porém não lamenta a sorte
Este bardo sertanejo
Me sinto muito feliz
Porque sei que assim quis
A Divina Majestade.
Com estes versinhos meus
Primeiro agradeço a Deus:
Meus noventa anos de idade.



2000 - Lançado o CD *Patativa do Assaré*, na Coleção Memória do Povo Cearense Volume IV. A gravação, com a voz de Patativa, foi feita em 1989. O poeta, que jamais trocou Assaré por terra nenhuma, declama:
Se por capricho da sorte/Eu sertanejo nasci/
Até chegar minha morte/Eu hei de viver aqui.

2002 - Vítima de pneumonia dupla e falência múltipla dos órgãos, o poeta cerra os olhos na noite do dia 8 de julho. O fato é noticiado em todo o país. Dezenas de folhetos de cordel são publicados, contando a trajetória do poeta. *A Triste Partida de Patativa do Assaré*, de Antônio Klévisson Viana, é um deles;
- No jornal carioca A Nova Democracia, edição de setembro, Peter Alouche:
“Patativa cantou com a voz cristalina de um pássaro e com a visão messiânica de um profeta as dores e alegrias de um povo simples e sofrido. Clamou no sertão como João Batista no deserto, contra as injustiças e desigualdades. Falou um pouco de tudo (...) Ele foi o Victor Hugo do Nordeste popular”;

- Fagner lança CD e DVD, com o poema musicado Festa da Natureza.

“Patativa do Assaré foi um diamante belo e bruto da poesia nordestina. Simples e profundo carregado de natureza e atitudes humanas, expressou sua força em versos que como um turbilhão derrama-se em palavras que assentam na alma do povo do sertão e no solo nordestino”.

Zé Ramalho





FILMOGRAFIA

- Patativa do Assaré: Um Poeta Camponês. Super 8. 42 minutos. Direção: Rosemberg Cariry. Fotografia Luiz Carlos Salatiel, Rosemberg Cariry e Jackson Bantim. Produção: José Wilton Dedê e João Teófilo Pierre. Fortaleza, 1999.
- Patativa do Assaré: Um Poeta do Povo. 16mm e 35mm. 17 minutos. Direção de Jefferson de Albuquerque Jr. e Rosemberg Cariry. Fotografia de Hermano Penna. Fortaleza, 1984.
- Patativa do Assaré - Vídeo documentário realizado pelos estudantes de comunicação Social da UFC. Produção: TV Educativa. Fortaleza, 1984.
- Seca D'Água. Criação coletiva. Video Clip a partir de poema de Patativa. Canção interpretada por grandes nomes da música popular brasileira. Produção: Raimundo Fagner. Rio de Janeiro, 1985.
- O Voo da Patativa. Vídeo. Média metragem. Direção de Oswald Barroso. Fotografia de Ronaldo Nunes. Produção: TV Ceará. Fortaleza, 1995.

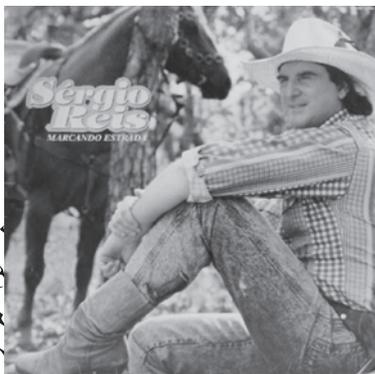


- 
- Patativa - Documentário e desenho animado. Colorido. 35mm. Direção: Ítalo Maia. Fortaleza, 2001.
 - Assaré, Sertão da Poesia. Vídeo documentário. Média metragem. TV Cultura. São Paulo, 2000.
 - Romance da Terra da Água. Documentário. Colorido. 35mm. Direção: Jean Pierre Duret. Produção: Andréa Santana. Paris, 2001.
 - Antonio Gonçalves da Silva, a trajetória. Vídeo documentário. Média metragem. Direção de Jackson Bantim. Crato, 1997.
 - Patativa do Assaré, Ave Poesia. Documentário, Longa-metragem. 84 minutos. Direção de Rosemberg Cariry. Fotografia: Jackson Bantim, Hermano Penna, Luiz Carlos Salatiel, Beto Bola e Ronaldo Nunes. Produção de Petrus Cariry. Fortaleza, 2007.
 - Patativa do Assaré, O Poeta Cidadão. Documentário realizado pela TV Legislativa. Núcleo de documentação; Ângela Gurgel. Produção: Ana Célia, Clara Pinho e Janaina Gouveia. Fortaleza, 2007.
 - Passarim de Assaré. Vídeo clip. Vídeo digital. Direção Rosemberg Cariry. Fotografia: Kim. Música: Fagner e Fausto Nilo. Cantores: Fausto Nilo, Fagner e Amelinha. Fortaleza, 2009.
 - A Montanha Mágica. Ficção/documentário. Curta metragem. Colorido. 35mm. Direção Petrus Cariry. Fortaleza, 2009.

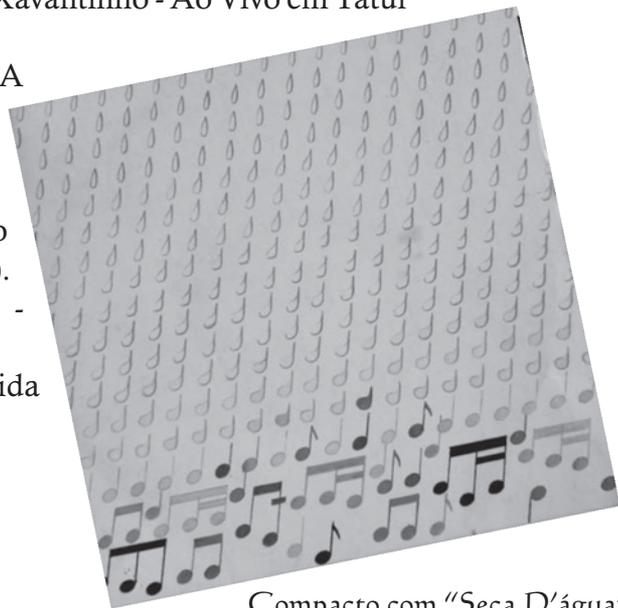


DISCOGRAFIA

- Luiz Gonzaga - Triste Partida 1964.
- Raimundo Fagner - Manera Fru-Fru, 1972 (faixa “Sina”), parceria com Fagner e Ricardo Bezerra.
- Patativa do Assaré - Poemas e Canções, 1979.
- Raimundo Fagner - Raimundo Fagner, 1980 (faixa Vaca Estrela e Boi Fubá).
- Quinteto Agreste - Seu dotô me conhece - Compacto em vinil com a música vencedora do 1 Festival Credimus da Canção, parceria de Patativa do Assaré com Mário Mesquita, 1980.
- Massafeira Livre - Patativa do Assaré, disco 1, lado B (faixa “Senhor Doutor”), gravado ao vivo no Theatro José de Alencar, em 1979. lançado pela CBS, 1980.
- Patativa do Assaré - A Terra é Naturá, produção de Raimundo Fagner. Gravadora CBS, 1981.
- Som Brasil - Participação de Patativa do Assaré, gravada ao vivo no Programa Som Brasil, dia 30 de novembro de 1981.
- Quinteto Agreste - Quinteto Agreste (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”).
- Patativa do Assaré - Patativa do Assaré, 1985 (Projeto Cultural do BEC).
- Criação coletiva - Seca D'Água, 1985, a partir de poema de Patativa, interpretada por grandes nomes da música popular brasileira. Produção de Fagner.
- Alcymar Monteiro - Rosa dos Ventos, 1987 (faixa “Sofreu”).



- Patativa do Assaré - Canto Nordestino, Produzido por Rosemberg Cariry, 1989.
- Patativa do Assaré - 80 anos de Luz, 1989.
- Joãozinho do Exu - Lembrando você, 1983 (faixa “A natureza chora”).
- Patativa do Assaré - 85 anos de poesia, 1994.
- José Fábio - José Fábio, 1994 (faixas “Vaca Estrela e Boi Fubá”, “Menino de Rua”, “Lamento de um nordestino” e “Estrada da minha vida”).
- Mastruz com Leite - O Boi Zebu e as Formigas, 1995 (faixa título).
- Sérgio Reis - Marcando Estrada, 1995 (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”).
- Cícero do Assaré - Meu passarinho meu amor, 1996 (faixas “Meu passarinho meu amor” e “Lamento de um nordestino”).
- Mastruz com Leite - Em todo canto tem cearense, inclusive neste cd (faixa “Sem Terra”). Fortaleza.
- Fagner - 20 Super Sucessos II (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”).
- Pena Branca e Xavantinho - Cio da Terra, 1996 faixa (“Vaca Estrela e Boi Fubá”).
- Gildário - Sou Nordestino (faixas “Saudade”, “Tenha pena de quem tem pena”, “Assaré Querido” e “Sou Nordestino”).
- Cláudio Nucci e Nós & Voz - É boi (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”).
- Alcymar Monteiro - 3º Circuito de Vaquejadas, 1997 (faixas “Ingém de Ferro” e “Nordestino sim, nordestino não”).
- Renato Teixeira e Pena Branca e Xavantinho - Ao Vivo em Tatuí (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”).
- Gildário - Agora (faixas “A tristeza”, “Saudação a Juazeiro”, “Morena e Mastruz com Leite”).
- Baby Som - Quente e Arrochado volume 2 (faixa “Ao rei do baião”).
- Alcymar Monteiro - Eterno - Moleque (faixa “Minha Viola”).
- Daúde - Daúde (faixa “Vida Sertaneja”).



Compacto com “Seca D’água”

- Abidoral Jamaru - O Peixe, 1997 (faixa título).
- Simone Guimarães - Cirandeiro, 1997 (faixa “Sina”).
- Cantorias e Cantadores 2 - Pena Branca e Xavantinho (faixa “Vaca Estrela e Boi Fubá”). Kuarup Discos, s/d.
- José Fábio - José Fábio canta Patativa do Assaré, 1998.
- Notícias do Brasil - Myrlla Muniz canta “Casinha de Palha”, Cariri Discos. Fortaleza/Brasília - 2007.
- Caixa do Patativa - Músicas e poemas de Patativa interpretados por Têti, Fernando Néri, Abdoral Jamaru, Gildário, Cícero de Assaré, Myrlla Muniz, Calé Alencar, Gylmar Chaves, Cainã Cavalcante, Edmar Gonçalves, Palhoça das Artes, Banda de Pifanos dos Irmãos Aniceto, Pingo de Fortaleza, Pachelly Jamaru, Ricardo Guilherme, Quinteto Violado, Geraldo Amâncio, Zé Maria de Fortaleza, Quarteto Musiart. Produção: Calé Alencar e Gylmar Chaves. Realização: Cariri Discos e Equatorial Produções. Fortaleza, 1999.





Xilog. JOSÉ LOURENÇO



BIBLIOGRAFIA

- *O matuto Cearense e o Caboclo do Pará*. José Carvalho. Reedição. Edições UFC. Fortaleza, 1973;
- *Inspiração Nordestina*, Rio de Janeiro, Borsoi Editor, 1956;
- *Inspiração Nordestina - Cantos do Patativa*. Rio de Janeiro, Borsoi Editor, 1967.
- *Patativa do Assaré. Novos Poemas Comentados*. J. de Figueiredo Filho, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1970;
- *Cante lá que eu canto cá*. Editora Vozes. Petrópolis, 1978;
- *O Metapoema em Patativa do Assaré: Uma Introdução ao Pensamento Literário do Poeta*. Francisco de Assis Brito. Crato, Faculdade de Filosofia, 1984;
- *Ispinho e Fulô*. Fortaleza. Editado por Rosemberg Cariry. IOCE, 1988;
- *Balceiro*. Patativa e outros poetas de Assaré. Organizado por Patativa do Assaré e Geraldo Gonçalves de Alencar. Editado por Rosemberg Cariry. Fortaleza, Secult/IOCE, 1991;
- *Filosofando com Patativa*. Jesus Rocha. Fortaleza, Stylus Comunicações, 1991.
- *Cordéis do Patativa*. Caixa com 13 folhetos. Juazeiro do Norte, Lira Nordestina (edição da Secult com apoio da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte);
- *Aqui tem coisa*. Fortaleza, Secult/IOCE, 1994;
- *Nordestinos*. Coletânea poética do Nordeste brasileiro. Organizada por Pedro

Américo de Farias. Lisboa, Editorial Fragmentos, 1994;

- *Patativa e o universo fascinante do sertão*. Plácido Cidade Nuvens. Fortaleza, Unifor, 1995;
- *Letras ao Sol. Antologia da Literatura Cearense*. Organizada por Oswald Barroso e Alexandre Barbalho. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1998;
- *Patativa do Assaré - Um Clássico*. Plácido Cidade Nuvens. A Província Edições. Crato 2002;
- *Patativa do Assaré - Pássaro Liberto*. Gilmar de Carvalho. Edição Museu do Ceará, Fortaleza, 2002;
- *Patativa Poeta Pássaro do Assaré* - Gilmar de Carvalho. Editora Inside Brasil. Fortaleza, 2000;
- *Patativa do Assaré - Uma voz do Nordeste*. Sylvie Debs. Editora Hedra. São Paulo, 2000;
- *Patativa A trajetória de um canto*. Luiz Tadeu Feitosa. Editora Escrituras. São Paulo, 2003;
- *Patativa do Assaré - Antologia Poética*. Org. Gilmar de Carvalho. Edições Demócrito Rocha, Fortaleza, 2001;
- *Patativa do Assaré - As razões da emoção*. Cláudio Henrique Sales Andrade. Editora UFC, Fortaleza, 2004;
- *Balceiro 2* Org. Patativa do Assaré e Geraldo Gonçalves de Alencar. Edições Secult/Terceira margem, Fortaleza/São Paulo, 2001;
- *Patativa do Assaré - Digo e não peço segredo*. Org. por Tadeu Feitosa. Editora Escrituras, São Paulo, 2001;
- *Melhores poemas de Patativa do Assaré*. Seleção e apresentação de Cláudio Portela. Global Editora. Rio de Janeiro, 2006;
- *O poeta do Povo: vida e obra de Patativa do Assaré*. Assis Ângelo. São Paulo, CPC-UMES, 1999;
- *Ao pé da mesa, motes e glosas*. Patativa do Assaré e Geraldo Gonçalves de Alencar. Terceira Margem./ Secult. São Paulo/Fortaleza, 2001;
- *Poésie du Nordeste du Brésil*, de Jean-Pierre Rousseau - Coletânea de poetas eruditos e populares cearenses, traduzidos para o francês. Ilustração de José Leite Mesquita - Edição Cahiers Bleus. Paris, 2002.



poeta, e aí vi Patativa pela primeira vez.

Encontramo-nos depois outras vezes em São Paulo, onde pude entrevistá-lo para o jornal *A Classe Operária*.

No ano passado, levei meu filho Pedro e minha companheira Rita para conhecer o pequeno Museu do Patativa no Assaré, quando passamos também por Exu para avistar o Museu do Luiz Gonzaga.

Inácio Arruda renova o encontro do Ceará e do Brasil com um dos seus maiores. É sempre bom reencontrar e homenagear o grande Patativa, é uma forma de reencontrar o Sertão, de retomar o Nordeste, de rever o Ceará e de sonhar com o Brasil grande, forte e justo, na expressão maior do seu povo, sonho que sonhou Patativa.

Aldo Rebelo

Deputado Federal/PCdoB-SP

